

Diógenes Laércio, livro X: Epicuro - Notas Preliminares e Tradução

Diogenes Laertius, Book X: Epicurus - Preliminary Notes and Translation

DOI: <https://doi.org/10.24206/lh.v5i2.29961>

Reina Marisol Troca Pereira

Professora Auxiliar com Agregação, na Universidade da Beira Interior. Possui as seguintes qualificações: Agregação em Estudos Clássicos, Pós-doutoramento em Estudos Clássicos, Doutoramento em Estudos Clássicos – Especialidade: Literatura Grega, Mestrado em Literatura Clássica e Licenciatura em Línguas e Literaturas Clássicas e Portuguesa, todas pela Universidade de Coimbra (UC); possui também Doutoramento em Letras (Linguística) pela Universidade da Beira Interior. É membro do Centro de Investigação CECH (Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra).

E-mail: rntp@ubi.pt

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9681-8410>

RESUMO

A tradução aqui disponibilizada de Diógenes Laércio, livro X: Epicuro é antecedida de algumas observações sumárias. Trata-se da vida do filósofo grego da antiguidade, Epicuro, que dá nome à filosofia epicurista. Culmina desta forma a versão disponível na atualidade do projeto delineado por Diógenes Laércio (séc. III?) para abordar a vida de alguns eminentes filósofos. Abordam-se vários assuntos, como fontes, estilo e estrutura do livro. Assim, questões de foro biográfico do Filósofo do Jardim, carácter, amigos, detratores, afetos/ relacionamentos amorosos, obra, alusão à sua vertente doutrinária, testamento. De igual modo, aspetos relacionados com Epicuro, face ao estoicismo e ao atomismo.

Palavras-chave: Diógenes Laércio; Epicuro; biografia; filosofia.

ABSTRACT

The translation provided here of book X by Diogenes Laertius: Epicurus is preceded by some summary remarks. It is the life of the ancient Greek philosopher, Epicurus, who gives name to Epicurean philosophy. It culminates the currently available version of the project outlined by Diogenes Laertius (3rd century?) To address the lives of some eminent philosophers. Various subjects such as fonts, style and structure of the book are analyzed. Thus, biographical questions of the Philosopher of the Garden, such as character, friends, detractors, affections / loving relationships, work, allusion to his philosophy, testament. Also aspects related to Epicurus and his relation to stoicism and atomism.

Keywords: Diogenes Laertius; Epicurus; biography; philosophy.

1. Estrutura

A vida de Epicuro finaliza o projeto delineado por Diógenes Laércio (séc. III?) para abordar a vida de alguns eminentes filósofos, facto que reflete a importância conferida ao Filósofo do Jardim. De novo, à semelhança do livro III (sobre Platão), um único filósofo é retratado ao longo do livro. Desta feita, um pensador de ramo doutrinário distinto de Platão, contudo, de um destaque idêntico – Epicuro, autor abordado por outras fontes clássicas [algumas de matriz epicurista, outras não], de diversas áreas culturais, tanto em grego¹, como em latim²; e não tão retomado e reconstituído como o estoicismo, *mutatis mutandis*, pelo paradigma Judaico-Cristão³. A consideração atribuída por Diógenes, difusa ao longo da obra⁴ e mais alargada no décimo livro, espelhará também o seu provável apreço por esses dois filósofos. E no caso de Epicuro, Diógenes estende-se em citações diretas e abstém-se de conferir destaque a episódios (*anecdota*) desmerecedores que circulavam sobre o filósofo em apreço. Contudo, tal atitude, por si só, não basta para inscrever o coletor numa ou noutra doutrina, nem mesmo para intitulá-lo como cético⁵, mas funciona como um possível indicador de algumas convicções pessoais⁶, ou não existisse algum facciosismo da sua parte na exposição [cf. 10.8: μεμήνασι δ' οὔτοι. "contudo, estes indivíduos [inimizades/caluniadores] são completamente loucos"].

As 154 divisões inscrevem-se numa estrutura claramente bipartida deste décimo livro de *Vidas dos Eminentes Filósofos*: primeiramente, vida de Epicuro [1–34]; sequentemente, matéria doutrinária, dispersa na *Carta a Heródoto* [35–83], na *Carta a Pítocles* [84–121], na *Carta a Meneceu* [122–138] e no conjunto de *Doutrinas Principais* – Κύρια Δόξα [cf. 29, 138: τὰς Κυρίας αὐτοῦ δόξας, entre 139 e 154].

Assim, de início, questões de foro biográfico do Filósofo ateniense em apreço [1]⁷, despretensioso [11], porém muito sofrido por maleitas físicas [7, 15–16. Cf. 21, Metrodoro, *Da Saúde Precária de*

¹ E.g. Plu. 1129a, com alusão à obra escrita elaborada por Epicuro (Vd., outrossim, Plu. 1097 b, 1126 e; Arr. *Epict.* 1.20.19, 2..20.9; S.E. P).

² E.g. Cic. *Tusc.* 2.3.8, referindo Epicuro e Metrodoro; Lucr. *De Rerum Natura*; Sen. *Ep.* 46.1.

³ Cf. Allen (1944); Momigliano (1987, p. 173). A título de referência, vd. Daraki; Romeyer-Dherbey (1996). Na generalidade, vd. Long; Sedley (1987).

⁴ Cf. alusão a 'Epicuro', em 1.14–16 (15: aluno de Nausífanos e Naucides, por seu turno, discípulos de Demócrito), 19; 2.87, 89, 97; 3.61; 4.43; 5.94; 6.101; 7.5, 9, 181; 8.50; 9.53, 64, 69, 101, 106.

⁵ Cf., a título ilustrativo, Mejer (1978); Hägg (2012).

⁶ Cf. Hope (1930, p. 140–141).

⁷ Vd. Clay (1982). Cf. *Suda* ε2404. A Enciclopédia Bizantina contém informação biográfica análoga à disponibilizada por Diógenes Laércio, desde o nascimento de Epicuro, à sua educação, junto de Nausífanos, influenciado por Demócrito, e Pânfilo, discípulo de Platão, e morte; indicação do estabelecimento e mudança de localização da sua Escola de filosofia, de Mitilene, para Lâmpsaco e, por fim, Atenas. Também a duração da sua Escola, até ao primeiro César, passando por 14 sucessores. A ultimar, uma nota relativa à grande quantidade de escritos. Importa considerar, ainda que tal não seja objeto de discussão na dita fonte, que Platão, sobre quem Epicuro se refere com tonalidades irónicas (cf. 8: "Platão dourado") e em manifesto desacordo epistemológico, constitui um marco de referência para

*Epicuro*⁸, incluindo diversos aspetos, tais como nascimento, família [1,3,18], atividades, obra, [10-11, 14-15]⁹, discípulos [22-25]¹⁰, amizades/inimizades, óbito [15-16], testamento [16-21], desambiguação do antropónimo Epicuro [26].

Seguidamente, a maior parte do livro centra-se na vertente doutrinária desenvolvida por Epicuro. Diógenes disponibiliza, nesta segunda secção, ideias principais cultivadas por Epicuro e pela sua Escola [cf. Κύρια Δόξα], já previamente introduzidas de modo sumário [11-12]. Em termos gerais, defendiam-se hábitos modestos, simples, despreziosos, afastados de protagonismo/exposição, vida pública/política [cf. *Polis*. Vd. 119]¹¹. Neste sentido, alude-se a títulos de obras da autoria de epicuristas [viz. Metrodoro, 24; Hermarco, 25] e de Epicuro [27], além de registos epistolares, referidos amiúde [e.g. a Idomeneu - 22; a Leonteu e Teista - 25]. A estrutura da segunda secção deste derradeiro livro é descrita pelo biógrafo, nos capítulos 28 e 29, destacando as três epístolas de Epicuro a συμφιλοσοφουντες, 'companheiros de filosofia'¹² [a Heródoto, sobre física - 29; a Pítocles, sobre astronomia e meteorologia - 83; a Meneceu, sobre a vida humana - 121], apresentadas antes das *Máximas/Aforismas Principais* [40, no total, a partir de #139] com que rematará a obra. Menciona, de igual modo, as razões que o levam a decidir-se por essa disposição.

balizar aspetos referentes ao Filósofo do Jardim, designadamente, na educação, ainda que por via de Pânfilo, e no tocante a uma datação mais específica da morte (109ª Olimpíada), ocorrida sete anos após Platão.

⁸ Sobre a possibilidade de uma maleita congénita, comum aos seus irmãos, qual justiça primitiva lançada por agravo divino, sobre epicuristas (e.g. Metrodoro, Polieno, Aristóbolo. Cf. Plu. 1097e, vd. Ael. fr. 39 Hercher: 'Επίκουρος: οὗτος τὸ θεῖον παρ' οὐδὲν ἐτίθετο: ἀδελφοὶ δὲ τρεῖς ἦσαν, [οἱ] μυρίοις ἀρρωστήμασι περιπλακέντες ἀπέθανον οἴκτιστα. ὄγε μὴν Ἐπίκουρος ἔτι νέος ὢν αὐτὸς οὐ ραδίως ἀπὸ τῆς κλίνης οἶός τε ἦν κατιέναι, ἀμβλυώπτων τε καὶ πρὸς τὴν τοῦ ἡλίου αἴγλην δειλὸς ὢν καὶ τῷ φαιδροτάτῳ τε καὶ ἐναργεστάτῳ τῶν θεῶν ἀπεχθανόμενος. καὶ μέντοι καὶ τὴν τοῦ πυρὸς αὐγὴν ἀπεστρέφετο αἶμά τε αὐτῷ διὰ τῶν πόρων ἀπεκρίνετο τῶν κάτω, τοσαύτη δὲ ἄρα ἢ σύντηξις ἢ τοῦ σώματος ἦν, ὡς ἀδυνατεῖν καὶ τὴν τῶν ἱματίων φέρειν ἐπιβολήν. "Epicuro: Este homem não tinha consideração pelo divino. Possuía três irmãos, que tiveram fins horríveis, acometidos de doenças infundas. Quanto ao próprio Epicuro, mesmo quando ainda era jovem, afastou-se da luz do sol, e detestava as divindades mais brilhantes e visíveis. E mais ainda, retirou-se da luz do fogo; e escorria sangue dos seus orifícios mais baixos; e o enfraquecimento do seu corpo era tal, que não conseguia sequer suportar o peso das suas roupas." O autor pormenoriza informações generalizadas dispostas na obra de Diógenes Laércio. Vd. Clay (1998, p. 64-67); Holmes-Shearin (2012).

⁹ Cf. Jardim, não propriamente como Escola, Sen. *Ep.* 1.6.6: *non schola sed contubernium*. Vd. Clay (1989).

¹⁰ De entre os discípulos epicuristas, Diógenes Laércio regista os seguintes, viz. Metrodoro [22-24], Sande de Lâmpsaco [22]; Timócrates; irmão de [23]; Polieno [24]; Hermarco [24]; Leonteu de Lâmpsaco e a sua mulher Temista [25]; Colotes e Idomeneu; Polístrato, sucessor de Hermarco, a quem se seguiu Dionísio, e a este, Basíledes; também Apolodoro, os dois Ptolemeus de Alexandria [25].

¹¹ Cf. Earle (1988); Roskam (2007).

¹² Cf. o vocábulo συμφιλοσοφουντες, em D.L. 10.16-21. Vd., outrossim já em Arist. *EN* 9.12. Cf. Von der Muehl (1966).

2. Estilo

Perpassa transversalmente neste livro, à semelhança da totalidade desta obra de Diógenes, uma preocupação de matriz didática, no sentido de recuperar, de forma sumária e abreviada, aspetos ainda remanescentes, na sua época, sobre Epicuro. Manifesta-se, outrossim, o esforço de não tecer comentários pessoais, cedendo a algum facilitismo. Além do recurso a plurais majestáticos [e.g. 10.16], são escassas as afirmações em 1ª pessoa. Ainda assim, expõe alguns versos seus votados à vida e obra de Epicuro [10.16] e introduz determinados esclarecimentos nos discursos de Epicuro [e.g. 39, 40, 44, 66, 74. Vd. 91, com introdução de informação complementar, de Epicuro].

Diógenes Laércio aproveita o epítome dos ensinamentos de Epicuro, não julgando certamente essencial referi-los de outra forma para alcançar o propósito referido em 10.29 – proporcionar ao seu destinatário¹³ um veículo de estudo sobre Epicuro [qual ὑπόμνημα], acessível e esclarecedor, com os elementos essenciais: ὥστε σὲ πανταχόθεν καταμαθεῖν τὸν ἄνδρα καὶ μὲ κρίνειν εἰδέναι κρίνειν, "para que possas estudar o filósofo de todas as perspectivas e saber como julgá-lo". Como resultado, salvo exceções pontuais, o autor evita apresentar resumos, paráfrases, comentários próprios. Em termos gerais, a credibilidade da obra de Diógenes aumenta, na medida em que não comporta apenas súmulas simplistas e incompletas de índole didática, de sua autoria, habituais em ὑπομνήματα ou *commentarii* literários, mas radica na disponibilização de textos originais do filósofo em apreço. Assim, pertence a Diógenes Laércio o mister de selecionar trabalhos, na sua opinião, ilustrativos e suficientemente breves.

Provavelmente terá recolhido uma versão medieval não indicada, sobre a qual corrigiu algumas corruptelas, deixando seguir certos passos mais obscuros¹⁴.

Na realidade, porém, esta estratégia, enriquecedora para o leitor da atualidade que, de outra forma, desconheceria tais obras, manifesta-se empobrecedora para um autor a respeito do qual não será por certo absolutamente descabido equacionar se tal prática seria somente reflexo do didatismo da obra, ou quiçá espelharia um certo temor ou alguma falta de habilidade para resumir de forma conveniente princípios fundamentais, com palavras suas, como havia acontecido com outros filósofos anteriormente, considerando o significado de vocabulário técnico próprio, difícil de compreender para estranhos [38] e *tropoi* [métodos] específicos. Diógenes, acumula, assim, uma posição dupla, enquanto biógrafo e coletor de obra representativa de Epicuro, que divulga no seu trabalho.

¹³ Importa considerar esse destinatário individual. Figura de identidade desconhecida, para estudiosos, como Marques (2014, p. 118 e n. 27), poderia tratar-se da mesma entidade feminina admiradora de Platão, a quem Diógenes se dirige, no livro consagrado ao Filósofo da Academia [3.47].

¹⁴ Cf. Dorandi (2013, p. 733-824). Sobre a organização e o sectarismo reconhecido à Escola Epicurista, vd. Lynch (1972, p. 120).

3. Fontes e Contexto Social

Ao longo do décimo livro, são várias as fontes elencadas, que acarretam a pertinência acrescida de, embora maioritariamente distantes de Diógenes Laércio, no tempo, estarem então ainda disponíveis e possuírem importância reconhecida. Assim, autores e obras referidos, alguns de datação vetusta, designadamente Pitágoras¹⁵ [séc. VI/V a.C.]: máxima [11]; Demócrito [séc. V a.C.]: obras [2]; Metrodoro [séc. V a.C.]: *Do Nascimento Nobre* [1], *Timócrates* [136]. Outros, posteriores a Epicuro, ainda assim de datas remotas, como Aristófanes gramático [séc. III/II a.C.]: *Sobre Retórica* [13]; Nicolau e Sótion [séc. III/II a.C.]: *Refutações Dioclecianas* 12 [4]; Apolodoro [séc. II a.C.]: *Crónica* [13], *Cronologia* [14], *Vida de Epicuro* 1 [2]; Filodemo [séc. II/I a.C.]: *Sobre os Filósofos* 10 [3]; entre estes, alguns tardios, a exemplo de Aríston [séc. I]: *Vida de Epicuro* [14]; Diógenes [séc. II]: *Epilecta* 1 [97], 5 [119], 17 [136], 20 [138]; Ateneu [séc. II/III]: epigrama [11]. Há ainda casos de datação incerta, como Mironiano, *Paralelos Históricos* [3]. A maioria dos autores contemplados são contemporâneos de Epicuro, uma seleção que, embora careça de distanciamento, credibiliza de certa forma, pela proximidade, as informações veiculadas. Vejam-se, neste sentido, Heráclides [séc. IV a.C.]: *Epítome de Sótion* [1]; Nausifanes [séc. IV a.C.]: *Trípode* [14]; Timócrates [séc. IV a.C.]: *Felicidade* [6]; Díocles [séc. IV/III a.C.]: *Epítome* 3 [11]; Hermarco [séc. IV/III a.C.]: cartas [15]; Heródoto [séc. IV/III a.C.]: *Sobre a Adolescência de Epicuro* [4]; Teodoro [séc. IV/III a.C.]: *Contra Epicuro* 4 [5]; Crisipo [séc. III a.C.]: epístolas ? [3].

Globalmente, para além dos anteriores, constata-se a indicação de diversas entidades, de várias áreas, alguns filósofos, outros escritores, alguns conhecidos ou familiares, relacionamentos, discípulos, sucessores, homónimos, julgados essenciais, para completar o quadro social em torno de Epicuro, no retrato de Diógenes, uns compartilhando fisicamente com o Filósofo, outros somente aludidos como influência. Eis, por conseguinte, seguindo uma disposição alfabética, tais figuras, algumas referidas diversas vezes, podendo tal facto denunciar a sua preponderância na exposição de Diógenes a propósito do essencial de Epicuro: Aminomaco, filho de Filócrates [16-21]; Anaxágoras [12]; Antidoro Sannidoro [8]; Apolodoro [10, 13, 25]; Aristipo, doutrinas de [4]; Aristóbolo [3]; Aristóteles [8, 27]; Arquelau [12]; Basíledes [25]; Batis [23]; Carnéades [26]; Cléon [84]; Colotes [25]; Crisipo [3, 26]; Demétrio [13, 26]; Demócrito Lerócrito [4, 8, 13]; Díocles [12]; Diógenes de Tarso [26]; Dionísio de Halicarnasso [4, 25]; Diótimo, estoico [3]; Epicteto [6]; Epicuro Magnésio [26]; Epicuro instrutor [26]; Epicuro, filho de Leonteu e de Temista [26]; Epicuro, filho de Polieno [19]; Epicuro, filho de Metrodoro [19]; Erotion [7]; Fedrio [21]; Filaídas, família dos [1]; Filodemos e os seus discípulos [24]; Hedia [7]; Hermaco [13]; Hermarco, filho de Agemorto de Mitilene [15, 17-21, 24-

¹⁵ Cf. Gillihan (2011).

25]; Hermipo [2, 15]; Heródoto [5, 29, 31, 33, 35, 82]; Hesíodo [2]; Idomeneu [5, 23, 25]; Leôncio, cortesã [4-6, 23]; Leonteu de Lâmpsaco [25]; Leucipo [13]; Lícon [21]; Memarion [7]; Menoeceu [29,121]; Metrodoro de Estratoniceia, filho de Ateneu [ou de Timócrates] e de Sande [6-8, 18, 22, 24, 28]; crianças de Metrodoro [22], filha de Metrodoro [19], filho de Néocles [12], filhos de Metrodoro [21, 23]; Mis [10, 21]; Mitra, ministro de Lisímaco [4, 28]; Nausifanes [7, 13]; Néocles - pai [1, 3]; Nicanor [20]; Nícias [21]; Nikidion [7]; Oríon [26]; Pânfilo de Samos [14]; Pirro [8]; Pitarato, arcontado de [15]; Pítocles [5, 29, 82]; Platão [8, 14]; Polieno, filho de Atenodoro [18, 24]; Polítrato [25]; Posidônio, estoico e respetiva escola [4]; Praxífanos [13]; Protágoras, escriba de Heraclito [8]; dois Ptolemeus de Alexandria [25]; Queredemo [3]; Queréstrata - mãe[1]; Sócrates [12]; Sosígenes, arcontado de [14]; Temista, esposa de Leonteu [5, 25, 28]; Timócrates [5, 18-21], filho de Demétrio [16], irmão de Metrodoro [6] e os seus herdeiros [17]; Tímon [3]; Xenócrates - palestras [13]; Zenão, o Sidônio, discípulo de Apolodoro [25, 27].

De destacar igualmente, em termos onomásticos em torno desta descrição tardia de Epicuro, algumas informações histórico-sociais; doutrinárias; toponímicas; mitológicas.

Quanto a Escolas de pensamento, o décimo livro de Diógenes alude ao Jardim [*passim*]; aos Cirenaicos [136, 137]; aos Cínicos [8]; aos Dialéticos [8]; à escola de Carnéades [9].

É outrossim notória a apresentação de figuras de importância histórico-social, bem como de eventos como marcos de referência para a datação de episódios da vida de Epicuro. Assim, pois, o envio de colonizadores atenienses para Samos [1]; a presença de Xenócrates, na Academia [1]; a comparência de Aristóteles, em Cálcis [1]; a morte de Alexandre da Macedónia [1]; a expulsão dos colonizadores atenienses, de Samos, por Pérdicas [1]; o arcontado de Anaxícrates [2]. Seguindo a marcação do tempo nos restantes livros, serve-se da Olimpíadas para apresentar as datas de nascimento e de morte do Filósofo [14-15].

Além disso, referências toponímicas que informam sobre os erros de Epicuro [e, consequentemente, da sua doutrina], no decurso da sua existência. Eis, pois, diversas zonas/localidades mencionadas: Atenas [1, 15]; Bate [16]; Cálcis [1]; Cólofon [1]; Delfos [12]; Gargetos, demo [1]; Eubeia, penhascos de [137]; Grécia [8, 10]; Jónia [10]; Lacónia [26]; Lâmpsaco [15, 22, 24-25]; Lócris, cabos de [137]; Melite [17]; Metagitnion [18]; Metroon [16]; Mitiene [15, 17, 24, 136]; Poramo [16]; Samos [1].

Parcas e pouco significativas são as referências religiosas a elementos como a trípole sagrada [12] e a divindades, em nenhum dos casos por devoção, designadamente Apolo [5]; Posídon, para datação [18]; Dionísio [8]. Assim também no tocante à mitologia, alusão a Hércules [137]; Musas [12], e aos portões de Hades [126].

4. Epicuro: Estilo e Obra

O filósofo em apreço discorre as suas observações, na generalidade, segundo Aristófanes gramático [13], fazendo uso de um estilo¹⁶ simples, regular, claro, desprezioso, pontual, resumido, sem delongas ornamentais, valorizando e incentivando a memorização dos seus escritos [12]¹⁷. Os termos são regulares e, no geral, o estilo é peculiar [13], incluindo alterações formulares [14]. Aliás, na globalidade, Diógenes Laércio retrata algum desprezo de Epicuro pela dialética [cf. 10.31, 34]¹⁸.

Além de escritor de um grande número de obras [cf. 26-27], à semelhança de Zenão e Aristóteles, não recorre a citações, o que denuncia grande autoconfiança no seu saber, permitindo-lhe constituir fonte primária e modelo para autores como Crisipo. Desse vasto espólio, preservam-se, na hodiernidade, vários escritos, alguns fixados em obras de autores¹⁹ como Lucrécio, *De Rerum Natura*, três epístolas; Diógenes Laércio.

¹⁶ Sobre o estilo de discurso de Epicuro, claro e direto, vários foram os apontamentos, no decurso da Antiguidade, Cic. *Fin.* 1.14-15 [cf. 2.6.18, 2.9.27. Vd. *Brut.* 1.44.123, sobre falta de eloquência] – Torquato, apologista de Epicuro: *homine omni doctrina erudito, defensa est Epicuri sententia de uoluptate e Cicero: nam et complectitur uerbis, quod uult, et dicit plane, quod intellegam; et tamen ego a philosopho, si afferat eloquentiam, non asperner, si non habeat, non admodum flagitem. re mihi non aeque satisfacit, et quidem locis pluribus.* "Não estou incomodado pelo estilo do homem. Ele é direto, expressa conceitos simples e claros, de maneira que se torna fácil entendê-los, embora eu também não despreze a eloquência num filósofo, mas se ele não a possuir, não insisto. É nisso que não me satisfaz e em muitos lugares." Porque não se conta expressa e unicamente no rol dos epicuristas, Cícero refuta as acusações de que é alvo, mediante as quais não entende corretamente os pensamentos de Epicuro e dos seus seguidores [cf. 2.5.12: *non intellegere nos, "não compreendemos"*], já que, para além do facto de também entender fluentemente grego, o estilo de Epicuro é simples, claro e explícito [2.5.15: *et tamen uide, ne, si ego non intellegam quid Epicurus loquatur, cum Graece, ut uideor, luculenter sciam, sit aliqua culpa eius, qui ita loquatur, ut non intellegatur. quod duobus modis sine reprehensione fit, si aut de industria facias, ut Heraclitus, 'cognomento qui σκοτεινός perhibetur', quia 'de natura nimis obscure memorauit', aut cum rerum obscuritas, non uerborum, facit ut non intellegatur oratio, qualis est in Timaeo Platonis. Epicurus autem, ut opinor, nec non uult, si possit, plane et aperte loqui, nec de re obscura, ut physici, aut artificiosa, ut mathematici.* "Porém, vê: se eu não entenderei o que Epicuro afirma, sabendo grego, ao que julgo, fluentemente, seja culpa dele, ao discursar de maneira a pôr à prova o entendimento. A obscuridade pode colocar-se de parte por duas razões: pode ser intencional, como Heraclito, 'que se conhece pelo cognome do 'obscuro' que gerou, devido à obscuridade da doutrina' [cf., em grego, Pl. *Tht.* 180; em latim, Lucr. 1.638.9; Sen. *Ep.* 12.7. Vd. Lucilius?], ou poderá refletir a dificuldade do material, mais do que a retórica, como, por exemplo, no *Timeu* de Platão. Mas Epicuro, tanto quanto posso dizer, não recusa falar de uma maneira simples e explícita, sempre que pode, nem ele fala aqui acerca de um assunto obscuro, como física, ou de um assunto artificial e técnico, como a matemática". Cícero, contudo, também assume uma versão diferente, em relação ao carácter vago e ambíguo das máximas de Epicuro. Cf., no séc. II, Gell. 2.9, começando por aludir à censura de Plutarco [*Ensaios de Homero*, 2], relativamente à utilização vocabular errada na expressão do prazer. Ael. *Progymnasmata* 2.154 Butts (séc. II/III) refere cuidado com estilo métrico e rítmico. Athen. 5.187c (séc. II/III), por seu turno, alude à falta de proporção. Vd. Asmis (1995).

¹⁷ Sobre ideais epicuristas, epicurismo e tradição epicurista, vd. Rist (1972); Warren (2009); O'Leefe (2010); Fish; Sanders (2011, p. 201). Cf. Long (2006).

¹⁸ Cf. Shearin (2015, p. 33-35).

¹⁹ Cf. também obra de Epicuro salva da erupção do Vesúvio, no ano de 79, na *uilla* de L. Calpurnius Piso; e fragmentos.

Diógenes indica algumas obras da autoria de Epicuro, algumas mencionadas várias vezes, o que denota a importância reconhecida pelo biógrafo, ao pretender sumarizar os princípios fundamentais do Filósofo do Jardim. De entre elas, escolhe citar, na íntegra, três epístolas.

Em termos latos, a obra de Epicuro engloba diversas áreas, designadamente natureza, átomos, sentimentos, divino, vida, morte, antagonismos, destino, justiça, corpo, filosofia/filósofos, música, entre outras. Tal denuncia um entendimento tradicional e mais alargado da filosofia enquanto área científica que não restringe o seu objeto de estudo, e dos filósofos, num sentido etimológico (φιλοσοφός, 'amante do saber'), como estudiosos de um saber generalizado e multifacetado. Eis, pois, os títulos indicados, com referência dos capítulos de ocorrência no décimo Livro de Diógenes Laércio: *Acerca da Vida [Humana]* [30], 1 [119, 136], 2 [119], *Acerca Natureza* - 37 livros [7, 30, 119], 1 [39, 40], 2 [73], 11 [91], 12 [74, 96], 14 [40], 15 [40], *Canon* [14, 31], *Cartas/Epístolas* [7, 30 *passim*] - a Euríloco [13], a Idomeneu [22], a Leôncio [7], a Pítocles [6], aos filósofos em Mitilene [7, 138], *Epístolas* [25], *Sobre Empédocles* - vinte e dois livros [25], *Contra Aristóteles* [25], *Contra Platão* [25], *Contra Timócrates* [28], *Da Escolha [e Rejeição]* [136], *Do Fim* [30], *Do Fim Ético* [136], *Do Fim Supremo* [6], *Doze Princípios* [44], *Epítome* [31], *Epítome Grande* [39, 40, 73], *Euríloco* [28], *Máximas Principais* [138], *Máximas Principais* [31], *Metrodoro* [23], *Néocles* [28], *Problemas* [119], *Simpósio* [28, 119], *Timócrates 3* [23].

5. Epicuro e os seus relacionamentos

5.1 Amizades / Inimizades

É notória a referência a diversas entidades que participaram do universo vivencial de Epicuro. Uns, como filósofos da sua preferência, ainda que nunca de forma totalmente passiva [e.g. Anaxágoras e Arquélau, segundo manifesta Diócles, no retrato de Diógenes [12]; palestras de Xenócrates [13]. Acrescem a essa lista amigos e [ou] seguidores - cf., neste sentido, diversos epicuristas, como Metrodoro, Polieno, Demétrio Laco, Filodemo, Diógenes de Enoanda²⁰]; outros, como detratores [3-8]. Por vezes, Diógenes apresenta a acusação imputada, sem nomear o seu autor, o que denota que possivelmente o Filósofo do Jardim seria uma figura amplamente conhecida. A lista contemplada por Diógenes não ultrapassa cronologicamente a época augustana. Eis, neste domínio, acusações por parte do estoico Diótimo [3], por cinquenta cartas escandalosas alegadamente escritas

²⁰ É de notar a falta de referência por Diógenes a nomes de epicuristas, como Carneisco, Filonides, Fedro de Atenas, Diogeniano, Celso, Filodemo, Siro, Lucrecio. Outrossim, a difusão do epicurismo para oeste, na Itália [vd. séc. II a.C.] e para leste [viz. Síria; Egito, Rodiapolis, na Lícia, Amastris]. Cf. De Witt (1936); Gordon (1996).

por Epicuro; do estoico Posidônio e respetiva Escola, Nicolau, Sótion, Dionísio de Halicarnasso [4], Epicteto, Timócrates, irmão de Metrodoro [9]. Também críticas face a uma vida indecorosa, no tocante a relacionamentos ilícitos ou levianos, seus e também familiares – e.g. irmão, com meretriz Leôncio. Mais ainda, a sua competência enquanto filósofo é supostamente adulterada, colocada em causa [6, 7: τὸν τε Ἐπίκουρον πολλὰ κατὰ τὸν λόγον ἡγνοηκέναι καὶ πολὺ μᾶλλον κατὰ τὸν βίον, "a familiaridade de Epicuro com a filosofia era pequena e o seu conhecimento da vida ainda menor"]; são lançadas suspeitas de prática de cópia [cf. 'plágio'], a partir de Demócrito²¹, relativamente aos átomos, e de Aristipo – quanto ao prazer [4]. Censura quanto ao uso de tratamentos quase insolentes – vergonhosos [4], apoiando-se algumas destas críticas em escritos e afirmações do próprio filósofo Epicuro²². Também algum rebaixamento implícito por barbárie, a partir das dúvidas quanto à sua origem não ateniense, apresentadas por Timócrates e por Heródoto, *Sobre a Adolescência de Epicuro* [4]; adulação interesseira [4: a Mitra, ministro de Lisímaco; 5: a Idomeneu, Heródoto e Timócrates].

Epicuro, porém, não se limitou a receber inativamente as críticas. No tocante a alguns desafetos seus, designadamente Pítocles [6] e outros, mencionados nos capítulos 7-8, tais como Nausifanes, Platão e respetiva Escola, Aristóteles, Protágoras, Demócrito, Demócrito Lerócrito, Heraclito, Antidoro Sannidoro, os Cínicos, os Dialéticos; Pirro [8], redigiu obras, a exemplo de *Contra Platão* [25], *Contra Aristóteles* [25]. Relativamente a eles, Epicuro apresentou também alguns epítetos nada elogiosos, em consonância com as respetivas filiações doutrinárias.

De facto, em termos gerais, destes acérrimos críticos e acusadores referenciados por Diógenes Laércio, constata-se que tais adversários se inscrevem no âmbito do estoicismo, pese embora Epicuro ter chegado a ser discípulo de um platónico [cf. Pânfilo de Samos (14)²³]. Por conseguinte, poderá elevar-se esse antagonismo acima da esfera pessoal, denotando o confronto de divergências doutrinárias evidentes e inultrapassáveis.

Pese embora a existência de alusões críticas, que humanizam, de certa forma, através de alguns aspetos menos meritórios, um indivíduo merecedor de múltiplos elogios, da parte de autores tardios, como Ateneu [11-12], Diógenes Laércio fixa a sua posição, contrariando as vozes contrárias [9: τῶ γὰρ ἀνδρὶ μάρτυρες ἱκανοί, "Ora, estes indivíduos são completamente loucos"], colocando-se,

²¹ Cf. Cole (1967).

²² Cf. Epístolas; *Do Fim Supremo* [6]: 'οὐ γὰρ ἔγωγε ἔχω τί νοήσω τὰγαθόν, ἀφαιρῶν μὲν τὰς διὰ χυλῶν ἡδονάς, ἀφαιρῶν δὲ τὰς δι' ἀφροδισίων καὶ τὰς δι' ἀκροσμάτων καὶ τὰς διὰ μορφῆς.', "Não sei como conceber o Bem, exceto a partir dos prazeres do gosto, dos prazeres sexuais, dos prazeres do som e dos prazeres da beleza."

²³ Sobre aparentes incongruências na vida doutrinária de Epicuro, cf., de igual modo, o seu retrato por Diógenes Laércio, como filósofo autodidata inconformado, com contacto acidental/revoltoso com a filosofia, aos 14 anos [2. Cf. 14: aos 12 anos, segundo Aríston] ou, de acordo com Apolodoro, discípulo de Nausifanes [cf. 14: *Trípode*, de Nausifanes, modelo de *Canon* de Epicuro, segundo Aríston] – 13-14, e de Praxífanos [13], entidade contra quem emite críticas [7-8].

contrariamente a diversos autores representativos na Antiguidade Clássica²⁴, ao lado de Epicuro [9–10], filósofo que honra como expoente final da sua obra. Elogia Epicuro, à semelhança do que haviam feito muitos outros [cf. 9: οἱ τε φίλοι, "e amigos"; τὸ πλῆθος, "em grande número"], que o seguiam [9: οἱ τε γνώριμοι πάντες ταῖς δογματικαῖς αὐτοῦ σειρήσι προσκατασχεθέντες, "e, de facto, todos os que o conheciam ficaram ligados pelos encantamentos da sua doutrina"] e lhe prestavam homenagem [e.g. 9: χαλκαῖς εἰκόσι, "com estátuas de bronze"], em diversos locais [9: πόλεσιν ὅλαις, "por cidades inteiras"].

A seu favor, refere a bondade generalizada [9] e a gratidão do Filósofo para com os pais [10: εὐχαριστία]; generosidade para com os seus irmãos [10: εὐποιΐα] / gentileza sem discriminação de classes sociais [e.g. face ao escravo Mis]; benevolência [10: φιλανθρωπία]; piedade / afeição pátria para com deuses e a pátria [10: ὀσιότης]; deferência [10: ἐπιείκεια]; espírito de cidadão grego, mantendo-se na pátria e viajando apenas para visitar os amigos [10: τοὺς φίλους διαδραμόντα], contrariando, de certa forma, acusações de Timócrates e Heródoto [4].

5.2 Epicuro e os relacionamentos amorosos

Na realidade, as emoções/sentimentos constituem, no retrato de Epicuro traçado por Diógenes Laércio, um aspeto importante, motivo que integraria na obra *Περὶ παθῶν δόξαι πρὸς Τιμοκράτην*, *Teorias dos Sentimentos contra Timócrates* [28]. Afinal, os sentimentos são critérios de verdade [31] que permitem atingir o objetivo de vida [τέλος], i.e., o estado de *ataraxia*, qual utopia final²⁵: ἐν τοίνυν τῷ Κανόνι λέγων ἔστιν ὁ Ἐπίκουρος κριτήρια τῆς ἀληθείας εἶναι τὰς αἰσθήσεις "Ora, no *Canon*, Epicuro refere que as nossas sensações, pressuposições e sentimentos são critérios de verdade". A amizade²⁶ filosófica do Sábio do Jardim é objeto de consideração [11, afastada do

²⁴ Cf., a título ilustrativo, D. H. *Comp.* 24 [cf. Epicur. fr. 230 Usener], sobre Epicuro e os epicuristas, que classifica como estúpidos e indulgentes [cf. σκαιότητος ἀλεξιφάρμακον]. Também Cícero menciona, na generalidade, sem especificar, a forma como os estoicos tratavam Epicuro, enquanto idiota [Cic. *Div.* 2.50.18: *Videsne Epicurum, quem hebetem et rudem dicere solent Stoici*, "Acaso vê a forma como Epicuro, que os estoicos costumam apelidar de estúpido [...]"]; refere a sua falta de humor [cf. Balbo, em Cic. *N.D.* 2.46]. Por seu turno, Cleom. 2.1, sobre a arrogância de Epicuro, ao alegar o seu pioneirismo em descobrir a verdade, graças a grande sabedoria e conhecimento. Além disso, critica a sua expressão, que classifica como corrupta, com uma linguagem similar às mulheres que celebram os ritos de Deméter nas Tesmofórias ou análoga ao linguajar de baixo nível dos Judeus. Assim também S.E. *M.* 1.1, numa crítica relativa a diversos aspetos em Epicuro, incluindo no discurso.

²⁵ Considere-se a *ataraxia*, como seguimento tradicional, recuperando, *mutatis mutandis*, e inovando, a partir de Demócrito de Abdera (*euthymia*), Anaxarco de Abdera, Pirro de Elis, Nausífanos de Téos. Cf. Nikolsky (2001).

²⁶ Cf. *Sententiae Vaticanae* de Epicuro 23 (*Codex Vaticanus Graecus* 1950): πᾶσα φιλία δι' ἑαυτὴν ἀρετή, ἀρχὴν δὲ εἴληφεν ἀπὸ τῆς ὀφελείας. Poder-se-á, pois, entender que Epicuro julgaria a amizade uma virtude (ἀρετή) e um Bem? [Cf. 148. 27]. Ou Epicuro limitar-se-ia a ser um hedonista egocêntrico? Cf. Evans (2004). Vd., em termos gerais, Rist (1980); Mitsis (1989); Brown (2002).

entendimento pitagórico, baseado em propriedade; 120a, através das necessidades], já que possuiria, num retrato algo hiperbolizado de Diógenes [9], um vasto número de amigos. Valoriza então a *philia* radicada no gozo de prazeres simples, sem prejuízo [120a: τύχη τε ἀντιτάξεσθαι, φίλον τε οὐδένα <ἀπο>κτήσεσθαι. "[O sábio] combaterá contra a sorte, nunca prejudicará um amigo."] e confiança [11], para retirar proveito [148.28]: ἡ αὐτὴ γνώμη θαρρεῖν τε ἐποίησεν ὑπὲρ τοῦ μηθὲν αἰώνιον εἶναι δεινὸν μηδὲ πολυχρόνιον, καὶ τὴν ἐν αὐτοῖς τοῖς ὠρισμένοις ἀσφάλειαν φιλίας μάλιστα κατεῖδε συντελουμένην. "A mesma sentença que dá coragem e faz com que não haja temor eterno, nem de grande duração, também nos permite ver mais, nos limites, a segurança da amizade."

Em torno de Epicuro, também algumas mulheres, a saber, Queréstrate [mãe], Batis [irmã de Metrodoro, esposa de Idomeneu; Sande, mãe de Batis; Dânae, filha de Leôncio]; Leôncio [casada com Metrodoro]; Temista [esposa de Leôncio]. Importa, outrossim, considerar a existência de sete mulheres como discípulas da Escola²⁷ do Jardim [e.g. Demétria²⁸, Erotion²⁹; Leôncio³⁰].

Na generalidade, Diógenes Laércio distribui as considerações de Epicuro do foro afetivo por duas esferas: *φιλία*³¹, como expediente não inato, mas contraído por utilidade [120b: καὶ τὴν φιλίαν διὰ τὰς χρείας · "E que a amizade [surge] através das necessidades]; e, numa vertente mais física, *ἔρως*³². Deste foro, inclui, na sua lista de obras do Filósofo, *Περὶ ἔρωτος*, *Do Amor* [27]. Todavia, não esclarece o leitor a propósito do seu conteúdo. Ainda assim, importa considerar as citações de Epicuro que o biógrafo inclui no livro, tomando-as como representativas do pensamento do Filósofo a esse respeito. Recorta do tratado *Περὶ τέλους* o seguinte excerto [cf. 6]: "De facto, eu não sei como conceber o Bem, exceto a partir dos prazeres do gosto, dos prazeres sexuais, dos prazeres do som e dos prazeres da forma." [cf. Athen. 546e]. Ora, segundo parece, o Hedonista aponta como uma das quatro fontes de prazer o sexo. Certamente, porém, a questão estará imbuída de maior complexidade e encontrar-se-á retirada de um contexto mais alargado, porquanto, mais adiante [118. Cf. *Gnomologium Vaticanum* 51], Diógenes afirma, relativamente aos epicuristas: ἐρασθήσεσθαι τὸν

²⁷ Clay (1998, p. 64) prefere apelidar de 'comunidade', em detrimento de 'escola', por ser sobretudo seguida um modo de vida/doença/morte, mais do que um conjunto de ensinamentos.

²⁸ Cf. Phld.; *P. Hercul.* 1005: 16-17.

²⁹ Cf. D.L. 10.7.

³⁰ Cf. D.L. 10.4.

³¹ Cf. *philia*, sentimento pluriforme [para com pátria, família, filhos, irmãos, companheiros], destituído de envolvimento sexual. Próximo de Epicuro, considere-se Aristóteles (*Po.* 1453b14), a propósito de três categorias essenciais de entre os relacionamentos humanos – inimigos, amigos e neutros. O conceito adquire particular destaque na obra do mesmo autor, *Ética a Nicómaco* (8.2-6). Aí distinguem-se, entre outros motivos, três tipos de amizade, com base noutros tantos aspetos dignos de tal afeto, a saber, o agradável, o bom e o útil [cf. valor tradicional da repartição/retribuição, Anacr. fr.23.14-15 West]. Aristóteles também atesta o valor da amizade como bem e virtude (*EN*.1155a 3): ἔστι γὰρ ἀρετὴ τις ἢ μετ' ἀρετῆς, ἔτι δ' ἀναγκαιότατον εἰς τὸν βίον. ἄνευ γὰρ φίλων οὐδεὶς ἔλοιτ' ἂν ζῆν, ἔχων τὰ λοιπὰ ἀγαθὰ πάντα, "Com efeito, a amizade é uma virtude, e é uma das maiores necessidades da vida. De facto, ninguém escolheria viver sem amigos, mesmo possuindo todos os bens". Cf. Rist (1980); Troca Pereira (2013).

³² Cf., em termos gerais, Stearns (1936).

σοφὸν οὐ δοκεῖ αὐτοῖς· [...] οὐδὲ θεόπεμπτον εἶναι τὸν ἔρωτα, ὡς ὁ Διογένης "Νᾶο julgam que o sábio amará; [...] nem que o amor é uma dádiva divina, segundo Diógenes [...]" e remata, num jeito sentencioso [γνώμη] negativo, aparentemente contrário à afirmação anterior: συνουσίη δέ φασιν ὤνησε μὲν οὐδέποτε, ἀγαπητὸν δὲ εἰ μὴ ἔβλαψε. "Dizem que o relacionamento sexual nunca foi benéfico, e que há que contentar-se se não causou dano." Não bastando, do relacionamento sexual alarga à instituição familiar, ao adscrever para o sábio abstenção de matrimónio e parentalidade³³: [119] καὶ μὴν καὶ γαμήσειν καὶ τεκνοποιήσειν τὸν σοφόν, ὡς Ἐπίκουρος ἐν ταῖς Διαπορίαις καὶ ἐν ταῖς Περὶ φύσεως. κατὰ περίστασιν δέ ποτε βίου γαμήσειν. "[119] E que o sábio não casará³⁴ e terá filhos, conforme Epicuro, em *Problemas e Acerca da Natureza*. Por vezes, pelas circunstâncias da vida, casará. E algumas detê-lo-ão."

Contudo, conforme Diógenes indica no seu livro, Epicuro fora considerado um sujeito de vida indecorosa, não apenas em termos individuais, sem respeito por relacionamentos alheios, conforme epístolas de sua autoria [cf. 5: Leôncio, apaixonada de Metrodoro – 5, 6; Temista, casada – 5; Pítocles³⁵, mancebo – 5,6; πολλαῖς ἑταίραις, "com muitas cortesãs" – 6] e com outras ἑταῖραι³⁶ [6, 7: Memarion, Hedia, Erotion, Nikidion³⁷, entre outras, que partilhava com Metrodoro]. Ainda assim, embora não se

³³ Ao afirmar tal comportamento para o sábio, Epicuro abstém-se de emitir consequências divinas (nesse caso, face à impiedade), mediante a tradição prescrita na mitologia e religião. De facto, uma exegese sobre o exposto poderia conduzir à constatação de uma inobservância de Epicuro quanto à impiedade do abstinente, baseado em considerações misóginas vetustas [cf. Hes. *Th.* 600–601, a propósito da criação da mulher por Zeus como um – καλὸν κακόν, "belo mal" (*Th.* 585), concretizado na figura de Pandora – ἄνδρεςσι κακὸν θνητοῖσι γυναῖκας | Ζεὺς [...] θῆκεν, "Zeus criou as mulheres como um mal para os homens mortais". E a esse primeiro castigo seguir-se-ia um segundo mal (ἕτερον κακόν) – o casamento (γάμον μοῖρα, Hes. *Th.* 607). Pode evitar-se o matrimónio (γάμον φεύγων), porém as consequências da escolha pela misoginia masculina estariam determinadas pelo destino (μοῖρα): não terá quem cuide de si, na velhice (ἐπὶ γέρας), nem descendência a quem deixar os seus bens. Na realidade, desde logo por uma necessidade de preservação da espécie, ninguém, humano ou divino [Pl. *Smp.* 186b: κατ' ἀνθρώπινα καὶ κατὰ θεῖα] pode julgar-se eximido da afeição, qual afetação imposta pela Cípria ou por Eros – nem as referidas divindades (Afrodite e Eros), nem sequer a divindade suprema, Zeus [cf. Hera a Atena, *Il.* 14.198–199: δὸς νῦν μοι φιλότιτα καὶ ἕμερον, ᾧ τε σὺ πάντας | δαμῶ ἀθανάτους ἠδὲ θνητοὺς ἀνθρώπους, "Concede-me agora amor e desejo, com que tu costumavas subjugar todos os imortais, assim como os humanos"].

³⁴ Cf. Chilton (1960); Grilli (1971).

³⁵ Apesar da afirmação de Epicuro a Pítocles [5], importa acautelar os limites da amizade, considerando as 'reuniões noturnas' e práticas de iniciação [6], onde podem integrar-se aproximações homoeróticas, salvaguardando os relacionamentos frívolos mencionados em 10.132. Cf. Plu. 1094e–1095b. Vd. Rist (1980, p. 127), sobre a inexistência de homoerotismo em Epicuro.

³⁶ Cf. Castner (1982); Gordon (2004, p. 101; 2012).

³⁷ Mulher casada com um ateniense. Cf. IG 112. Embora Diógenes Laércio não acrescente mais informação, além de reportar Nicídion entre as *hetairai* de Epicuro (10.7), Nussbaum (2013, p. 129) refere-se a Nicídion como discípula (percorrendo diversas escolas filosóficas), aplicando em si o argumento do cariz terapêutico da filosofia, facto que aponta para uma posição, numa sociedade marcadamente misógina. Convém notar que os nomes avançados possuem uma aplicação profissional. Cf. Nussbaum (2013, p. 45). Assim, Mamarion (cf. Μάμμα, 'peito de mãe' – entenda-se sob um prisma lúbrico); Hedia (cf. ἡδός: 'prazer'); Erótion [cf. ἔρος: 'amor']; Nicídion (νικίδιον: 'pequena vitória'). Notem-se Long; Sedley (1987), que distinguem entre Leôncio, como *merricula* e as restantes, enquanto *hetairai*. Cf. Nussbaum (1986); Hawley (1994). Em termos gerais, na Antiguidade Clássica, numa sociedade patriarcal misógina [vd. Arist. *Pol.* 1.4], as mulheres, ainda que teoricamente secundarizadas, detinham uma funcionalidade essencial, mesmo que arredadas de serviços públicos e permanecendo no lar, para assegurar a continuidade do poder numa linha sucessória e

tivesse casado nem obtido descendência, mostrava zelo e cuidado com os filhos dos seus diletos [cf. filhos de Metrodoro, no testamento – 10.19].

6. Epicuro: notas doutrinárias na exposição diogeniana

Importa, desde já, indicar que esta introdução não pretende constituir uma manual de doutrina epicurista, nem tampouco facultar um resumo didático que Diógenes também não forneceu cabalmente. Mas, considerando que o biógrafo fez substituir comentários seus sobre pensamentos epicuristas por discursos, no original, fornece-se, por ora, uma súpula de temáticas/assuntos essenciais selecionados por Diógenes como expressivos e matérias de discussão por Epicuro, com fim didático, aos seus destinatários.

Assim, em termos gerais, Diógenes Laércio contempla uma proposta de ideal cívico do Hedonista, perfeitamente adaptado ao período conturbado da época³⁸, estabelecendo a *ataraxia* [ἀταραξία: estado de imperturbabilidade físico e mental] como fim para alcançar o prazer/felicidade [ἡδονή], afastado da posse/gozo de bens materiais e de impulsos. Para a consecução desse propósito, a adoção de uma vida moderada, secundada pela investigação de uma filosofia que Laércio apresenta de forma tripartida [Canónica, Física e Ética³⁹. Cf. D.L. 29]. Para cada âmbito, Diógenes Laércio disponibiliza a posição de Epicuro em três epístolas.

Em primeiro lugar, na carta a Heródoto [35–85], Epicuro presta indicações⁴⁰ no âmbito do cânone, para alcançar o estado de *ataraxia*, conetado com quietismo e ἀποβία, 'libertação de dor', pelos

cuidar da educação dos filhos pequenos [cf. Plu. *Coniugalia Praecepta* 142c-d] e também ao preservar o *oikos*, na ausência do esposo na guerra [cf. *Il.* 6.490–493; *Od.* 1.356–359]. Ainda assim, importa considerar alguma literacia feminina na Grécia Antiga, em mulheres abastadas, algumas cortesãs, poetisas, filósofas e.g. mulheres pitagóricas na filosofia, séc. VI/V a.C. Vd. Aspásia, Diótima, no séc. V a.C., Arete, Hipárquia, Pânfila, mulheres epicuristas, no séc. IV a.C., cinco filhas de um filósofo estoico, séc. III a.C., Hipátia, séc. IV. Cf. Wider (1986); Fricker; Hornsby (2000); Fitzgerald; Obbink; Holland (2004, p. 234). Sobre a importância do dinheiro e de amantes, em D.L. 10, vd. Arkins (1984); Aune; Brenk (2012, p. 93 n. 26); Nussbaum (2013, p. 388).

³⁸ De facto, sobretudo entre 330 a.C. e 326 a.C., Atenas registou um período de escassez de bens alimentares, acompanhado de aumentos de preços, refletindo-se em dificuldades sentidas pelas classes sociais mais desfavorecidas. Cf. D.L. 10. Vd. Mossé (1997).

³⁹ Cf. Moraes (1998); Warren (2002); Gomes (2003).

⁴⁰ De constatar o carácter empírico das explicações dos fenómenos físicos. Inclui-se o conceito de κριτήριον; αἴσθησις, 'sensação' – εἶδωλα, 'simulacros', i.e., percepções [vd. Brunschwig; Nussbaum (1993)] resultantes do contacto entre os átomos das coisas e os sentidos: o único meio de formar juízos de forma mais ou menos evidente; πρόληψις 'antecipação' (cf., posteriormente, no contexto latino, *antecipatio* e *praenotio* – Cícero; *notitia*, *notities* – Lucrecio), i.e. ideias prévias a partir da experiência, ou seja, apreensão imediata que conduz a uma 'imagem' – φαντασία – do real; πόθος, 'sofrimento/afeção', com capacidade de fazer experimentar prazer e dor e, assim, fundamentar a escolha e a rejeição; ἐπιβολῆς, 'projeção imaginativa do pensamento', ou seja, um critério de verificação de verdade, pela sobreposição de imagens (imaginação, simulacros, sonhos, profecias) verificáveis (i.e. sujeitas a apreciação/ juízo) ou não pelos sentidos, a partir da Natureza (evidências), com a razão.

critérios de verdade e de relacionamento com o mundo, ou seja, em termos gerais, com a Natureza [o mundo e as coisas do mundo], através factores subsequentes. Por um lado, do estudo teórico da Natureza – fisiologia –, numa relação entre Física e Ética⁴¹: movimento⁴² – colisão, junção e desvio, e velocidade e vazio – condições necessárias para o surgimento dos fenómenos, τύχη – 'acaso', substituindo a espontaneidade, os 'atos livres', a ἀνάγκη – 'necessidade', o determinismo, a πρόνοια, 'providência' a partir da alma⁴³, possibilitando a autonomia/autossuficiência: πρὸς ἡμᾶς e αὐτάρκεια relativa a escolhas e rejeições nas ações [e.g. de conduta, costumes e convivência – νόμος, permitindo juízos de elogio e censura, em conformidade com experiência/pré-noção [πρόληψις], em detrimento da submissão, irresponsabilidade. Também pelas reflexões sobre o todo, o limitado/finito [e ilimitado/finito], juntando a prática de atomistas [e.g. Leucipo, séc. V a.C., Demócrito, V/IV a.C.]⁴⁴.

Na segunda epístola de Epicuro, facultada por Diógenes Laércio, endereçada a Pítocles [84-121], procura-se a *ataraxia*, eliminando a perturbação de temores através do estudo dos modos e mecanismos de relacionamento com a Natureza [cf. Fisiologia, 85: μὴ ἄλλο τι τέλος ἐκ τῆς περὶ μετεώρων γνώσεως εἴτε κατὰ συναφὴν λεγομένων εἴτε αὐτοτελῶς νομίζειν εἶναι ἢ περ ἀταραξίαν καὶ πίστιν βέβαιον, καθάπερ καὶ ἐπὶ τῶν λοιπῶν. "o fim do conhecimento dos fenómenos celestes, quer se digam conexos, quer os que se consideram absolutos, é a firme calma e confiança, à semelhança das outras coisas"], incluindo, para tanto, investigação [96: ἵχνευσιν οὐ προετέον] sobre o[s] mundo[s] [88-90], astros [90], como a lua [90], o sol [90-93]; acerca da rotação [93-95]; das causas⁴⁵ de todos os fenómenos da Natureza [97: ἅπασα ἢ περὶ τῶν μετεώρων αἰτιολογία], viz. eclipse do sol ou da lua [96], duração dos dias e das noites [98], sinais do tempo [98], nuvens [99-100], trovão [100, 103-104], raio [101-103], ciclone [104-105], tornado [105], sismo [105-106], granizo

⁴¹ Cf. *clinamen/declinatio*, 'declinação dos átomos' / desvio espontâneo – de origem epicurista (?), átomos [características pré-determinadas – 10.54: σχῆμα – 'forma', μέγεθος – 'tamanho' e βάρος – 'peso']. Cf. Marx (1902); De Witt (1964).

⁴² Cf. Hicks (1923).

⁴³ Não deverá julgar-se a reflexão sobre a alma como uma aproximação ao dualismo tal qual era exposto pelo estoicismo. Para Epicuro, a alma, σῶμα λεπτομερές, 'corpo composto de pequenas partículas, responsável pela vida, sensação e pensamento' não possui existência independente do corpo (por conseguinte, não sobrevive após a morte). É objeto de reflexão sobretudo na *Carta a Heródoto* [D-L. 10. 63-68], em termos gerais, não obstante a 'doutrina dos três elementos da alma': partículas, calor, sopro – combinados, em κρᾶμα e em mudança contínua – παραλλαγή [63. Cf. Ael. 4.3.11: quatro elementos – πυρώδης, ἀερώδης, πνευματικόν, ακατονόμαστον. Vd. Plu. *Adv. Col.* 1118d], a 'doutrina das partes' [66] e a 'doutrina dos elementos'. Cf. D.L. 10.66, acerca da alma, dividida em duas partes: λογικός, 'racional' e ἄλογος, 'irracional'. Vd. Kerferd (1971).

⁴⁴ Vd. a apresentação de diversos arquétipos por pré-socráticos, como princípio unificador da multiplicidade existente [viz., além disso, também filósofos como Parménides, séc. V a.C. – Monismo. Igualmente, com influência sobre a física de Epicuro, Leucipo, séc. VI a.C., Demócrito, séc. V a. C. – atomismo]. Epicuro, todavia, defende sempre a apresentação de múltiplas explicações. Vd. Peixoto (2010); Hankinson (2013); Tipton (2013). Cf., a propósito, Arist. *PA* 2.9. 654a32-654b13. Vd. máxima *Ex nihilo nihil fit*. Segundo Epicuro, porque 'nada pode vir do nada', os átomos são os elementos mais pequenos, indivisíveis, como o nome indica (ἄ-τομος), imutáveis e eternos, o que conduz à reavaliação dos conceitos de nascimento e de morte [cf. D.L. 10.39]. Cf. Curd; Graham (2008).

⁴⁵ O método de investigação proposto por Epicuro é essencialmente empírico, explicativo da percepção [vd. Wurster (2016), não necessariamente demonstrativo e revela-se pertinente na atualidade, ao advogar a pluralidade de explicações possíveis. E.g. D.L. 10.80, 94, 98, 114.]

[106-107], neve [107-108], orvalho [108-109], gelo [109], arco-íris [109-110], halo à volta da lua [110-111], cometas [111-112], astros com movimento [112-114], estrelas cadentes [114-115], previsões do tempo [115-116].

Desenvolve-se a parte ética⁴⁶ essencialmente na última carta [a Meneceu: 122-138], vislumbrando-se um suposto afastamento da religião, geradora de perturbação por meio de superstições no retrato tradicional e na conceção filosófica de pitagóricos, órficos, platónicos. Porém, neste inconformismo com tonalidades quase messiânicas⁴⁷, Epicuro expõe o seu *tetrapharmakon* [quadrifármaco]⁴⁸, para a obtenção das finalidades da sua doutrina [*telos*: procura de prazer e ausência de perturbação/dor mental e física através do prazer. Cf. Prazer cinético e katastemático⁴⁹, 136-137]: não temer os deuses; não temer a morte⁵⁰; a possibilidade de uma vida feliz; a capacidade de suportar a dor. Não se apresenta como imbuído de ateísmo, impiedoso, nem nega a existência de deuses⁵¹. Antes como 'purificador' da religião, limita uma interpenetração tão próxima com a esfera humana⁵², conforme ditava a tradição religiosa perpetuada na mitologia [cf. 115: ἀμύθητοί]. Na teologia epicurista, os deuses são seres vivos⁵³; encontram-se relegados ao *intermundium* [10.89]; detêm imortalidade. [10.123: πρῶτον μὲν τὸν θεὸν ζῶον ἄφθαρτον καὶ μακάριον νομίζων, ὡς ἡ κοινὴ τοῦ θεοῦ νόησις ὑπεγράφη, "Primeiramente, considerando que a divindade é um ser vivo, imortal e feliz⁵⁴, segundo dita a noção comum de divindade"]. A questão em torno da morte é manifestamente essencial, desde logo porque selecionada pelas peças bibliográficas disponibilizadas por Diógenes. E de toda a forma, não obstante a desvalorização do *topos* afirmada por Epicuro, trata-se de um assunto

⁴⁶ Considere-se a ética relativa a uma vida boa, na filosofia da Antiguidade Grega, desde a vida virtuosa, em Sócrates [cf. Arist. *EN* 6.13]; o prazer, em Aristipo [D.L. 2.88] – cf. Cirenaicos, na generalidade [D.L. 2.75], à felicidade (εὐδαιμονία), alcançada com atividade racional, em Aristóteles; ao hedonismo, em Epicuro [10.128], obtendo-se prazer depois de efetuar escolhas de Bem [individualismo, cf. 10.11] com a vista [cf. Empiricismo – sobretudo ver (βλέπεσθαι), não necessariamente demonstrativa (ἀπόδειξις), 10.33, nos *criteria* de verdade: percepção sensorial, *prolepsis*, sentimentos – 10.64] e de realizar juízos sobre as escolhas, através do *criterion* da sensação. E se todo o prazer é um bem [129], nem todo o tipo de prazer deve ser escolhido. Vd. Asmis (2009); Spinelli (2012).

⁴⁷ Considerem-se cultos privados de cariz laudatório, levados a cabo por epicuristas, conforme D.L. 10.9, pela consagração de estátuas de bronze (χαλκαῖς εἰκόσι). Aliás, é determinação testamentária de Epicuro [18] a prossecução de rituais fúnebres (τὰ ἐναγίσματα), típicos da celebração de heróis, pela celebração de aniversários *post mortem*, a saber, de Metrodoro, do seu [10 de Gamélion] – celebrações, a 20 de cada mês (εἰκάδες), dos irmãos, de Polieno; para comemorações em sua honra e de Metrodoro. Cf., no séc. II/I a.C., Phld. *Piet.* Vd. Obbink (1988).

⁴⁸ Cf. princípios doutrinários de Epicuro sumariados numa inscrição mandada efetuar por Diógenes de Oenoanda (séc. II), com dizeres, em jeito de máximas, arredando o medo face aos deuses e à morte, a possibilidade de alcançar a felicidade e de suportar a dor. Cf. *Tetrapharmakon* de Filodemo [fr. 148 Usener].

⁴⁹ Vd. D.L. 2.86b-91a. Cf. Brunschwig; Nussbaum (1993).

⁵⁰ Cf. Rosenbaum (1986); ; Grey (1999); Warren (2004).

⁵¹ Vd. D.L. 123: θεοὶ μὲν γὰρ εἰσιν, "Ora, na realidade, os deuses existem". Cf. Cic. *N.D.* I.44.123, dando conta da obra de Epicuro sobre as divindades, também com alguma ironia. Cf. Obbink (1988; 2002).

⁵² Sobre a teologia de Epicuro e a conceção dos deuses como projeções da imaginação humana [cf., numa conceção mais antiga, Xenoph. *Frs.* 14, 15, 16 Diels] e de forma idealista e não de forma inata, vd. Sedley (2011).

⁵³ Como tal, constituídos por átomos, conforme menciona o latino Varrão, no séc. II/I a.C., fr. 8 Cardauns.

⁵⁴ Cf. Konstan (2008).

transversal a todo o ser humano⁵⁵, pela sua condição de mortal e desconhecimento do futuro. Este facto, aliás, aproxima Epicuro de Platão, não relativamente à conceção da morte no âmbito de pensamentos órficos e estoicos e a sobrevivência da alma, mas tão só no tocante ao temor da morte pelo desconhecimento da fase *post mortem* e até pela componente tradicional sobre a questão, perpetuada pela religião e divulgada literariamente⁵⁶. Epicuro erradica os perigos de uma justiça divina *post mortem*, substituindo a inexistência de um novo plano de subsistência, donde as lamentações, com um júbilo comemorativo pela libertação de sofrimentos e recordação da vida mediante princípios epicuristas (memória)⁵⁷.

Epicuro apresenta uma *ars moriendi* libertadora do medo de um destino que determina uma fissura gnosiológica [entre o conhecido/certo – ainda que sofrido – e o desconhecido/incerto], erradicando, desde logo, a questão do domínio do imponderável, do incerto e, naturalmente, de temores⁵⁸. A morte relega-se assim a uma não-questão [10.124: Συνέθιζε δὲ ἐν τῷ νομίζειν μηδὲν πρὸς ἡμᾶς εἶναι τὸν θάνατον· Cf. 10. 126 – bom é não nascer, mas, tendo nascido, então passar rapidamente os portões de Hades], o que liberta o homem para meditar [μελετᾶν] no que traz felicidade [*Ep.Men.* 122–123]. Porém, Epicuro não se limita a destacar a sua posição dos demais, mas critica um alegado pessimismo que parecia ter-se generalizado na Antiguidade. Tal posição demarca-o, outrossim, de possíveis acusações de impiedade, antecipando aspetos também considerados na atualidade. De facto, não nega a existência de deuses, mas coloca-os noutra plano [*intermundia*] afastando-os de uma estreita interpenetração e dependência com o plano humano, por forma a

⁵⁵ Cf. Sen. *De Brev.Vit.* 7.3: *tota vita descendum est mori.*

⁵⁶ Cf. Pl. *Ap.* 29a–b: τὸ γὰρ τοι θάνατον δεδιέναι, ὧ ἄνδρες, οὐδὲν ἄλλο ἐστὶν ἢ δοκεῖν σοφὸν εἶναι μὴ ὄντα: δοκεῖν γὰρ εἰδέσθαι ἐστὶν ἃ οὐκ οἶδεν. οἶδε μὲν γὰρ οὐδεὶς τὸν θάνατον οὐδ' εἰ τυγχάνει τῷ ἀνθρώπῳ πάντων μέγιστον ὄν τῶν ἀγαθῶν, δεδίασι δ' ὡς εὔ εἰδότες ὅτι μέγιστον τῶν κακῶν ἐστὶ. "É que temer a morte, senhores, nada mais consiste do que julgar-se sábio, quando assim não é, pois trata-se de pensar que alguém conhece o que desconhece. Com efeito, ninguém sabe se a morte não é até a melhor bênção para os homens, mas eles temem-na como se soubessem que é o maior dos males." Na realidade, porém, ao contrário da lógica platónica (estoica), o sábio epicurista não se tranquiliza perante o desconhecimento da existência *post mortem*, mas porque a nega. Cf. Sócrates, mas de forma distinta. Vd. Luper-Foy (2009, p. 4–5); Fish; Sanders (2011).

⁵⁷ Cf. Luper-Foy (1987). Convirá, no seguimento da desvalorização da morte, considerar, ainda assim, questões relacionadas com a lamentação de um morto, enquanto perda da sua utilidade; privação do alcance e gozo de desejos. Mais ainda, importará avaliar o factor moralidade–prudência em relação a atos de suicídio (será racional evitar a morte, não sendo esta um mal?) e de homicídio (será um mal? E a justiça, vingança decorrentes?) – ou constituirão todos estes aspetos uma não-questão, que não merece ponderação; ou serão elementos paradoxais? Cf. Feldman (1992, p. 127–142); Feit (2002); McMahan; Jeff (2002, p. 96); Bradley (2004); Hershenov (2007). Sobre uma discussão do assunto, com base em posições de senso comum e do *topos* da imortalidade, vd. Fischer (2006). Acerca do presentismo em Epicuro, vd. Markosian (2004).

⁵⁸ Cf., no seguimento de Epicuro, no contexto latino, Lucr. 1.107–111: *nam si certam finem esse viderent | aerumnarum homines, aliqua ratione valerent | religionibus atque minis obsistere vatium. | nunc ratio nulla est restandi, nulla facultas, | aeternas quoniam poenas in morte timendum.* "Com efeito, se os homens vissem o fim certo das perturbações ter alguma razão, obstariam às religiões e às obrigações dos oráculos. Agora não há razão para resistir, não há nenhuma possibilidade, porque as eternas penas na morte devem ser temidas."

possibilitar *ataraxia* e felicidade⁵⁹. De igual modo, desmascara afirmações vãs de autocomiseração, não sinceras, pois não conduzem à prática generalizada de suicídios⁶⁰. Em termos gerais, o seu pensamento é um hino à vida⁶¹. Outrossim, transmite alguma resignação face aos desígnios igualitários⁶² da *moira*, através da inevitabilidade de estados, como degeneração e da morte, também atestados em autores de outros paradigmas.

A descrição da própria morte de Epicuro é calma, tranquila e redundante numa libertação, não especificamente de culpas ancestrais (Pl. *Men.* 81b: ποινή παλαιή), mas de sofrimento terreno⁶³, designadamente das excruciantes dores de que o Filósofo padeceu. Na realidade, relativiza diversas questões, tradicionalmente conotadas de 'bem' ou 'mal'⁶⁴.

⁵⁹ Cf. Lange (1866). Mutatis mutandis, vd., uma antecipação de autores muito posteriores, como Nietzsche, ainda que este último claramente niilista. Ora, Epicuro não deve apreender-se como um equivalente niilista, nem ateu. Vd. Konstan (2011); Ansell-Pearson (2014).

⁶⁰ Cf. Thgn. 1.425-428: πάντων μὲν μὴ φῦναι ἐπιχθονίοισιν ἄριστον | μηδ' ἐσιδεῖν αὐγὰς ὀξέος ἡελίου, | φύντα δ' ὅπως ὠκίστα πύλας αἶδαιο περῆσαι | καὶ κεῖσθαι πολλὴν γῆν ἐπαμησάμενον. "De tudo, o melhor para o homem é não ter nascido, nem ter visto os raios do sol penetrante. Mas, ao ter nascido, transpor tão célere quanto possível as portas do Hades e repousar sob muita terra." Vd. S. OC 1225-1227: μὴ φῦναι τὸν ἅπαντα νικᾷ λόγον: τὸ δ', ἐπεὶ φανῆ, | βῆναι κεῖθεν ὅθεν περ ἦκει, | πολὺ δεύτερον, ὡς τάχιστα "Não haver nascido é, mais do que tudo, melhor, mas ao ter-se contemplado a luz do dia, o melhor é regressar o mais rapidamente possível para onde veio."; Mimm. fr. 2.10 Diehl: αὐτίκα τεθνᾶναι βέλτιον, ἢ βίος, "morrer rapidamente é melhor do que viver", benesse, aliás, concedida pelos deuses aos que mais amam [cf. Men. fr. 111 Körte. Na cultura romana, Pl. Bac. 816-817: Quem di diligunt | adulescens moritur, "Aquele que os deuses preferem | morre na sua juventude"].

⁶¹ Vd., mutatis mutandis, autores não inscritos propriamente em cânones epicuristas, e.g. E. IA 1251-1252, no contexto relativo ao sacrifício de Ifigénia: μαίνεται δ' ὅς εὔχεται | θανεῖν. "Quem deseja a morte é insano". Consequentemente, Epicuro avança relativamente a quem já afirmava que o inevitável advento da morte não deveria estranhar-se uma chegada inesperada [E. fr. 964 Nauck] ou injusta, nem lamentar-se em demasia, porquanto apenas será o pagamento de uma culpa ancestral, na sequência da falta primitiva [cf. Titãs face a Dionísio/Zagreu] - Plu. *Consolatio ad Apollonium* 1.10: διὸ καὶ μοιρίδιον χρέος εἶναι λέγεται τὸ ζῆν, ὡς ἀποδοθησόμενον δέδανείσαντο ἡμῶν οἱ προπάτορες. ὃ δὴ κατεῦκόλως καταβλητέον καὶ ἀστενάκτως, ὅταν ὀδανείσασάπαιτῆ, "por isso a vida deve ter-se como uma dívida fatal contraída pelos nossos antepassados, que nós temos que pagar, o que deve ser feito serenamente e sem queixume, quando o credor a reclamar" [Cf. γίγνωσκε | δεῶς πᾶσιν ἡμῖν κατθανεῖν ὀφείλεται, "Compenetra-te de que a morte é uma dívida que todos temos que pagar", E. Alc. 418-419; S. El. 1173]. Ora, Epicuro, por seu turno, nem sequer gasta tempo a meditar sobre a época de inexistência que se inicia com a morte.

⁶² A título ilustrativo, cf. Dem. 258: πέρας μὲν γὰρ ἅπασιν ἀνθρώποις τοῦ βίου θάνατος, "pois, para toda a humanidade, o fim da vida é a morte". Vd. Thgn. 1.727-728. Cf. Sol. fr. 24 W: οὐδ' ἂν ἄποινα διδούς θάνατον φύγοι οὐδὲ βαρέας | νούσους οὐδὲ κακὸν γῆρας ἐπερχόμενον, "Ninguém, pagando um preço pode escapar à morte, ou a doença grave ou à chegada dura velhice".

⁶³ Vd. Epicuro, numa epístola a Idomeneu [22]: τὴν μακαρίαν ἄγοντες καὶ ἅμα τελευταίαν ἡμέραν τοῦ βίου ἐγράφομεν ἡμῖν ταυτί. στραγγουρικὰ τε παρηκολουθήκει καὶ δυσεντερικὰ πάθη ὑπερβολὴν οὐκ ἀπολείποντα τοῦ ἐν ἑαυτοῖς μεγέθους. "Escrevemos-te isto neste dia feliz, que é também o último da nossa vida. Os contínuos sofrimentos pela estrangúria e disenteria são tão grandes, que nada pode aumentá-los." Cf. Plu. *Consolatio ad Apollonium* 1.9. Cf. Simon. AP 10.105: Χαίρει τις, Θεόδωρος ἐπεὶ θάνον· ἄλλος ἐπ' αὐτῷ | χαρῆσει. θανάτῳ πάντες ὀφειλόμεθα, "Um certo Teodoro regozija-se porque eu morri. Outro há de alegrar-se com a morte dele. Todos temos uma dívida para com a morte".

⁶⁴ Com efeito, o fenecimento poderia entender-se como uma fatalidade, não se tratasse a vida da pior essência que o Homem acarreta, de tão imprevisível e inconstante que são as contingências da τύχη, 'sorte' [Cf. Sim. fr. 521 PMG Vd. PMG 2.15-16: οὐδέ τις ἐστὶν | ἀνθρώπων ᾧ Ζεὺς μὴ κακὰ πολλὰ διδοῖ, "não existe homem a quem Zeus não dê muitas fatalidades". Cf. Hdt. 1.29-33, 85-89]. Ainda assim, verificar-se-ia um propósito/funcionalidade no sofrimento, resumindo-se a vida a um percurso de aprendizagem pelo sofrimento [πάθει μάθος. Cf. A. Ag. 176]. Porém, em termos gerais, a morte constitui, como afirma Epicuro, o maior dos males, ou a libertação dos sofrimentos da vida [D.L.

Por último, a rematar a obra de Diógenes [139-154], as *Κύρια Δόξαι*⁶⁵, onde se apresentam várias máximas, que condensam muita da matéria apresentada anteriormente. Repetem-se, assim, numa disposição formular, *topoi* expostos em estilo epistolar, de forma mais desenvolvida e alargada, a exemplo de divindades [1], morte [2, 20, 40], felicidade [1, 5, 27], amizade [27-28], sofrimentos [4, 21, 26, 29-30], prazeres [3, 8-10, 18-20, 29], desejos [26, 29-30], tempo [19-20], justiça/relação/segurança [5, 17, 31-38. Cf. 39, 40], segurança e natureza [6, 7, 10, 15, 25, 31], segurança/medo [10-14, 28], sorte/acaso [16], bem/mal [8, 21]; razão [22], sensações [23-24]. Na generalidade, as máximas reúnem várias temáticas e por vezes agrupam-se na sua disposição.

7. Testamento

À partida, para a obtenção de uma vida feliz através do estado de tranquilidade [*ataraxia*], Epicuro defendia uma conduta simples [cf. *εὐτελής, λιτός*], conforme indica Diógenes Laércio [10.9], mediante informação de um autor grego [séc. II/I a.C.] que teria empreendido, a crer pelos títulos das obras que lhe são atribuídas⁶⁶, um trabalho de objetivos similares: *Διοκλῆς {δὲ} ἐν τῇ τρίτῃ τῆς*

10.125: ἀλλ' οἱ πολλοὶ τὸν θάνατον ὅτε μὲν ὡς μέγιστον τῶν κακῶν φεύγουσιν, ὅτε δὲ ὡς ἀνάπαυσιν τῶν ἐν τῷ ζῆν <... > "Mas a multidão, ora evita a morte como o maior dos males, ora como o descanso dos [males] na vida <...>". Neste sentido, Aristóteles ilustra também o princípio de autoridade do que é reconhecido pela maioria, com base na tradição [Rh. 2.23.12]: ἢ ὡσπερ Σαπφώ, ὅτι τὸ ἀποθνήσκειν κακόν: οἱ θεοὶ γὰρ οὕτω κεκρίκασιν: ἀπέθνησκον γὰρ ἄν. "Como afirma Safo, a morte é um mal; os deuses assim o decidiram. Pois se assim não fosse, também os deuses morreriam."

⁶⁵ Cf. Suda ε2406, que complementa ε2404 num apontamento tardio de referência, uma súpula da doutrina de Epicuro, deveras linear, considerando os átomos na formação de um universo de elementos naturais [cf. Parménides]: ar, terra, água, que resultam do movimento (choques, mistura, dissolução) de átomos, por força do acaso e não da vontade ou determinação divinas. Segue-se, assim, um propósito de certa forma similar ao de Diógenes Laércio, mas mais condensado, sem recurso a citações e facciosismos: Ἐπικούρου: ὄνομα κύριον. εἶχε δὲ ἄρα τὸ βιβλίον τὰς Ἐπικούρου δόξας, ἃς ἐκεῖνοι κυρίας οὕτω καλοῦσιν, Ἐπικούρου κακὰ γνωρίσματα: ἐν αἷς ἄρα καὶ τότε ἦν, ὅτι καὶ τότε τὸ πᾶν φέρεται τύχῃ τινί, οὐ μὴν βουλήσει καὶ κρίσει θεοῦ. ταύτας δὲ τὰς θρυλουμένας ἀτόμους πληττομένας ὑπ' ἀλλήλων, εἶτα ἀφισταμένας, ἐκ τούτων γίνεσθαι ἀέρα, γῆν καὶ θάλατταν, εἶτα διαλύεσθαι τὰς ἀνακράσεις καὶ συνόδους καὶ παντελῶς ἀφανίζεσθαι εἰς ἀτόμους. φέρεσθαι δὲ εἰκὴ τὰ πάντα, καὶ ὡς ἔτυχεν, οὐ μὴν ἐκ τῆς τοῦ ποιητοῦ σοφίας. εἶτα ὅτι ἐκ προνοίας φύρεται πάντα, οὔτε κυβερνήτην οὔτε ἰθυστήν οὔτε ποιμένα ἔχοντα. εἶτα ὁ πομπῆ τοῦ θεοῦ ἦκων οὐκ ἠνέσχετο παραληρεῖν αὐτόν, ἀλλὰ τὴν τῶν λόγων παραπλήγα λύτταν κατεσίγασεν, εἶτα ἀνέθορεν, Ἐπικούρω καὶ ταῖς ἐκείνου δόξαις κλάειν λέγων. "Epicuro: nome próprio. Ora, o livro continha as doutrinas de Epicuro que aqueles chamam de 'principal', fazendo conhecer as coisas más de Epicuro. Então, nessas [doutrinas] afirmou-se o seguinte: que até este universo é colocado em movimento por um acaso, não certamente por vontade ou decisão da divindade. E de facto estas doutrinas repetem várias vezes que os átomos se entrecrocaram e que, quando se separam, produzem-se, a partir deles, o ar, a terra e o mar e depois, as misturas e os conjuntos dissolvem-se e desaparecem completamente em átomos. Que todas as coisas se movimentam ao acaso, ou seja, como resultado da sorte, não pela sabedoria de um criador. Por conseguinte, todas as coisas são misturadas pela providência [Cf., todavia, Epicuro acerca da πρόνοια e, ao invés, a teleologia estoica], não por terem um comandante ou um guia ou um pastor. Então, aquele que veio no cortejo da divindade, não tolerou que dissesse idiotices, mas silenciou a fúria insana das [palavras]. Depois ergueu-se, dizendo lamentos a Epicuro e às doutrinas dele." Cf. Ael. fr. 64a Domingo-Forasté.

⁶⁶ Cf. Ἐπιδρομὴ τῶν φιλοσόφων; Περὶ βίων φιλοσόφων.

ἐπιδρομῆς φησιν] εὐτελέστατα καὶ λιτότατα διαιτώμενοι. "Díocles, no terceiro livro de *Epítome*] menciona que levavam uma vida muito simples e despreziosa". Não obstante, conseguiu uma quantia necessária para adquirir o Jardim [10: oitenta minas] e reflete sobre a propriedade [11, οὐσία]. Com efeito, em termos gerais, importa não confundir simplicidade com abnegação total de bens, donde a pertinência de determinar a administração das suas posses em testamento⁶⁷.

Diógenes Laércio retrata também o testamento de Epicuro⁶⁸, à semelhança do que efetua relativamente a outros filósofos⁶⁹, na mesma obra, facto que denota, em certa medida, o reconhecimento do testamento como testemunho de aspetos biográficos relevantes, designadamente, posses, pessoas próximas, traços de carácter. O documento é bastante longo e pormenorizado, revelando preocupações várias e situações particulares a serem acauteladas, como a filha de Metrodoro [19], no respeitante ao principal beneficiário da sua propriedade, Aminomaco, filho de Filócrates, de Bate, e a Timócrates, filho de Demétrio, de Potamio. Fica latente a existência de uma doação anterior, feita em Metroon. De igual modo, determinações relativamente à gestão do Jardim; à libertação de escravos [21]. Em jeito testamentário, convém atentar outrossim na carta a Idomeneu [22]. O desejo de continuarem a ser executados cultos privados⁷⁰, de contornos algo paradoxais prende-se com a manutenção de festas de aniversário pessoal e de familiares seus, após a morte [18]. A determinação testamentária possui evidente finalidade laudatória e reflete tónicas de autoconsideração, que lhe granjeavam imortalidade através da lembrança. Aliás, parece ter sido vontade de Epicuro a preservação das suas doutrinas que registou num alargado espólio literário, deixado em testamento a Hermarco [26], na sequência da sua memorização pelos discípulos [cf. 16].

8. Temáticas Dispersas Complementares

Encontram-se, na obra de Diógenes Laércio, várias temáticas dispersas, que, não tendo constituído objetivo específico seu, nem de Epicuro, abordá-las, mas apenas aludi-las, de forma

⁶⁷ Importa considerar o testamento como um documento revelador, não apenas da disposição de bens post mortem, mas, por isso mesmo, revelador do testamentário [cf. Plin. Ep. 8.18.1: creditur uulgo testamenta hominum speculum esse morum, "Acredita-se, na generalidade, que os testamentos são um espelho do carácter dos homens"].

⁶⁸ Cf. Clay (2009).

⁶⁹ Viz. Platão [3.41-43], Aristóteles [5.11-16], Teofrasto [5.51-57], Estrabão [5.61-64], Lico [5.69-74]. Sobre o testamento de Epicuro, cf. Cic. Fin. 95, fonte disponível para Diógenes. Considerem-se igualmente dádivas também registadas no Metroon (arquivo público) [de Atenas], qual decreto institucional, o que denota a importância e reconhecimento sociais de Epicuro, assim como a preocupação de preservar a Escola e a sua influência filosófica em epicuristas fora de Atenas [cf.10.16]. Cf. Militello (1997).

⁷⁰ Vd. Clay (1986).

complementar, fornecem alguma informação sobre o entendimento do Filósofo do Jardim, acerca de tais *topoi*.

8.1 Linguagem

Embora não deva considerar-se, no livro sobre Epicuro, a existência de uma teoria tão extensa sobre os nomes próprios, como em Pl. *Crat.*, a partir da Carta a Heródoto de Epicuro [10.75–76. Cf. 33, 37–38. Vd. Alusões dispersas a vocabulário técnico e definições, e.g. 'tempo', 73], torna-se possível, ainda assim, tecer algumas constatações. Deveras arredado de princípios que viriam a caracterizar o objeto de estudo da ciência tornada autónoma na viragem do século XIX, pelo linguista suíço F. de Saussure, o discurso de Epicuro não contempla a arbitrariedade dos signos linguísticos, o mesmo é dizer, uma existência externa e independente dos sons, como nomes de coisas previamente existentes, tal como se manteve na atualidade⁷¹. A imagem mental criada pode aproximar-se, ainda que de forma muito titubeante, ao que viria a ser o conceito linguístico de 'significado', cujo conteúdo [imagem mental abstrata] é concretizada mediante o contexto e [ou] a situação comunicativa [cf. 'tribos', D.L.76], o que conduz à afirmação de homogeneidade [necessária para entender e comunicar] e heterogeneidade [75: variação, diatópica e etnográfica]. Em termos gerais, no tocante à origem das palavras, a teoria naturalista de Epicuro [Cf. 10.33: οὐδ' ἂν ὠνομάσαμέν τι μὴ πρότερον αὐτοῦ κατὰ πρόληψιν τὸν τύπον μαθόντες. "Não poderíamos denominar nada, se antes não tivéssemos aprendido a sua forma."] distancia-se da tradição⁷² e ganha reconhecimento para épocas posteriores⁷³.

⁷¹ Cf. arbitrariedade / convencionalidade que reporta o tipo de relação que se estabelece entre a expressão material dos signos linguísticos (sons) e a realidade extralinguística que denominam, desde os seus primórdios [cf. binómio saussuriano significante/significado]. Outrossim, o entendimento de A. Martinet sobre os signos linguísticos não se reduzem a meras nomenclaturas, sendo assim, por este último aspeto, a ideia epicurista de certa forma precursora dos estudos desenvolvidos no âmbito da ciência Linguística. Cf. Bailly; Séchehayé (1916); Martinet (1960). Sobre a Antiguidade, Chilton (1962); Verlinsky (2005); Mackey (2015).

⁷² Vd. origem divina da linguagem humana, em E. *Supp.* 201--4, a título de dádiva, diferenciando como sinal civilizacional a linguagem articulada, por oposição aos sons inarticulados dos animais [cf. φθέγμα ~ ἄφθογγος]. Epicuro [Carta a Heródoto in D.L. 52, usa φωνέω], por seu turno, encontra-se mais próximo de autores, como S. *Ant.* 354–6, que refere que o homem ensinou-se a si mesmo o discurso. Cf. (Ps.)Arist. Περὶ Ἀκουστών. *De Audibilibus* [Vd. *Pol.* 1253a9–15. Cf., antes, séc. V/IV a.C., D.S. 1.8.3–4]. Cf. Sorabji (1995).

⁷³ Cf. Lucr. *De Rerum Natura* 5.1028–90, sobre a origem das palavras.

8.2 Justiça

Máximas sobre a justiça ocorrem especialmente de 31-38, porque o contacto social [e daí o contrato social] é necessário. Em termos gerais, a noção de justiça mostra-se um princípio sem essência positiva ou negativa, mas antes suscetível de tais conotações, mediante utilidade e conveniência espaço-temporais necessárias para uma vida agradável. No entender de Epicuro, aproximam-se dois itens numa propensão não teológica: justiça e prazer, isto é, racionalizar os relacionamentos sob leis comuns para fins egocêntricos, designadamente, garantir a *ataraxia*, em termos sociais, enquanto somatório individual [cf., de igual modo, a amizade⁷⁴].

8.3 Fenómenos Físicos

Não obstante a existência de estudos físicos explicativos de fenómenos celestes e movimentos [76 sq.], que se aproximam da atualidade, Epicuro parece alhear-se deles. Na realidade, maioritariamente, seria difícil aceitar tais explicações técnicas sobre noções tradicionais temerosas ligadas a um determinismo religioso. Neste sentido, do ponto de vista do conhecimento científico disponível na época, verificam-se afirmações epicuristas baseadas no conhecimento comum de matriz tradicional. Assim, sobre eclipses⁷⁵, o sol⁷⁶, a lua⁷⁷, a movimentação da Terra, meteoros [80], solstícios [79].

⁷⁴ Cf. O' Keefe (2001).

⁷⁵ Cf. 10.96-97. Epicuro procura arredar a intervenção divina de um fenómeno que causava assombro e temor generalizado, pela extinção do astro ou interposição de outros astros. Cf., numa descrição de cariz paradoxográfico, Archil. fr. D74 Diehl, a propósito do assombro causado pelo eclipse solar de 648 a.C. Tradicionalmente, juntam-se mito e religião para explicar o fenómeno. Nesse sentido, importará igualmente considerar o seu aproveitamento para fins sociais e militares, por comandantes, por vezes secundados por profetas [e.g., sobre a inclusão da profecia e da adivinhação do líder ateniense Nícias, que, no decurso da Guerra do Peloponeso, após o eclipse lunar de 27 de agosto de 413 a.C., por superstição, recusou a retirada das tropas, antes de consultar um profeta - Filócoro, filho de Cicno, após a morte recente de Stilbides, *FGrH* 328, F 135a]. Vd., a este propósito, Troca Pereira 2015. A ocorrência de eclipses, ainda que inusual, poderia ocorrer com alguma frequência, multiplicando-se o seu impacto e efeito social [cf., durante a Guerra do Peloponeso - 431-404 a.C., três eclipses: dois solares - 4 de agosto de 431 a.C., 21 de março de 424 a.C.; e um lunar, durante noite de lua cheia. Cf. Thuc. .50.4. Vd. D. S. 13.12.6; Plu. *Nic.* 23.1, 5, 6], o que justifica alguma reflexão sobre a temática. Embora Anaxágoras de Clazómenas [séc. VI/V a.C. Vd. Hippol. *Haer.* 1 8 9-10. Cf. Steele; Stephenson; Morrison (1997). Vd. D.L. 1.23. Também o contemporâneo Empédocles. Cf. DK 31B42] já tivesse apresentado uma explicação científica [cf. também, um século antes, Tales], o fenómeno continuava a surtir grande impacto. Plutarco daria conta da resistência de um conhecimento ainda não suficientemente divulgado e sem credibilidade reconhecida, além de receio de castigos/justiça divina, por impiedade [*Nic.* 23.2: ὁ γὰρ πρῶτος σαφέστατόν τε πάντων καὶ θαρραλεώτατον περὶ σελήνης καταυγασμῶν καὶ σκιᾶς λόγον εἰς γραφὴν καταθέμενος Ἀναξαγόρας οὐτ' αὐτὸς ἦν παλαιὸς οὔτε ὁ λόγος ἔνδοξος, ἀλλ' ἀπόρητος ἔτι καὶ δι' ὀλίγων καὶ μετ' εὐλαβείας τινὸς ἢ πίστεως βαδίζων. "O primeiro homem a escrever a mais distinta e corajosa teoria acerca das fases da lua foi Anaxágoras, que não era uma autoridade na Antiguidade, nem a sua teoria era considerada. Mas ainda era mantida em segredo e era lentamente revelada entre um número restrito, que a receberam mais com cautela do que com segurança"]. Epicuro, não obstante, apresenta também uma explicação, ainda que sem aludir a anteriores

Epicuro visa apresentar explicações libertadoras do medo, com vista a alcançar o estado de *ataraxia*. Contudo, são, na realidade, constatações empíricas retrógradas, face a investigações científicas de vários domínios. Diógenes Laércio não emite nenhum parecer crítico a propósito, o que poderá denotar também a índole de apreciações filtradas pelo paradigma judaico-cristão.

Sobre todos esses fenómenos, existiam já estudos dos pré-Socráticos⁷⁸: e.g. Pitágoras e o limitado/ilimitado; Filolau [B17] e o Sol como 'fogo central' [cf. Arist. *De Caelo*, acerca do Mundo Físico], heliocentrismo, a sucessão do dia e da noite; a lua com luz refletida [cf. alusão a Anaxágoras, *Pl. Cra.* 409b]; Parménides [vd. também Empédocles] e a esfericidade da Terra [cf. D.L. 8.25, 48, 9.21]. Aliás, D.L. 8.48: καὶ τὸν οὐρανὸν πρῶτον ὀνομάσαι κόσμον καὶ τὴν γῆν στρογγύλην: ὡς δὲ Θεόφραστος, Παρμενίδην: ὡς δὲ Ζήνων, Ἡσίοδον. "e que [Pitágoras] foi o primeiro a chamar o céu de universo e a Terra de esférica, embora Teofrasto diga que foi Parménides, e Zenão que foi Hesíodo."

esclarecimentos racionais. Vd. Tannery (1887); Kahn (1991); Stephenson; Fatoohi (2001, p. 249). Graham; Hintz (2007).

⁷⁶ Cf. alusões contemporâneas de Epicuro, por parte de Aristarco de Samos (séc. IV/III a.C.), a propósito do heliocentrismo, não seguidas pelo Filósofo do Jardim, donde referências ao surgimento e ocaso do Sol e da Terra e dos demais astros [92: ἀνατολὰς καὶ δύσεις ἡλίου καὶ σελήνης καὶ τῶν λοιπῶν ἄστρον] e às rotações do Sol [93: τροπὰς ἡλίου]. Sobre o assunto, vd., posteriormente, Archim. *Aren.* 1; Plu. 923a, acerca da teoria heliocêntrica proposta por Aristarco de Samos (séc. III a.C.).

⁷⁷ A propósito da lua, Epicuro explica a luminosidade, quer por si mesma, quer por reflexo do Sol [94: ἔτι τε ἐνδέχεται τὴν σελήνην ἕξ ἑαυτῆς ἔχειν τὸ φῶς, ἐνδέχεται δὲ ἀπὸ τοῦ ἡλίου].

⁷⁸ Cf. Freeman (1959).

LIVRO X | EPICURO⁷⁹

[1] Epicuro, filho de Néocles e Queréstrate, era um ateniense do demo Gargetos, da família dos Filaídas, conforme refere Metrodoro⁸⁰, em *Do Nascimento Nobre*⁸¹. Segundo outros, entre os quais Heráclides⁸², em *Epítome de Sótion*⁸³, cresceu em Samos, depois que os Atenienses enviaram para aí colonizadores. Foi para Atenas com dezoito anos, quando Xenócrates estava na Academia e Aristóteles em Cálcis. Após a morte de Alexandre da Macedónia e da expulsão dos colonizadores atenienses, de Samos, por Pérdicas⁸⁴, Epicuro saiu de Atenas para junto de seu pai, em Cólofon. [2] Permaneceu aí durante algum tempo e reuniu discípulos. Regressou a Atenas, no Arcontado de Anaxícrates⁸⁵. Durante algum tempo, na companhia de outros, prossegue os estudos, mas depois <afasta-se> e funda um espaço com o seu nome. Ele próprio afirma ter entrado em contacto com a filosofia aos catorze anos de idade. O epicurista Apolodoro, no primeiro livro de *Acerca da Vida de Epicuro*⁸⁶, refere que ele se dedicou à filosofia por crítica aos professores, quando não conseguiram dizer-lhe o significado do 'caos' em Hesíodo.⁸⁷ Todavia, segundo denota Hermipo, ele começou como mestre, mas, ao contactar com as obras de Demócrito, dedicou-se à filosofia. [3] Daí a alusão de Tímon⁸⁸, a seu respeito: "Derradeiro e mais vergonhoso⁸⁹ dos físicos, vindo de Samos; professor; o mais ignorante dos seres vivos."

⁷⁹ Vd. a tradução subsequente, a partir do original grego, em Dorandi (2013, p. 242-296).

⁸⁰ Metrodoro de Quios, séc. IV a.C. Filósofo atomista, com princípios que podem incluir-se no ceticismo. Seguidor do Epicurismo. Cf. Pirro, seu contemporâneo, e o pirronismo.

⁸¹ Περὶ εὐγενείας.

⁸² Heráclides de Lembos, político, historiador, filósofo, séc. II a.C.

⁸³ Σωτίωνος ἐπιτομή.

⁸⁴ Cf. D.S. 18.18.9.

⁸⁵ Cf. 307-306 a. C.

⁸⁶ Περὶ τοῦ Ἐπικούρου βίου

⁸⁷ Cf. Sext. *Adv. Math.* 10.18.

⁸⁸ Fr. 51 Diels. Sobre a profissão, vd. D. *De Cor.* 258: ἄμα τῷ πατρὶ πρὸς τῷ διδασκαλείῳ προσεδρεύων.

⁸⁹ Cf. *Il.* 1.159. O vocábulo empregue por Aquiles, na eropeia, é κυνώπα, 'olhar canino'. Ofensa similar aparece recuperada por Tímon é κύντατος, 'similar a cão'. Importa constatar a utilização de animais para comparações pejorativas, retomando a sua conotação desmerecedora em épocas mais tradicionais (cf., neste sentido, *Il.* 1.4: ἐλώρια κύνεσσιν, 22.339: κύνας καταδάψαι). De facto, não raro, surgem referências literárias associando animais, sobretudo de aves (e.g. corvos, abutres), à necrofagia, enquanto processo natural. Assim pois, tanto no panorama literário da Antiguidade Grega (e.g. Ar. *Th.* 1028-1029: ἐκρέμασεν | κόραξι δείπνον "deixo-me exposto como comida para os corvos". Cf. Ar. *Nu.* 133: βάλλ' εἰς κόρακας "vai para os corvos", *id est*, coloquialmente, "vai para o inferno", *V.* 852, 982), como no contexto Latino (e.g. Hor. *Ep.* 1.16.48: *non pasces in cruce coruos* "não alimentarás os corvos na cruz". Cf. Juv. 14.77, numa alusão à necrofagia dos abutres, a partir de corpos abandonados na cruz, *crucibusque relictis*; Tert. *Ad Nationes* 1.18.3). Vd., posteriormente, e já na *Od.*, um atendimento mais próximo e doméstico do cão (cf. Argos, *Od.* 17.290, 327). Vd., na mitologia, Cérbero (e.g. E. *Alc.* 360).

Instigados por si, os seus três irmãos – Neócles, Queredemo e Aristóbolo – ingressaram nos seus estudos, conforme atesta o epicurista Filodemo⁹⁰, no décimo livro de *Índice dos Filósofos*; também o seu escravo chamado Mis, segundo Mironiano, em *Paralelos Históricos*⁹¹.

O estoico Diótimo, seu desafeto⁹², abordou-o com calúnias mordazes, reunindo cinquenta cartas escandalosas, supostamente escritas por Epicuro. Assim também fez aquele que atribuiu a Epicuro as epístolas comumente imputadas a Crisipo. [4] De igual modo, o estoico Posidônio e os seus [seguidores]; Nicolau e Sótion, no décimo segundo livro da obra *Refutações Dioclecianas*, †composta por vinte e quatro livros†; e Dionísio de Halicarnasso. Com efeito, com a sua mãe, andava pelas habitações a realizar ritos de purificação; com o seu pai, ensinava letras⁹³, por uma quantia irrisória. Além disso, prostituiu um dos seus irmãos. Viveu com a cortesã Leôncio. E apresentou como suas doutrinas de Demócrito sobre átomos; e de Aristipo, acerca do prazer. Outrossim, que não era um cidadão [ateniense] de raiz, conforme referido por Timócrates e por Heródoto⁹⁴, em *Sobre a Adolescência de Epicuro*⁹⁵. Que adulou vergonhosamente Mitras⁹⁶, administrador de Lisímaco⁹⁷, tratando-o, nas suas cartas, como Curador e Senhor⁹⁸. [5] Mais ainda, que enalteceu e adulou Idomeneu, Heródoto e Timócrates, que haviam divulgado as suas doutrinas esotéricas.

Também, nas cartas a Leôncio: "Senhor Apolo, minha cara Leôncio, com que grande aplauso nos completámos a ler a tua carta!" Também a Temista, esposa de Leonteu: "Estou pronto – disse –, caso não venhas ver-me, irei até onde tu {e Temista} me chamardes." E também para o formoso Pítocles: "Vou sentar-me – diz –, aguardando a tua desejada e divina chegada." E novamente, numa carta a Temista, julga †exortá-la†, como refere Teodoro, no quarto livro de *Contra Epicuro*. [6] Acrescenta-se que ele se correspondeu com muitas outras cortesãs, em particular com Leôncio, por quem Metrodoro também estava apaixonado. De igual modo, que ele, no seu tratado *Do Fim*⁹⁹, escreve deste modo: "De facto, eu não sei como conceber o Bem, exceto a partir dos prazeres do

⁹⁰ Filodemo de Gádara, poeta e filósofo epicurista, séc. II/I a.C.

⁹¹ Ὁμοίοις ἱστορικοῖς κεφαλαίοις

⁹² Cf. Ath. 13.611b, neste mesmo sentido de crítica de Diótimo, face a Epicuro. A referência de Ateneu retrata igualmente a influência doutrinária do Filósofo do Jardim sobre os seus discípulos, ao ponto de poder condicionar determinações, como a subsequente: Διότιμος δ' ὁ γράψας τὰ κατ' Ἐπικούρου βιβλία ὑπὸ Ζήνωνος τοῦ Ἐπικουρείου ἐξαιτηθεὶς ἀνηρέθη, ὡς φησι Δημήτριος ὁ Μάγνης ἐν τοῖς Ὁμωνύμοις. "Mas Deótimo, autor de livros contra Epicuro, foi acusado pelo epicurista Zenão, e condenado à morte, como relata Demétrio de Magnésia, em *Pessoas e Coisas com o mesmo Nome*."

⁹³ Cf. γραμματιστής, παιδοτρίβης, κιθαριστής.

⁹⁴ Não confundir com o historiador do séc. V a.C.

⁹⁵ Περὶ Ἐπικούρου ἐφηβείας.

⁹⁶ Sírio.

⁹⁷ Séc. IV a.C.

⁹⁸ Ἐπίτετος ἀπολίneo.

⁹⁹ Περὶ τέλους. Cf. Ath. 12.546e. Cf., na Antiguidade Latina, Cic. *Tusc.* 3.41.

gosto, dos prazeres sexuais, dos prazeres do som e dos prazeres da forma."¹⁰⁰ E, na epístola a Pítocles, escreve : "Hasteia a vela, ó afortunado, e foge de toda a cultura." Epicteto chama-o de obsceno e cobre-o de críticas.

Também Timócrates, irmão de Metrodoro, discípulo dele, tendo depois deixado a Escola, no registo *Prazeres*, afirma que Epicuro vomitava duas vezes por dia, pela devassidão, e que ele próprio tinha a muito custo escapado àquelas reuniões filosóficas noturnas e à reunião mística. [7] Mais ainda, que Epicuro não entendia muito sobre a razão e sobretudo acerca da vida; que a sua saúde física era miserável, de tal modo que, durante muitos anos, não conseguiu levantar-se da cadeira; e que despendia uma mina diariamente à mesa, conforme ele mesmo refere, na carta a Leôncio e na carta aos filósofos em Mitilene. Também que, entre outras cortesãs que se relacionaram com ele e com Metrodoro, estavam Mamarion, Hedia, Erótion e Nicídion.

De igual modo, que, nos trinta e sete livros *Acerca da Natureza*¹⁰¹, utiliza muita repetição e escreve contra outros, e {bastante} contra Nausífanés. Assim, profere um discurso da seguinte forma: "{Que se vão! Na realidade}, ao dar à luz algo, também deixou sair da boca a pretensão do sofista, como tantos outros servos." [8] Além disso, Epicuro, nas epístolas, afirma a respeito de Nausífanés: "Isto atormentou-o tanto, que ele me injuriou e chamou de pedagogo." Costumava apelidá-lo¹⁰² de iletrado, fraude, prostituto; os de [Platão], de "bajuladores de Dionísio"; e o próprio, de "Platão dourado"; e Aristóteles, como um libertino, que, após ter devorado o seu património, passou a servir o exército e a vender medicamentos; Protágoras, de transportador, escriba de Demócrito e mestre de província; Heraclito, de agitador¹⁰³; Demócrito, de *Lerócrito*¹⁰⁴; Antidoro, de *Sannidoro*¹⁰⁵; os Cínicos, de adversários da Grécia; os Dialéticos, de espolia{do}res; Pirro, de ignorante e bruto.

Contudo, estes indivíduos são completamente loucos. [9] Na realidade, o homem¹⁰⁶ tem testemunhas suficientes a atestarem a sua inultrapassável bondade para com todos; tendo-o a sua pátria homenageado com estátuas de bronze; os seus amigos, tão numerosos, que dificilmente podem ser contados em cidades inteiras; e, de facto, todos os que o conheciam ficaram ligados pelos encantamentos da sua doutrina, salvo Metrodoro, o Estratoniceu¹⁰⁷, que foi para a escola de Carnéades, talvez porque a desmesurada bondade dele lhe pesasse; a própria Escola, a qual, ao passo

¹⁰⁰ Entendam-se os prazeres referidos como pertencendo à música, a artes plásticas e, na generalidade, aos quatro sentidos – gosto, tato, audição, vista. Vd., no mesmo sentido, no contexto latino, Cic. *Tusc.* 3.41 e, no panorama grego tardio, Ath. 12.546e.

¹⁰¹ Περὶ φύσεως.

¹⁰² A Nausífanés,

¹⁰³ Cf. Pl. *Theat.* 181 a propósito de τοὺς ρέοντας.

¹⁰⁴ Designação atribuída por Epicuro a Demócrito: Ἀηρόκριτος: ληρός – κριτός.

¹⁰⁵ Designação atribuída por Epicuro a Antidoro: Σαννίδωρος.

¹⁰⁶ Entenda-se [Epicuro].

¹⁰⁷ Séc. II a.C.

que quase todas as outras desapareceram, se mantém para sempre, sem interrupção, transmitindo o distintivo [de escolarca] um após o outro; [10] a gratidão aos seus pais, a sua generosidade para com os seus irmãos, a gentileza relativamente aos seus servos, como denota o seu testamento, e, pelo facto de eles serem membros dos seus estudos, tendo o mais eminente de entre eles sido o anteriormente referido Mis; e, em termos gerais, a sua benevolência para com todos. Era muito piedoso relativamente aos deuses, e é indiscreto a sua afeição para com a pátria. Possuía tamanho sentido de equidade, que nem sequer entrou na vida política.

Passou toda a vida na Grécia, não obstante as calamidades que se abateram sobre ela nesse período¹⁰⁸; excetuando quando, por uma ou duas vezes, efetuou uma viagem à Jónia, para visitar os seus amigos aí¹⁰⁹. De facto, eles vinham de todas as partes, e viviam com ele no Jardim, como refere Apolodoro (diz que o comprou por oitenta minas; [11] e também Díocles, no terceiro livro de *Epítome*¹¹⁰). Menciona que levavam uma vida muito simples e despreziosa; "em todos os casos - afirma - contentavam-se com metade da dose de vinho e, no restante, eram completamente consumidores de água." Também que Epicuro não concordava que a sua propriedade fosse mantida em comum, conforme requerido pela máxima de Pitágoras - os bens dos amigos são comuns. Tal prática, a seu ver, implicava desconfiança, e, sem confiança, não há amizade. Na sua correspondência, ele próprio menciona que se contentava com água e pão simples. E também: "Manda-me um pequeno pote de queijo - diz -, para que, quando quiser, possa refastelar-me suntuosamente." Este foi quem afirmou que o prazer é o fim da vida. Eis o epigrama, no qual Ateneu o elogia:

[12] "Homens, esforçai-vos por coisas sem valor, comecem a discórdia e a luta incessantemente pelo proveito; todavia, a natureza da riqueza é moderada, enquanto os vãos julgamentos têm uma extensão infinita."¹¹¹ Isto o sábio filho de Néocles ouviu das Musas ou da trípole sagrada de Píton.

Ao avançarmos, conheceremos isto melhor, pelas suas doutrinas e máximas.

Entre os antigos filósofos, refere Díocles, o seu preferido foi Anaxágoras, embora por vezes discordasse dele; e Arquelaus, o professor de Sócrates. Treinava - refere¹¹² - os conhecidos a memorizarem os seus tratados.

[13] Apolodoro, em *Crónicas*¹¹³, relata que foi discípulo de Nausífanos e †de Praxífanos†; mas, na carta a Euríloco, ele¹¹⁴ diz que não e que foi autodidata. Porém, não apenas ele, mas também Hermaco

¹⁰⁸ Sobre as dificuldades da época e a sustentação dos discípulos de Epicuro com feijões (κúαμοι), cf. Plu. *Demetr.* 34.

¹⁰⁹ Cf. *Epist.* 32 (fr. 176 Usener).

¹¹⁰ Ἐπιδρομή.

¹¹¹ Cf. Ateneu in *AP* 4.43.

¹¹² Díocles.

¹¹³ Χρονικοί.

¹¹⁴ Entenda-se [Epicuro].

recusam até a existência do filósofo Leucipo, ainda que alguns e igualmente o epicurista Apolodoro afirmem que ele foi mestre de Demócrito. O Magnésio Demétrio menciona que ele também ouviu as palestras de Xenócrates.

Designa as coisas com vocabulário apropriado e o gramático Aristófanes atribui-lhe um estilo muito característico. Foi tão distinto, que, em *Sobre Retórica*¹¹⁵, torna a clareza o requisito fundamental. [14] Na sua correspondência, substitui a saudação usual, "Vive bem", "Uma vida reta", por "Saudações".

Aríston¹¹⁶ refere, em *Vida de Epicuro*¹¹⁷, que ele produziu a obra intitulada *Canon* a partir de *Trípode*, de Nausífanos, e que ele¹¹⁸ foi discípulo deste¹¹⁹, assim como do platônico Pânfilo, em Samos. Além disso, que começou¹²⁰ a estudar filosofia aos doze anos de idade, e deu início à sua própria Escola, com trinta e dois anos.

De acordo com Apolodoro, *Crônicas*, nasceu¹²¹ no terceiro ano da 109ª Olimpíada, no arcontado de Sosígenes¹²², no sétimo dia do mês Gamélion¹²³, sete anos depois da morte de Platão¹²⁴. [15] Quando tinha trinta e dois anos, fundou uma Escola, primeiramente em Mitilene e em Lâmpsaco, por cinco anos; depois, transferiu-a para Atenas, onde faleceu, no segundo ano da 127ª Olimpíada¹²⁵, no arcontado de Pitarato, aos setenta e dois anos de idade. Hermarco, filho do Mitileno Agemorto, assumiu a Escola.

Epicuro morreu de cálculos renais, após uma quinzena de enfermidade, segundo retrata Hermarco, nas suas cartas. Hermipo refere que ele entrou numa banheira de bronze com água quente e pediu [vinho] puro [16], que ingeriu. Então, tendo exortado os seus amigos que lembrassem as suas doutrinas, morreu.

Eis o seguinte da nossa autoria¹²⁶, a respeito dele:

"Alegrem-se e recordem os meus dogmas; isto Epicuro disse por último aos amigos antes de morrer; sentou-se num banho quente e o puro emborcou; de seguida, sorveu o gélido Hades."

¹¹⁵ Περί ρητορικῆς.

¹¹⁶ Aríston de Alexandria, filósofo peripatético.

¹¹⁷ Ἐπικούρου βίος.

¹¹⁸ Entenda-se [Epicuro].

¹¹⁹ Entenda-se [Nausífanos].

¹²⁰ Entenda-se [Epicuro].

¹²¹ [Epicuro]

¹²² 341 a.C.

¹²³ Mês oito do ano Ático. Epicuro teria nascido em fevereiro de 341 a.C.

¹²⁴ 347 a.C.

¹²⁵ 271-270 a.C.

¹²⁶ AP 7.106.

Assim foi a vida do sábio <e> tal o seu fim.

E deste modo o testamento:

"Desta forma deixo toda a minha propriedade a Aminomaco, filho de Filócrates, de Bate, e a Timócrates, filho de Demétrio, de Potamio, a cada um deles, em conformidade com o registado na doação feita em Metroon [17], com a condição de colocarem o Jardim e o que lhe pertence à disposição de Hermarco, filho do Mitileno Agemorto, e dos que o acompanham no estudo e daqueles que Hermarco poderá deixar como seus sucessores, para aí viverem e estudarem; e perpetuamente aos que estudam a partir de nós, de maneira a ajudarem Aminomaco e Timócrates, conforme possível, a preservar a vida no Jardim para os herdeiros deles, em †segurança† e intacta, de modo que aqueles possam manter o Jardim de acordo com o que aqueles que estudaram a partir de nós lho entregarem. Que Aminomaco e Timócrates permitam a Hermarco e aos seus companheiros habitarem na casa em Melite, durante a vida de Hermarco.

[18] E das receitas facultadas por mim a Aminomaco e a Timócrates, que façam a melhor administração possível, em conformidade com Hermarco, para as oferendas fúnebres ao meu pai, à minha mãe e aos meus irmãos, assim como a celebração habitual do meu aniversário, no décimo dia do mês Gamélion em cada ano, e também a reunião dos nossos companheiros de filosofia, realizada no vigésimo dia, para celebrar-me a mim e a Metrodoro¹²⁷. Que comemorem o dia dos meus irmãos, em Posídon¹²⁸, e celebrem também o de Polieno, em Metagítion, tal como eu.

[19] Aminomaco e Timócrates devem cuidar do filho de Metrodoro, Epicuro, e do filho de Polieno, enquanto estiverem a estudar e a viver com Hermarco. Outrossim, deverão prover a manutenção da filha de Metrodoro¹²⁹ e, quando chegar à idade certa, entregá-la em casamento a quem, de entre os membros, Hermarco escolher, desde que seja bem organizada e obedeça a Hermarco. Aminomaco e Timócrates disponibilizarão, a partir do inicialmente facultado por mim, a quantia que julguem apropriada para se manterem, e a cada ano distribuam, como lhes parecer, em conformidade com Hermarco.

[20] Deverão tornar Hermarco depositário dos fundos, juntamente com eles, de modo que tudo suceda com o acordo dele, que envelheceu comigo na filosofia¹³⁰ e ficou à frente dos discípulos. E quando a rapariga atingir a idade certa, Aminomaco e Timócrates deverão pagar o dote dela, retirando tanto quanto as circunstâncias permitirem, sujeito à aprovação de Hermarco.

¹²⁷ Sobre a preservação desta indicação, cf. Cic. *Fin.* 2.101; Plin. *Nat.* 35.5. Vd., outrossim, epigrama de Filodemo (*AP.* 11.44). Cf. Ath. 7.298 d.

¹²⁸ Mês.

¹²⁹ Danaë (?). Vd. Ath. 13.593 c.

¹³⁰ Entenda-se não apenas o estudo doutrinário, mas a aplicação de uma prática de vida.

Deverão cuidar de Nicanor, assim como fiz até agora, de modo que dos estudiosos que prestaram serviços na minha vida particular e manifestaram gentileza de toda a forma e escolheram envelhecer comigo na filosofia, tanto quanto os meus bens permitirem, passe à margem de necessidades.

[21] Todos os meus livros devem ser dados a Hermarco.

Se acontecer algo a Hermarco antes de os filhos de Metrodoro crescerem, Aminomaco e Timócrates deverão fazer doações, a partir dos fundos deixados por mim, tanto quanto possível, o bastante para as suas várias necessidades, enquanto se comportarem de forma ordeira. E deverão cuidar de tudo o mais deixado, como dispusemos, de modo a que cada coisa seja conseguida, desde que possível. Dos meus escravos, liberto Mis, Nícias e Lícon. Também concedo liberdade a Fedrio."

[22] E, perto do fim, redigiu a seguinte carta a Idomeneu:

"Escrevemos-te isto neste dia feliz, que é também o último da nossa vida. Os contínuos sofrimentos pela estrangúria e disenteria são tão grandes, que nada pode aumentá-los. Contra todos eles, assumo alegria de espírito, ao lembrar as nossas conversas passadas. Queria que, pela atitude que, desde jovem, demonstraste para comigo e para com a filosofia, tomasses conta das crianças de Metrodoro."

Tais eram as disposições.

Teve muitos discípulos deveras ilustres: [como] Metrodoro, filho de Ateneu ou de Timócrates e de Sande, natural de Lâmpsaco. Este, desde o primeiro encontro com o indivíduo¹³¹, nunca mais o deixou, exceto quando, por seis meses, visitou a terra natal e depois regressou. [23] A sua bondade provou-se de todas as formas, como testemunha Epicuro, nas introduções das suas obras¹³², e no terceiro livro de *Timócrates*. Ele era assim: deu a sua irmã Batis em casamento a Idomeneu, e tomou a jovem cortesã ateniense Leôncio como sua concubina. Era inatingível, face a problemas e à morte, como Epicuro refere no primeiro livro de *Metrodoro*. Conta-se que morreu sete anos antes dele¹³³, aos cinquenta e três anos; e o próprio Epicuro, no seu testamento, já mencionado, refere-se a ele como já falecido, e centra-se sobre o acautelamento dos filhos dele. Também teve [como discípulo] o anteriormente referido Timócrates¹³⁴, irmão de Metrodoro, um indivíduo casual.

¹³¹ Entenda-se [Epicuro].

¹³² E.g. *Da Natureza* 28.

¹³³ Entenda-se [Epicuro].

¹³⁴ Cf. # 4, 17.

[24] Metrodoro escreveu os seguintes livros:

Contra os Médicos, três livros

Das Sensões

Contra Timócrates

Da Magnanimidade

Da Saúde Precária de Epicuro

Contra os Dialéticos

Contra os Sofistas, nove livros

Do Caminho para a Sabedoria

Da Mudança

Da Riqueza

Contra Demócrito

Da Nobreza de Nascimento.

Havia também Polieno¹³⁵, filho de Atenodoro, natural de Lâmpsaco, homem moderado e amistoso, conforme aqueles [discípulos] referem sobre Filodemo. Igualmente, o sucessor dele, Hermarco, filho de Agemorto, de Mitilene, homem de pai pobre, e, inicialmente, enveredando pela retórica.

Encontram-se em circulação estes belos livros da sua autoria:

[25]

Epístolas sobre Empédocles, vinte e dois livros

Da Matemática

Contra Platão

Contra Aristóteles

Morreu de paralisia, sendo um homem satisfatório.

Também Leonteu de Lâmpsaco e a sua mulher Temista, a quem Epicuro escreveu cartas. Mais, Colotes¹³⁶ e Idomeneu, também de Lâmpsaco. Todos eles foram eminentes, como igualmente Polístrato, sucessor de Hermarco; seguiu-se-lhe Dionísio; a este, Basíledes. Apolodoro, conhecido

¹³⁵ Geómetra.

¹³⁶ Cf. Plu. Πρὸς Κολώτη.

como "tirano do Jardim", notável, que escreveu mais de quatrocentos livros; outrossim, os dois Ptolemeus de Alexandria, um negro, outro branco. Zenão, o Sidônio, discípulo de Apolodoro, escritor profícuo. [26] E Demétrio, chamado da Lacónia; Diógenes de Tarsos, que compilou as palestras selecionadas; Oríon e outros, que os verdadeiros epicuristas designam de sofistas.

Existiram três outros Epicuros: um, filho de Leonteu e de Temista; outro, de Magnésia; e um terceiro, instrutor. Epicuro foi um autor produtivo e ultrapassou todos no número de obras. Com efeito, rondam as trezentas. Redige sem citar outros [autores]. É sempre Epicuro que fala. Crisipo tentou superá-lo em autoria de obras, segundo afirma Carnéades, que então o designou de 'parasita de Epicuro'. De facto, se Epicuro escreveu algo, Crisipo rivaliza, escrevendo com similar volume. [27] Então, repetiu-se frequentemente; apontou o que lhe ocorreu, e, devido à pressa, não fez revisão. Além disso, tem tantas citações, que, sozinhas, ocupam os seus livros, conforme também se encontra em Zenão e Aristóteles. Tais são, pois, em número e natureza, os escritos de Epicuro, sendo os melhores os subsequentes:

Acerca da Natureza, em trinta e sete livros

Dos Átomos e do Vazio

Do Amor

Epítome das Objeções aos Físicos

Contra os Megários

Problemas

Máximas Soberanas

Da Escolha e da Rejeição

Do Fim

Do Padrão, uma obra intitulada Canon

Queredemo

Dos Deuses

Do mais Divino

Hegesíanax

Da vida, quatro livros

[28]

Da Maneira Justa de Agir

Néocles, dedicado a Temista

Simpósio

Euríloco, dedicado a Metrodoro

Da Visão

Do Ângulo no Átomo

Do Tato

Do Destino

Teorias dos Sentimentos contra Timócrates

Descoberta do Futuro

Introdução à Filosofia

Das Imagens

Da Apresentação

Aristóbulo

Da Música

Da Justiça e de Outras Virtudes

Dos Benefícios e da Gratidão

Polímedes

Timócrates, três livros

Metrodoro, cinco livros

Antidoro, dois livros

Teorias sobre Doenças (e Morte), a Mitra

Calístolas

Da Realeza

Anaxímenes

Epístolas

Procurarei expor as perspectivas expressas nessas obras, disponibilizando três das suas epístolas, nas quais ele abarca toda a sua filosofia. [29] Apresentarei, igualmente, os seus pensamentos principais e

qualquer outro aspeto que me pareça digno de menção, para que possas considerar proximamente o homem de todas as perspetivas e estimes que eu sei julgá-lo.

A primeira *Epístola*, dirigida a Heródoto, <trata dos médicos; a segunda, a Pítocles>, versa sobre os fenómenos celestes; a terceira, a Meniceu, é acerca da vida. Devemos começar pela primeira, após algumas considerações preliminares, a respeito da sua divisão da filosofia.

A filosofia divide-se em três partes: canónica, física e ética. [30] A canónica constitui a introdução do assunto e encontra-se num único livro, intitulado *Canon*. A física, sobre toda a teoria da Natureza, e está nos trinta e sete livros *Acerca da Natureza* e também, de uma forma sumária, nas cartas. A ética, sobre os aspetos relativos à escolha e à rejeição. Está nas obras *Da Vida*, nas *Epístolas*, e no [tratado] *Do Fim*. Todavia, costuma conjugar-se a canónica com a física; designam isso de critério, princípio e elemento; ao passo que a física trata do nascimento, da morte, e da Natureza. A ética, por seu turno, aborda o que deve procurar-se e evitar-se, da vida e do fim.

[31] Rejeitam a dialética como supérflua; que os físicos devem contentar-se em utilizar os sons¹³⁷ para as coisas¹³⁸. Ora, no *Canon*, Epicuro refere que as nossas sensações, pressuposições e sentimentos são critérios de verdade¹³⁹; e os epicuristas, que as perceções são projeções do intelecto¹⁴⁰. Afirma também, no *Epítome*, dirigido a Heródoto e nas *Princípios Fundamentais*. "Toda a sensação, refere, é destituída de razão e incapaz de memorizar. Na realidade, não tem causa própria, nem, em virtude de possuir uma outra causa¹⁴¹, pode acrescentar nada, nem retirar nada; nem há nada que consiga refutá-las.

[32] Com efeito, uma sensação não [pode contradizer] outra análoga, pois são igualmente válidas, nem uma heterogénea [pode refutar] outra heterogénea, porquanto os objetos que julgam não são iguais; tampouco pode a razão, porque a razão está completamente dependente da sensação; nem pode uma [sensação rebater] outra, uma vez que prestamos igual atenção a todas. E as perceções distintas garantem a veracidade das sensações. Ver e ouvir são, assim, tão reais como sentir dor. Por conseguinte, é a partir de factos que devemos começar quando fazemos inferências acerca do desconhecido. É que todas as noções derivam de sensações, quer por contacto, quer por analogia ou semelhança ou composição, com algum contributo da razão. E as visões dos loucos e <das> pessoas nos sonhos são verdadeiras, pois movimentam-se; aquilo que não é nunca se movimenta.

¹³⁷ Entenda-se [vocábulos / palavras].

¹³⁸ Vd. # 37, 73, 82, 152.

¹³⁹ Cf. Seneca (*Ep.* 52. 3, acerca de homens que procuram o caminho para a verdade sozinhos e outros que requerem ajuda externa de quem possa guiá-los. Epicuro e o seu agraciado Metrodoro pertenceriam ao segundo tipo.

¹⁴⁰ Cf. *Epicurea*, fr. 242-265 Usener. Vd. S.E. *Adv. math.* 7.203-216.

¹⁴¹ Entenda-se [causa externa].

[33] Por antecipação, significam uma espécie de apreensão, ou uma opinião certa, ou noção, ou uma ideia universal guardada na mente, isto é, uma recolha de um objeto externo recorrentemente aparecido, como "isto assim e assim é um homem". Com efeito, logo que a palavra "homem" é pronunciada, pensamos na sua forma, por um ato de percepção, no qual os sentidos lideram. Assim, a primeira noção que toda a palavra assola é manifesta. Nunca deveríamos ter iniciado uma investigação, a menos que tivéssemos sabido o que é que procurávamos. Por exemplo: o que está ali é um cavalo ou um boi. Antes de fazer este julgamento, devemos em alguma altura ter obtido o conhecimento da forma de um cavalo ou de um boi. Não poderíamos denominar nada, se antes não tivéssemos aprendido a sua forma. Consequentemente, as antecipações são evidentes.

Uma opinião depende de algo previamente claro, a partir do qual formulamos uma afirmação, designadamente, "Como sabemos que isto é um homem?" [34] Também chamam opinião ou conceção e declaram que é verdadeira ou falsa, já que é verdadeira, se for confirmada ou se não é refutada; e falsa, se não é confirmada ou se é refutada pela evidência. Por conseguinte, a introdução de "aguardando", o que equivale a esperar e aproximar-se da torre e então aprender a sua aparência de perto¹⁴².

Afirmam que existem dois sofrimentos – prazer e dor, que estão em cada ser vivo, e que um é favorável e o outro hostil; e que, por meio deles, determinam-se a escolha e a rejeição; e que existem dois tipos de investigação: uma concernente a factos e outra a palavras. Ora, esta é a sua¹⁴³ divisão e o critério em termos básicos.

Porém, regressemos à carta.

"Epicuro saúda Heródoto.

[35] Para os que não conseguem precisar cuidadosamente cada um dos meus escritos sobre a Natureza, nem interpretar os livros mais longos compostos, preparei um epítome de todo o estudo, para que possam conservar na memória o essencial das doutrinas principais, no sentido de que em todas as ocasiões possam socorrer-se nos pontos mais importantes, contanto que possuam a teoria sobre a Natureza. E aí, importa que os que progrediram suficientemente na análise de toda a questão memorizem os princípios básicos. Com efeito, temos uma necessidade ainda maior de uma visão de conjunto, mas não similarmente de pormenores. [36] Assim, a esses [aspetos elementares] devemos voltar continuamente e assentar isso na memória, de modo a obter a conceção mais válida dos factos, assim como descobrir o conhecimento exato sobre o todo o pormenor, quando a visão geral estiver

¹⁴² Cf. sentido de perspetiva, em (Ps.) Arist. 801a35. Vd., mais tardiamente, Lucr. 353-362. Lucrécio explica por que razão uma torre quadrada parece redonda, à distância. Também, acerca deste tipo de problema que ocupou a Escola Epicurista, S.E. *Adv, Math.* 7.208-209, a partir do som.

¹⁴³ Entenda-se [da filosofia].

bem entendida e memorizada. Na realidade, quando, tendo atingido a maturidade, se torna senhor de todo o conhecimento exato, é necessário ser capaz de recolher rapidamente os conceitos, no respeitante a elementos e termos. Na realidade, não é possível recolher os resultados do estudo contínuo da totalidade das coisas, a menos que consigamos abarcar em pequenas fórmulas e manter em mente tudo o que foi expresso com precisão, ao mínimo detalhe. [37] Por conseguinte, uma vez que tal caminho é útil para os que se aplicam na ciência da Natureza, empregando, com empenho, a energia na fisiologia, numa maior tranquilidade na vida, criei este epítome e uma exposição das doutrinas no seu conjunto.

Em primeiro lugar, Heródoto, debes entender o sentido sob as palavras, de modo a que tenhamos ideias ou de inquérito ou de recusa, de maneira que não prossigam por determinar, nem apresentemos até ao infinito as coisas incertas, e não tenhamos palavras vazias. [38] Ora, a significação primária de cada termo deve ser vista com clareza e não deveria necessitar de comprovação, se tivermos algo a indagar ou um problema ou opinião que possa ser referida. Também devemos cuidar, por todos os meios, das nossas sensações, quer, simplesmente dos pensamentos presentes, quer da mente, ou de alguma criação, e, similarmente, das sensações, para que tenhamos os meios de determinar o que precisa de confirmação e o que é invisível.

Quando isto estiver claramente entendido, é altura de considerar coisas invisíveis. Desde logo, nada surge do que não existe. Na realidade, tudo teria surgido de tudo, como se não necessitasse dos seus genes. [39] Se aquilo que desaparece tivesse sido destruído, tornando-se um não-ser, tudo teria perecido, porquanto aquilo em que as coisas se tinham desfeito eram não-existentes. Mais ainda, a soma total de coisas foi sempre como está agora e manter-se-á sempre assim. Com efeito, não existe nada em que possa modificar-se. De facto, para além de todas as coisas, não existe nada em que pudesse penetrar e provocar a mudança.

Ademais (isto refere ele praticamente no início do *Epítome Grande* e no primeiro livro de *Acerca da Natureza*), o todo consiste em <corpos e espaço>. Ora, a existência dos corpos comprova-se em todo o lado pelo próprio sentido e é sobre ela que a razão se apoia, quando depreende. [40] E se não existisse espaço, vazio, e espaço e Natureza intangível, os corpos não teriam nada onde existir e através do qual mover-se, como se veem mover. Para além destes [corpos e espaços], não existe nada que, por apreensão mental ou pela sua analogia podemos conceber que existe. Quando falamos deles [corpos e espaço], são vistos como todos ou coisas separadas, não enquanto propriedades ou acidentes de coisas separadas.

Outrossim (refere isto no primeiro livro de *Acerca da Natureza*, e nos livros XIV e XV do *Epítome Grande*), dos corpos, uns são compostos; outros, os elementos de que estes são compostos. [41] Esses elementos são indivisíveis e imutáveis (e, necessariamente, se nem todas as coisas serão destruídas e passarão a não-existentes, mas serão suficientemente fortes para suportar quando os corpos

compostos são separados), pois eles possuem uma natureza sólida <e> são incapazes de existir em algum sítio ou de alguma forma dissolvidos. Segue-se que os elementos iniciais são, necessariamente, entidades corpóreas indivisíveis.

Além disso, a totalidade das coisas é infinita. Na realidade, aquilo que é finito possui uma extremidade, e a extremidade de qualquer coisa compreende-se apenas em comparação com outra coisa. Por conseguinte, uma vez que não detém extremidade, não tem limite; e, porquanto não possui limite, deve ser ilimitado ou infinito.

De mais a mais, a totalidade das coisas é ilimitada, tanto devido ao vasto número de átomos, quer pela extensão do vazio. [42] É que, se o vazio fosse infinito e os corpos limitados, os corpos não permaneceriam em lugar nenhum, mas estariam dispersos pelo vazio ilimitado, sem ter quaisquer suportes, nem ordenação, para lhes oferecer resistência. Outrossim, se o vazio fosse finito, a infinitude dos corpos não teria lugar onde ficar.

Também, os átomos dos corpos e os elementos plenos, a partir dos quais surgem corpos compostos, e nos quais eles se dissolvem – variam indefinidamente nas suas formas. Com efeito, tamanhas variedades de coisas que contemplamos nunca poderiam ter surgido da recorrência de um número limitado de formas iguais. Os [átomos] semelhantes de cada forma são absolutamente infinitos. Contudo, a variedade de formas, embora indefinidamente grande, não é absolutamente infinita. [43] (Na realidade, nem a divisibilidade prossegue até ao infinito, segundo referem abaixo. Pois – acresce –, porque as qualidades mudam,) a menos que se esteja preparado para continuar a engrandecer as suas magnitudes também até ao infinito. Os átomos estão continuamente em movimento (mas, refere adiante, que se movem com igual velocidade, pois o vazio cria abertura, tanto para o mais leve, como para o mais pesado) por toda a eternidade, e que alguns ressaltam a uma grande distância uns dos outros, ao passo que outros apenas oscilam num local, quando são envolvidos ou enclausurados por um conjunto de outros que se intrincam.

[44] Isso acontece porque a natureza do vazio que separar cada um¹⁴⁴ está separada do resto, que é incapaz de oferecer resistência ao ressaltar. E é a solidez que os faz ressaltar com a colisão, até que o embaraço limita o restabelecimento a partir da colisão. De tudo isto, não há início, sendo os átomos e o vazio as causas. (Refere adiante que os átomos não possuem nenhuma qualidade, exceto forma, tamanho e peso. Mas a cor varia com a disposição dos átomos – diz, em *Doze Princípios*. Além disso, que não são de todo e qualquer tamanho. Pelo menos, nenhum átomo foi alguma vez percebido por um sentido).

¹⁴⁴ Entenda-se [átomo].

[45] Esta expressão, lembrando todas as coisas, proporciona aos pensamentos uma imagem da natureza das coisas.

Outrossim, existe um número infinito de mundos, uns iguais a este, outros, diferentes. De facto, sendo os átomos de número infinito, como acabámos de demonstrar, são levados mais adiante. É que os átomos, a partir dos quais um mundo poderia surgir, ou com os quais poderia formar-se, não foram despendidos num único, nem noutros, nem iguais, nem distintos. Por conseguinte, nada conseguirá impedir um número infinito de mundos.

[46] Também, há imagens de forma similares aos corpos sólidos, tendo uma espessura fina maior do que as coisas aparentam. De facto, não é impossível que surjam combinações deste tipo, no redor, ou surjam materiais adequados para trabalhar o vazio e a delgadez; ou efluências que mantêm a mesma posição e o movimento que tinham, nos objetos sólidos. A essas impressões damos o nome de 'imagens'. Mais ainda, desde que não apareça nada a oferecer resistência, o movimento pelo vazio atinge qualquer distância concebível, num pequeno espaço de tempo. Com efeito, equivale a lentidão e a velocidade, a resistência recebida e a não resistência, respetivamente. [47] Em todo o caso, em nenhuns momentos perceptíveis pela razão, um corpo em movimento alcança mais lugares – pois também isto é inconcebível. Embora, em tempo perceptível aos sentidos, chegue em simultâneo, pese embora qualquer ponto de partida do infinito, ao não encontrar nenhum obstáculo ao movimento, abandona o local onde está. Na realidade, existe o equivalente a resistência, embora até aqui não admitamos nada que impeça a velocidade do movimento. É útil conservar o fundamento disso. De seguida, as imagens estão repletas de uma delgadeza inultrapassável, que não é refutada por nenhum dos factos observados. Portanto, também as suas velocidades são enormes, pois têm uma passagem para caber em todo o lado. Além disso, não encontram nenhuma resistência, ou pouca resistência, embora muitos [átomos], ou um ilimitado número, encontrem alguma imediatamente. [48] Para além disto, que a produção de imagens acontece¹⁴⁵ como o pensamento. Na realidade, estão a brotar da superfície dos corpos, ainda que não se observe nenhum sinal, porque se enchem de novo. E os que há muito tempo preservaram a disposição e a velocidade dos átomos de corpos sólidos, apesar de por vezes se apresentarem perturbados, e se conjugarem no ambiente, pois não precisam de ter nenhum enchimento profundo. Também há outros modos de as coisas naturais serem formadas. É que não há nada nisto que seja refutado pelas sensações, caso se olhe o modo da ação, †para† referir a relação entre as coisas exteriores e nós.

[49] Deve também considerar-se que é pela entrada de algo vindo de fora que se veem as formas e se pensam. Com efeito, as coisas externas não marcariam em nós a sua natureza de cor e de forma, através do ar que fica entre elas e nós, nem por meio de raios ou correntes de algum tipo, saindo de

¹⁴⁵ [tão rápida].

nós para cada uma delas, como a entrada das impressões em nós, a partir de circunstâncias da mesma cor e forma, em conformidade com o tamanho apropriado, para os nossos olhos ou mentes, movendo-se com ligeireza. [50] Pelo que se explica porque apresentam a aparência de um único objeto contínuo, e conservam a relação que mantinham no objeto, quando sob os sentidos, sendo tal impacto proporcional à movimentação dos átomos segundo a profundidade, no sólido de onde provêm.

E qualquer aparência que produzamos por contacto direto, quer seja com a mente ou com sentidos, seja a forma ou outras propriedades, a forma é do sólido, e surge, quer por possuir coerência, ou pelo resíduo da imagem. Falsidade e erro estão sempre na opinião adicionada (†confirmação ou refutação, de seguida, não sendo confirmado, tomando um movimento em nós relacionado com, mas distinto da imagem apresentada, que cria o erro†) [51] Com efeito, similarmente, as aparências recebidas, por exemplo, em sonhos, ou por qualquer outra forma de apresentação pela mente ou por outro critério, não se assemelhariam ao que designamos de coisas verdadeiras, caso não existissem determinadas coisas de facto, do género daquelas com que entramos em contacto. O erro não teria ocorrido, se nós próprios não tivéssemos experienciado algum outro movimento unido com, mas distinto de percepção do que é apresentado. E deste {sendo unido com, mas distinto da aparência em causa}, se não for confirmado ou se for refutado, resulta a falsidade; ao passo que, se for confirmado e não for refutado, a verdade.

[52] E devemos aderir bastante a este ponto de vista se não formos repudiar os critérios encontrados nas ações, nem igualmente confirmarmos o erro, lançando todas as coisas para a confusão.

Outrossim, ouvir ocorre quando uma corrente de ar passa de algo que emite voz ou som ou ruído, ou produz a sensação de ouvir de algum modo. Esta corrente divide-se em partículas homogêneas, que ao mesmo tempo conservam uma certa conexão mútua e uma unidade peculiar, extensiva ao objeto que as emitiu. Assim, maioritariamente causam a percepção nesse caso ou, se não, apenas indicam a presença do objeto externo. [53] Ora, sem a transmissão, a partir do objeto, de uma certa interconexão das partes, essa percepção não poderia surgir. Assim, não devemos supor que o ar está moldado em forma pela voz emitida, ou algo similar (é que está muito longe de ser o caso de o ar ter sofrido isso a partir daquele), mas logo o vento que se encontra em nós quando emitimos um som, causa uma mudança das partículas, produzindo uma corrente similar ao sopro, e ela dá origem à sensação de audição.

Também devemos julgar que o cheiro, como a audição, não produziria sensação, caso não houvesse partículas transportadas a partir do objeto, que são de medida adequada para excitar o órgão de sensação, algumas de uma maneira confusa; outras de outra, algumas tendo uma maneira calma e adequada.

[54] Mais ainda, há que considerar que os átomos de facto não possuem nenhuma qualidade pertencentes às coisas que aparecem, exceto forma, peso e tamanho, bem como as inerentes a partir da necessidade formal. É que toda a qualidade muda, porém os átomos não mudam, porque, quando os dos corpos compostos se dissolvem, importa que reste algo permanente, sólido e indissolúvel, que faz a mudança: não para o interior, nem a partir do não-existente, mas, frequentemente, através de transposição, e por vezes através de adições e subtrações [de átomos]. Então, necessariamente, as coisas mutáveis não são indestrutíveis e não possuem a natureza de coisa mutável, corpúsculos e figurações próprias. Isto é pois necessário. [55] Ora, no caso de mudanças em nós, apreende-se que a figura inicial permanece, mas as qualidades não inerentes alteram-se. Como aquele, não ficam, mas dissolvem-se a partir de todo o corpo. Então, o que resta é suficiente para fazer as diferenças dos corpos compostos, uma vez que algumas coisas devem necessariamente permanecer, sem se destruírem no não-ser.

Também, não deveria supor-se que os átomos têm todo o tamanho, para que não sejam refutado por factos; mas devem ser admitidas diferenças de tamanhos. Na realidade, esta adição torna os factos em torno do sentimento e da sensação mais fáceis de explicar. [56] Contudo, atribuir todas as magnitudes aos átomos não é útil para as diferenças das qualidades das coisas; além do mais, deveriam alcançar-nos átomos visíveis, o que não ocorre; nem se concebe como poderia suceder que um átomo fosse visível. Para além disso, não deve supor-se que, num corpo dividido, haja partes de número ilimitado. Então, não apenas deve deixar-se a divisão eterna em partes mais e mais pequenas, para que não façamos todas as coisas fracas e, nas conceções dos conjuntos, ser levados a comprimir as coisas que existem, usando-as; nem considerar a transição das coisas finitas até ao infinito, do menor para o ainda menor. [57] Nem, de igual modo, quando se disse uma vez que uma coisa possui um número infinito de partículas ou de qualquer tamanho, é compreensível: como poderia essa magnitude ser finita? Ora, é evidente que o número infinito de partículas deve ter algum tamanho. A partir disto, qualquer que fosse o seu tamanho, a magnitude seria infinita. E, tendo o que é finito uma extremidade distinta, mesmo que não seja observável por si mesma, não é possível entender que possui outra assim, e em progressão, para chegar em pensamento ao infinito. [58] Há que considerar que o mínimo perceptível pela sensação não corresponde àquilo que tem mudança, nem tampouco ao que é totalmente diferente, mas possui algo em comum com as coisas que podem mudar, ainda que não tendo distinção de partes. Porém, quando, a partir da semelhança da comunhão, julgamos poder distinguir algo disso – uma parte de um lado e outra parte do outro, deverá existir um outro igual, que nos surja. De facto, vemo-los, um após outro, a começar pelo primeiro, não em si; e não tocando com as suas partes as partes de outro, mas, pelo seu carácter peculiar, que mede a sua magnitude, um maior número se a magnitude medida for maior; e um menor número, se a magnitude for inferior. Convém reconhecer que esta analogia se aplica ao mínimo no átomo. [59] É apenas na minuciosidade que

difere do que se observa pelos sentidos, contudo segue a mesma analogia. Afirmámos, segundo essa analogia, que o átomo possui magnitude pequena, da qual retirámos apenas o comprimento Além do mais, as coisas mais pequenas e mais simples devem considerar-se como extremidades das extensões, facultando por si próprias unidades de medida de extensões, quer maiores, quer menores, pela percepção mental da razão sobre coisas invisíveis. Na realidade, o que existe de comum entre elas basta para a conclusão disso até ao momento. Todavia, a movimentação a partir dos que têm movimento não é possível.

[60] Além disso, não deve dizer-se 'alto' ou 'baixo', do que é ilimitado, como se existisse aí zénite ou nadir (contudo, o que está sobre a cabeça, ao julgamos procedente do infinito, nunca nos aparece)¹⁴⁶, nem o que está debaixo do assim entendido será tampouco infinito simultaneamente para cima e para baixo. É que isto não pode entender-se. Por conseguinte, pode assumir-se uma direção do movimento, que consideramos elevar-se até ao infinito, e outra para baixo, mesmo que suceda milhares de vezes que o que se move a partir de nós para os espaços acima das nossas cabeças alcança os pés dos que estão acima de nós, ou o que se movimenta para baixo de nós, as cabeças dos que estão em baixo de nós. Menos ainda é verdade o conjunto de todo o movimento como opondo-se cada um a outro, até ao infinito.

[61] Quando estão a deslocar-se pelo vazio e não encontram resistência, os átomos devem mover-se com igual velocidade. De igual modo, os pesados não deverão deslocar-se mais rápido do que os pequenos e os leves, desde que não se deparem com nada; nem os pequenos do que os maiores, contanto que tenham sempre uma passagem condicente com o seu tamanho, e desde que não encontrem nenhuma obstrução; tampouco o seu movimento ascendente e lateral, que se deve a movimentos de embates, nem o seu movimento descendente, devido ao próprio peso. Ao obter-se cada um [deles], prossegue o movimento, com a velocidade do pensamento, desde que não haja obstáculo, quer do exterior, quer pelo peso deles, contrariando a força do golpe. [62] Contudo, a respeito dos compostos, dizemos que um é mais rápido do que outro, embora os seus átomos tenham igual velocidade. Isto acontece porque os átomos em uniões deslocam-se numa direção, durante o mais curto tempo contínuo, pese embora não para uma única direção, em tempos tão curtos, que apenas com a razão [se percebe]; porém colidem frequentemente, até a continuidade do seu movimento ser perceptível pelos sentidos. De facto, a presunção de que, para além do âmbito da observação direta até os tempos percebidos pela razão, terão continuidade de movimento não é verdadeira, no caso destes. Quando, observando tudo diretamente ou apreendendo com a mente, é verdadeira. [63] Depois, sobre as sensações e os sentimentos (pois assim há fundamentos mais seguros), deve reconhecer-se, na generalidade, que a alma é algo corpóreo, composto de pequenas partículas,

¹⁴⁶ Cf. Arist. *Ph.* 3.5.205b30, 4.8.215a8.

dispersas por toda estrutura, lembrando o vento, possuindo uma mistura de calor, lembrando, em certos aspetos, ora um, ora outro. Há também uma parte, que recebe muita variação pela pequenez das suas partículas e mantém-se mais recetivo com o resto reunido. E tudo isto as faculdades mentais, os sentimentos, a mobilidade, os pensamentos, e aquilo cuja falta causa a morte mostram. Prosseguindo, deve considerar-se que a alma tem uma grande responsabilidade pela sensação; [64] mas não a teria, se não tivesse estado de certo modo encoberta no resto do conjunto¹⁴⁷. Todavia, o resto do conjunto, ainda que lhe¹⁴⁸ proporcione esta condição, também possui uma parte dessa qualidade, resultante dela. Ainda assim, não possui todas as [qualidades] dela¹⁴⁹. Então, com a partida da alma, não possui sensação. Na realidade, não tinha este poder em si, mas, por algo congénito, proporcionou ao outro¹⁵⁰. Este, através dela, pela capacidade em conformidade com o movimento, produz de imediato a sensação, tendo-lha dado, em virtude da vizinhança e da interconexão entre eles, como referi. [65] Por conseguinte, enquanto a alma está no corpo, nunca perde consciência com a remoção de alguma outra parte. Mas se a destruição do invólucro corporal for total ou em de alguma parte, se [a alma] permanece, possui sensação. Porém, se o resto da estrutura sobrevive, na totalidade ou em parte, não tem sensação, após a destruição daquele, quando o conjunto agregado dos átomos se dispersa é necessário para a natureza da alma, e já não tem aqueles poderes, nem se movimenta, como tal também não adquire sensação¹⁵¹. [66] Na realidade, não pensar nisso¹⁵² como uma sensação, exceto se estiver no todo compósito e a mover-se com esses movimentos; quando as coisas que cobrem e rodeiam não são aquelas em que ela¹⁵³ agora está e tem esses movimentos. (Refere, noutros passos, que ela¹⁵⁴ é composta dos átomos mais suaves e redondos, muito diferentes dos do fogo; que é irracional parte dela, que está, além disso, espalhada no corpo, ao passo que o racional [reside] no peito, como se manifesta a partir dos medos e da alegria. E que o sono surge pelas partes da alma que foram espalhadas por todo o organismo composto que ficam preservadas ou dispersas e depois, com os impactos, colidem. A semente provém de todo o corpo.) [67] E deve considerar-se o que se diz incorpóreo. Segundo o uso corrente, o termo aplica-se ao que pode conceber-se como existente por si mesmo. Porém não é possível conceber algo incorpóreo como existente por si mesmo, à exceção do vazio. E o vazio não pode agir, ou sofrer ação, mas permite simplesmente que o corpo se mova através dele. Então, os que dizem que a alma é incorpórea, falam parvoíces. É que, se assim fosse, não poderia agir, nem sofrer ação; mas, com efeito, ambas as propriedades, como vês, pertencem à alma. [68]

¹⁴⁷ [corpo].

¹⁴⁸ [à alma].

¹⁴⁹ [alma].

¹⁵⁰ [corpo].

¹⁵¹ Cf. αἴσθησις.

¹⁵² Entenda-se [na alma].

¹⁵³ [alma].

¹⁵⁴ [a alma].

Aplicando todos estes argumentos sobre alma aos sentimentos e sensações e se recordarmos as afirmações no início, veremos que o assunto foi adequadamente compreendido nas partes, para confirmar tudo com segurança.

Todavia, formas e cores, magnitudes e pesos, e os demais, enquanto são propriedades perpétuas do corpo apresentadas (quer de todos, ou dos visíveis, são conhecidos pelas sensações), estas não devem supor-se serem qualidades naturais (ora, isso também não é possível), [69] nem não existentes, nem como outras entidades não corpóreas existentes, nem como partes dele. Deve considerar-se que todo o corpo, de uma maneira geral, tem a sua natureza permanente proveniente de todos eles¹⁵⁵, embora assim não seja, formando-se pelo agrupamento a partir das próprias partículas, organizando-se um conjunto maior, fossem elas primárias ou de magnitudes menores do que o todo, mas, como afirmo, de tudo isso, apenas a sua¹⁵⁶ natureza permanente. Têm todas os seus próprios modos característicos de serem percebidas e distinguidas, mas juntamente com o conjunto e nunca separadas dele; mas pela conceção de conjunto do corpo, concebe-se a categoria.

[70] De igual modo, [as qualidades] unem-se frequentemente aos corpos sem serem permanentemente concomitantes; não estão nas coisas visíveis, nem são incorpóreas. Assim, usando o termo, na aceção vulgar, manifestamos claramente que os 'acidentes' não têm a natureza do corpo na totalidade, nem a dos que perpetuamente a seguem, sem os quais não pode conceber-se o corpo. Contudo, segundo algumas conceções, atendendo ao todo, nomeamos cada coisa, [71] mas, apenas tão frequentemente como contemplamos cada uma ao acontecer, embora tais acidentes não sejam permanentemente concomitantes. E não se expulsa do ser a percepção distinta, porque não tem a natureza do todo a que se segue algo que designamos de corpo, nem a dos que seguem perpetuamente, nem a do que se julga subsistir por si mesmo (isto não se entende a respeito dessas coisas, nem das que sucedem permanentemente). Contudo, ao que parece, todos os corpos consideram-se acidentes, e não perpetuamente concomitantes, nem tampouco que tenham por si mesmos natureza independente, mas que se veem as qualidades da maneira que a sensação provoca.

[72] Há algo que devemos também considerar atentamente. De facto, não devemos investigar o tempo como os outros acidentes que investigamos numa hipótese, designadamente, referindo-os com as suposições contempladas por nós; mas [deveremos considerar] o facto em si mesmo, donde falarmos do tempo como longo ou curto, ligando-o, por analogia, a esses períodos de duração. Não precisamos de adotar nenhuns termos novos como melhores, mas deveríamos adotar as [expressões] usuais a seu respeito. Também não precisamos de estabelecer nada mais sobre ele, como se tivesse uma essência com a sua especificidade (pois alguns fazem assim), mas apenas refletir sobre aquilo a que atribuímos

¹⁵⁵ [formas e cores, magnitudes e pesos, e os demais].

¹⁵⁶ Entenda-se [do corpo].

esta particular característica e medimos bastante. [73] Não é preciso comprovar mais isto, mas refletir que atribuímos essa porção a dias e noites e às suas partes e similarmente aos sentimentos e ausência de sentimentos, ao movimento e quietude, considerando de novo um acidente peculiar disso a respeito dessas coisas, em conformidade com o qual designamos o tempo destes como sendo esta mesma característica que expressamos através da palavra tempo. (refere isto, no segundo livro de *Acerca da Natureza*, e no *Epítome Grande*.)

Além do anteriormente atestado, deve ter-se em consideração que os mundos e todo o conjunto finito, semelhantes às coisas que frequentemente vemos, nasceram do infinito. Todos esses, pequenos ou grandes, tendo-se separado de agregações particulares; e todas as coisas dissolvem-se de novo, umas rapidamente, outras devagar, algumas sofrendo isto por causa destas, outras por causa destas.

[74] (Então, é claro que também julga os mundos perecíveis, dado que as suas partes estão sujeitas a mudança. Noutros locais, afirma que a terra está sustentada no ar.) Não deve considerar-se outrossim que os mundos têm necessariamente uma única forma <...> († mas, no décimo segundo livro *Acerca da Natureza*, afirma que diferem, sendo uns esféricos, outros ovais, outros ainda de formas distintas destas. Todavia, não têm todas as formas; nem existem animais separados do infinito†). Ora, porque nada demonstrará como se incluem <n>ele tais sementes de que surgem os animais, as plantas e todas as outras coisas <que> vemos organizar-se, ao passo que noutro não seria possível. E reproduziram-se desse mesmo modo. E poderíamos ponderar essa via igualmente na terra.

[75] Mas há que supor que também a natureza foi instruída e compelida de muitas e variadas coisas pelos próprios objetos, e que a razão, tendo sido recomendada por ela, desenvolve posteriormente e realiza descobertas, em algumas velozmente, noutras, lentamente, noutras, em períodos e tempos †a partir do infinito <...>, numas, mais pequenas sendo o progresso assim conseguido, em algumas ocasiões maiores, noutras [progressos] menores.

Assim, até os nomes das coisas, originariamente, não foram estabelecidos, mas as naturezas dos homens, segundo cada etnia particular, recebendo o impulso de sentimentos especiais e criando imagens especiais, solta o ar organizado segundo cada sensação e imagem, e a diferença mediante os locais das etnias. [76] Depois, na generalidade, cada etnia adotou [nomes] próprios para as coisas, a fim de que as manifestações pudessem ser menos ambíguas entre elas e mais breves. E quanto às coisas não visíveis, aqueles que as conheciam introduziram atos, colocaram em circulação alguns sons, emitiram uns por necessidade, outros selecionados pela razão, interpretados assim, segundo a maior causa disso.

Quanto aos fenómenos celestes, não deve julgar-se que o movimento, a revolução, o eclipse, o nascimento, o ocaso e afins acontecem sem comando, por disposição de presente ou de futuro e tendo, simultaneamente, toda a felicidade e imortalidade. [77] (Com efeito, negócios, ansiedades e sentimentos de raiva e favorecimentos não combinam com felicidade, mas são fraqueza, medo e

dependência em relação ao próximo), tampouco que entidades esféricas de fogo, simultaneamente providas de bem-aventurança, queiram ter esses movimentos; mas, que o todo respeita a majestade, em relação a todos os nomes conduzidos para estas noções, se nada pareça opor-se à majestade deles; caso contrário, a majestade prepara uma grande perturbação nas almas. Assim, deve considerar-se o cumprimento dessa necessidade e periodicidade em conformidade com a interceção desses conjuntos, a partir do início, na gênese do mundo.

[78] Além disso, deve saber-se que, para conhecer-se com precisão a causa das coisas principais é assunto da fisiologia, e que a felicidade depende disto, designadamente sobre o conhecimento dos fenômenos celestes e atmosféricos, e sobre saber o que é que os corpos pesados realmente são, e quaisquer factos similares contributivos de conhecimento exato a este respeito. Mais ainda, que nessas coisas não há pluralidade de modos, nem possui a possibilidade de outra maneira, mas simplesmente que não há, na natureza imortal e bem-aventurada, nada capaz de provocar separação ou perturbação; e é simples para o pensamento entender isto. [79] Na investigação dos fenômenos do ocaso, surgimento, solstício, eclipse, todos os similares, nada conduz para a felicidade da investigação, mas os que contemplam essas coisas têm, igualmente, medos, porém, ignoram de que natureza são, e quais as principais causas; e também, se as soubessem antecipadamente, talvez ainda mais, quando o assombro a partir dela suscitado pelo conhecimento adicional dessas coisas não consegue promover a libertação, através de uma organização relativa às coisas principais. Por conseguinte, são muitas as causas que encontramos dos solstícios, ocasos, surgimentos, eclipses e afins, como também fizemos com os particulares, [80] e não deve supor-se que o uso exato acerca disso não serviu para atingir a nossa tranquilidade e felicidade. Então, quando se examina de quantas maneiras similar coisa surge diante de nós, deve investigar-se sobre os meteoros e tudo quanto é desconhecido, considerando que estas coisas não têm <um> único modo de surgir, nem juntam várias formas, transmitindo a aparição à distância, e ignoram de que modo não há tranquilidade. Ora, se julgarmos que deve admitir-se que isso acontece assim desse modo e também de outras maneiras similares adquire tranquilidade, explicando que há outras formas de acontecer, como se, ao vermos que acontece assim, tranquilizarmos.

[81] Depois de tudo isto, deve considerar-se que a perturbação mais principal para as almas humanas se origina na consideração de que [os corpos celestes] <são> bem-aventurados e imperecíveis, e têm oposições a eles e simultaneamente vontades, ações e motivos, e esperam ou suspeitam algo terrível eterno, de acordo com os mitos¹⁵⁷, quer por temor da insensibilidade na morte, como se lhes dissesse respeito, quer, afetado por isso, não por convicção, mas por alguma revelação irracional, por conseguinte, ao não colocar limite ao medo, recebem uma perturbação igual ou

¹⁵⁷ Cf. Xenophan. fr. 11 Diels: πάντα θεοῖσ' ἀνέθηκαν Ὅμηρός θ' Ἡσίοδος τε, ἴσσοσσι παρ' ἀνθρώποισιν ὀνειδέα καὶ ψόγος ἐστίν, ἢ κλέπτειν μοιχεύειν τε καὶ ἀλλήλους ἀπατεύειν. "Homero e Hesíodo atribuíram aos deuses todas as coisas vergonhosas e desgraças entre os mortais, roubos, adultérios e enganos entre os outros."

superior que aquele que pensa tais coisas; [82] porém a tranquilidade de todas essas coisas é libertar-se e ter uma memória contínua de todas as coisas e das principais. Por conseguinte, devemos cuidar das coisas que acontecem presentemente e das sensações, em comum as comuns, em particular as particulares, e a toda a evidência presente¹⁵⁸, segundo cada um dos critérios. Com efeito, se atendermos a isso, explicaremos inteiramente, com correção, donde a perturbação e o medo surgiram e libertar-nos-emos; e também as causas dos fenômenos celestes e das coisas que sempre sobrevêm, causando um medo extremo para os restantes [da humanidade].

Por conseguinte, Heródoto, tens as coisas principais de toda a Natureza, de forma resumida. [83] Deste modo, se esta poderosa exposição se mantiver com precisão, a meu ver, um indivíduo, ainda que não avance para todas as coisas ao pormenor, superará incomparavelmente em vigor os restantes homens. Com efeito, clarificará, suficientemente, por si próprio, muitas coisas que abordamos em partes, na generalidade, e, conservando tudo isso na memória, socorrer-se-á disso continuamente. Com efeito, são tais, que aqueles já conhecedores em particular de modo suficiente e em termos absolutos, analisando estas coisas indagadas, farão o maior número de estudos sobre toda a Natureza; ao passo que os que ainda não estiverem absolutamente completos nessas coisas, completamente sem sons, farão com a mente o caminho das coisas principais para a tranquilidade."

Essa é a sua epístola sobre as coisas da Natureza. Esta sobre os fenômenos celestes.

"Epicuro a Pítocles, saudações.

[84] Na tua carta, que Cléon me trouxe, continuas a mostrar-me afeto que mereci pela devoção que te tenho e tu tentas, não sem sucesso, recordar as considerações do que torna uma vida feliz. Pedes-me uma exposição clara e concisa respeitante aos fenômenos celestiais, para lembrares com facilidade. Com efeito, o que escrevemos sobre este assunto noutros sítios é difícil de lembrar, mais ainda, dizes-me, de levar continuamente, embora tenhas os meus livros sempre contigo. Aceitei, com gosto, e estou com agradáveis expectativas. [85] Tendo já escrito todas as restantes coisas, completo também tudo o que pedes, e outros irão considerar estes pensamentos úteis, em especial os que entraram recentemente em contacto com a fisiologia, e os que estão embrenhados em assuntos mais profundas das coisas que circulam. Recebe-as bem, e, tendo rapidamente na memória, circunda-os na companhia dos restantes, no *pequeno epítome* que enviámos a Heródoto.

Primeiramente, que o fim do conhecimento dos fenômenos celestes, quer se digam conexos, quer os que se consideram absolutos, é a firme calma e confiança, à semelhança das outras coisas. [86] Não deve forçar-se o que é impossível, nem contemplar-se de igual modo todas as coisas, nos

¹⁵⁸ Entenda-se [imediatamente].

discursos sobre as coisas vivas, ou a clarificação de outros problemas da Natureza, por exemplo, que o todo é corpo e natureza impalpável, ou que os elementos [são] indivisíveis, e as outras coisas assim que têm uma única conformidade com as aparições¹⁵⁹; o que não acontece com os fenómenos celestes, mas estes têm múltiplas causas para surgirem, e um predicado da essência, em harmonia com os sentidos. Com efeito, não deve falar-se da Natureza através de axiomas vazios e princípios arbitrários, mas como fenómenos. [87] Na realidade, não precisamos de teorias, nem de opiniões vazias, mas de uma existência sem perturbações. Todas as coisas acontecem de forma constante, através de diversas maneiras, em harmonia com os acontecimentos, quando alguém mantém, como deve ser, o argumento válido a seu respeito; porém, quando alguém o deixa de parte, rejeitando outro igualmente compatível com o fenómeno, afasta-se claramente por completo do estudo da Natureza e cai no mito. Os sinais a respeito do que se completa nos fenómenos celestes disponibilizam alguns fenómenos junto de nós, os quais vemos de que forma acontecem, e não as que aparecem nos fenómenos celestes, pois a sua ocorrência pode dever-se a múltiplas causas. [88] Todavia, devem observar-se as aparições de cada um e distinguir dos factos adjuntos a si¹⁶⁰, cuja ocorrência de várias maneiras não se contradiz pelo que nos acontece¹⁶¹.

O mundo é um corpo do céu, que contém as estrelas, a Terra e todas as outras coisas que aparecem, tendo um segmento do infinito, e terminando num limite delgado ou compacto, cuja dissolução trará a confusão de tudo nele – acabando a circular ou estável, definindo o redondo, triangular ou de outra forma de género. Todas as coisas são possíveis – não são negadas pelas ocorrências, neste mundo, em que o término não pode ser discernido. [89] Que existe um número infinito de tais mundos pode perceber-se, e que um tal mundo pode gerar-se num mundo ou num *intermundium*¹⁶² (termo pelo qual designamos os espaços entre mundos), num espaço com muito vazio, e não, num vasto, limpo e vazio, como referem alguns, quando algumas sementes apropriadas, decorrentes de um único mundo ou *intermundium*, ou de vários e pouco a pouco gerando-se aumento, articulação e mudança de um lugar para outro, se assim acontece, e tem rega a partir de fontes apropriadas, até se completarem e permanecerem as fundações dispostas consigam recebê-las. [90] Na realidade, não basta existir uma agregação ou um vórtex no vazio onde um mundo possa surgir, como se supõe, a partir da necessidade, e pode crescer até colidir com outro, como afirma um dos chamados físicos. É que isto está em conflito com factos.

O Sol, a Lua e as restantes estrelas <não> tiveram origem por si mesmos, sendo mais tarde incluídos no mundo, e essas partes servem-lhe de defesa, mas começam imediatamente a tomar forma

¹⁵⁹ [fenómenos].

¹⁶⁰ [manifestados juntamente consigo].

¹⁶¹ [factos da nossa experiência].

¹⁶² Μετακόσμιος.

e aumentarem (de igual modo a Terra e os mares), segundo as uniões e movimentos de rotação de certas pequenas partículas da Natureza, por certo junto com vento ou fogo; na realidade, assim, estas coisas submetem-se às sensações. [91] A magnitude do Sol e das restantes estrelas, em relação a nós é tanta como o Sol aparenta (isto, no décimo primeiro livro *Acerca da Natureza*. "Na realidade", diz, "se o tamanho tivesse diminuído por causa da distância, muito mais teria diminuído a cor."). De facto, não existe nenhuma distância mais proporcional do que esta. Quanto a si mesmo, pode ser maior do que se vê, ou um pouco menor ou igual (não simultaneamente). Pois também assim, os fogos, junto de nós, vistos à distância são vistos através do sentido. E toda a objeção contra essa parte facilmente se dissolverá, se alguém cuidas das evidências, como demonstrado em *Acerca da Natureza*. [92] O surgimento e ocaso do Sol, da Lua e das demais estrelas pode acontecer pelo acendimento e extinção, sendo essa a circunstância, e por cada um dos lugares, como anteriormente se referiu. Na realidade, nenhum fenómeno refuta, <e também> pode completar-se pela aparição sobre a terra ou ocultação, como anteriormente referido; com efeito, nenhum dos fenómenos contradiz. E os movimentos deles não é impossível que sucedam pela rotação de todo o céu, ou estando este parado e rodando aqueles, pela necessidade produzida, desde o início na criação do mundo †por ocasião do surgimento [93] estendido† com o calor, através do alastramento do fogo, indo sempre pelos lugares a seguir. As rotações do Sol e da Lua podem gerar-se pela obliquidade do céu assim contraído nessas ocasiões. De igual modo, pela pressão contrária do ar ou da madeira sempre apropriada, tendo sido queimada, ou sendo deixada para trás; ou então porque essa rotação, desde o início, tenha sido deixada a estas estrelas, pelo que elas se movem numa espécie de espiral. Ora, todas estas coisas e outras afins não estão dissonantes com as percepções, se, tendo convicção nessas partes sobre eles, seja possível trazer para a harmonia cada coisa destas com os fenómenos, sem temer os artifícios servis dos astrónomos.

[94] A Lua a minguar e a encher de novo poderá surgir devido à rotação do corpo dela, e igualmente às configurações do ar; também, a interposições, e de todas as formas que, segundo os fenómenos aludidos quanto a nós para explicar as formas disso, se não se ficar satisfeito com uma única maneira, rejeitando as outras de modo vão, não tendo em consideração o que pode ser considerado pelo homem e o que não pode, e, por isso, desejar considerar o que não é possível. Outrossim, a Lua pode ter luz a partir de si própria, e também pode ter a partir do Sol. [95] De facto, observamos muitas coisas que têm [luz] a partir delas mesmas, e muitas a partir de outros. E nenhum dos fenómenos celestes se interpõe, se alguém os tiver sempre em memória de vários modos e contemple as consequências, as hipóteses, juntamente com as causas, não olhando para inconsequências, dando-lhes um valor despropositado e inclinando sempre de uma maneira ou de outra, para uma única via [de

explicação]. A aparência da face nela¹⁶³ pode igualmente surgir da transmissão de partes e da interposição e dos modos que se virem em harmonia com os fenômenos adquiridos.

[96] Sobre todos os fenômenos celestes, não deve abandonar-se essa investigação. Com efeito, alguém, lutando contra as experiências, nunca poderá mudar para a genuína paz de espírito.

O eclipse do Sol ou da Lua pode surgir pela extinção, tal como, quanto a nós, se vê acontecer assim; e também pela interposição de outras coisas – da Terra, do céu {ou} de algum outro disso [desse gênero]. E assim, conjugando outras vias apropriadas, e, simultaneamente, as coincidências deles, que não é impossível de acontecer (no décimo segundo livro *Acerca da Natureza*, refere estas coisas e acrescenta que o Sol se eclipsa, uma vez projetada a sombra da Lua; a Lua, pela sombra da Terra, mas também pela retirada [da Lua]. [97] Isto, Diógenes¹⁶⁴, o epicurista, no primeiro livro de *Epilecta*). Também a disposição das órbitas, tal como algumas coisas que entre nós acontecem por acaso, apreende-se; e a natureza divina de modo nenhum se aplica a isso. Mas antes que se observe livre disso e com toda a felicidade. A menos que isto seja feito, todas as causas sobre os fenômenos celestes são inusitadas, como sucedeu com alguns, atados a uma via não possível, mas caem no inusitado ao julgarem que esses sucedem apenas de uma única via, porém, ao recusarem a possibilidade todas as outras, vão para o ininteligível e não conseguem contemplar os fenômenos que devem ser aceites como sinais.

[98] †A variação da duração das noites e dos dias dever-se-á à rapidez do movimento do Sol e, no inverso, à lentidão sobre a Terra, segundo a mudança dos locais transpostos e alcançando os lugares mais rapidamente, como se vêem alguns entre nós, ou mais lentamente, dos quais deve falar-se harmoniosamente sobre os astros. Porém, aqueles que admitem uma [explicação] sobre eles estão em conflito com os fenômenos e erram quanto ao modo como o homem considera.

Os sinais [do tempo] podem dever-se a meras coincidências de estações, como no caso dos animais vistos entre nós, e também por outras coisas entre as mudanças do ar. Ora, ambas [as explicações] não estão em conflito com fenômenos; [99] e não se entende por qual razão sucede, por uma ou outra.

As nuvens podem formar-se e unir-se devido à compressão do ar <sob> a compressão dos ventos, ou ao emaranhado de átomos que se juntam e utilizam para realizar isso, e devido a correntes recolhidas da terra e das águas; existem também várias outras maneiras em que não é impossível que as agregações se complete. Assim, é possível formar-se água pela opressão delas, ou pela transformação. [100] Também <através de> exalações a subirem de espaços propícios e a moverem-se através do ar, ao passo uma pluviosidade mais violenta se deve a determinadas acumulações propícias a tais aflições.

¹⁶³ [Lua].

¹⁶⁴ [de Tarsos].

O trovão pode dever-se ao movimento rotativo do vento nas cavidades das nuvens, assim como nos nossos vasos, ou ao rugido, graças ao fogo nelas¹⁶⁵, e pelo rompimento ou separação das nuvens, a fricção e a disposição das nuvens quando congeladas como o gelo. E, como na generalidade, também nesta parte os fenómenos exigem que se chamem várias vias de aparecimento. [101] Outrossim, os raios acontecem por várias vias. De facto, pela ficção e colisão das nuvens, saindo a configuração geradora de fogo, produz-se o raio; pela libertação, das nuvens, devido aos ventos, de corpos aptos para produzir luminosidade; ou então é espremido, gerando-se pela pressão das nuvens entre si ou pelos ventos; ou ainda, pela luz difundida das estrelas fica sitiada, depois ser guiada pelo movimento das nuvens, dos ventos e escapando-se através das nuvens; ou então pela luz filtrada <através> das mais pequenas partículas das nuvens (devido ao fogo as nuvens são comprimem-se e geram-se os trovões) e movimento deste; ou ainda surgir pela combustão do vento trazido através da tensão e através de compressão excessiva; [102] ou pela separação de nuvens pelos ventos e dos átomos produtores de fogo também produzem o fenómeno do relâmpago. E também podem facilmente observar-se muitas outras maneiras, cuidando sempre dos fenómenos e podendo considerar o que é análogo a eles. O raio precede o trovão, nessa circunstância de nuvens e através do vento cai nela, é expelida a configuração que produz o raio, depois, o vento girando produz esse rugido do trovão; e se ambos caírem em simultâneo, o raio pronuncia-se com uma velocidade maior na nossa direção, [103] e o trovão mais tarde, como quando se veem algumas coisas à distância e dão alguns golpes.

O raio pode surgir por muita reunião de ventos, forte compressão, conflagração, rutura de parte e impulso violento dele para um local mais abaixo, ocorrendo a explosão devido aos lugares serem mais constrictos sucessivamente, devido à compressão das nuvens; pela expulsão do fogo acumulado e assim também pode criar-se o trovão também pode surgir, sendo maior, tornado violentamente em vapor, rompe a nuvem, porque, não é capaz de retirar-se para os seguintes, fica comprimida, especialmente, em virtude de alguma montanha alta, onde os raios mais caem, continuamente, de umas para as outras. [104] E existem várias outras maneiras de os raios poderem ser produzidos; com a única exceção do mito; e exclui-se se uma pessoa interpretar as coisas ocultas atentando devidamente os fenómenos.

Os ciclones podem ocorrer pela descida das nuvens forçada para baixo como um pilar, empurrado por uma massa de vento, e levada através de por muito vento, e simultaneamente a nuvem é impulsionada para o lado pelo vento exterior; ou [poderá dever-se] pela rotação do vento para o círculo, de algum ar comprimido a partir do alto, por um curso de muitos ventos incapaz de expandir-se lateralmente porque o ar em volta está estreitamente comprimido. [105] E o ciclone, ao descer para terra, gera os tornados, e a formação cria-se, em direção ao mar, causam remoinhos.

¹⁶⁵ [nuvens].

Os sismos podem dever-se à interceção do vento na terra, justapondo pequenas porções dela¹⁶⁶, em movimento contínuo, sempre que vibra, estando a terra preparada. E recebe assim o vento do exterior, <ou> a partir da queda disso para a base para locais cavernosos da terra, tornando em vapor o ar. <E> pela distribuição do movimento a partir das muitas fundações e dá-se de novo quando encontra maior densidade na terra, podem suceder sismos. [106] E existem muitas outras maneiras de se criarem esses movimentos da terra. Ocorre o levantar de ventos em certas alturas, quando algo estranho penetra continuamente e aos poucos, e também pela recolha de água em abundância. Os restantes ventos surgem quando alguns deles entram em muitas cavidades e são distribuídos por elas.

O granizo gera-se pelo forte adensamento, espalhado pelos ventos em todas as direções e em porções; outrossim pelo derretimento mais moderado disso, similar à água, correm igualmente, e fazem e simultâneo a sua junção e a separação, de modo a juntar firmemente em partes ou em conjunto. [107] Não é impossível que tenham forma redonda, estando as extremidades derretidas de todos os lados e na união em todos os lados, conforme se diz, e porque as partes, sejam aquosas ou gasosas, em volta, tenham o mesmo nível.

A neve pode formar-se quando se precipita das nuvens uma chuva fraca, em virtude da simetria e da pressão dos poros de nuvens adequadas, espalhada continuamente pelo vento, ficando depois congelada no movimento, devido às fortes circunstâncias de frio das nuvens, nos lugares baixos. E também pelo congelamento nas nuvens que têm uma densidade uniforme, ela surge a partir das nuvens, se entre si se apertarem, contiverem humidade e se aglomerarem; como se a compressão causasse a formação de granizo . estas coisas formam-se principalmente no ar.

[108] E pela fricção de nuvens, que detêm densidade, chocam-se e geram uma grande massa de neve. E é igualmente possível gerar neve de outras formas.

O orvalho forma-se pelo encontro mútuo das partículas do ar, que produzem a humidade; e extraindo a água que carregam a partir dos locais húmidos, nos quais o orvalho se forma em especial, depois o encontro dessas partículas, trazendo e produzindo humidade e torna a mover-se para os lugares abaixo, como acontece similarmente, entre nós, em muitos outros casos <a geada gera-se> [109] {Esta}forma-se quando o orvalho recebe uma certa consistência, através da ocorrência de ar frio.

O gelo forma-se pela extração dos [átomos] de forma redonda da água e compressão dos escalenos e de ângulo agudo contidos na água; e, pela junção deles do exterior, que, unindo-se, causam a solidificação da água após a expulsão de um determinado número de [átomos] redondos.

¹⁶⁶ [terra].

O arco-íris ocorre pelo brilho do sol na direção do ar húmido; ou ainda devido a uma união peculiar de luz e do ar, que causará, tanto as cores particulares deles, sejam todas ou de um tipo; onde, a partir do reflexo, a vizinhança do ar recebe essa cor, como vemos, em conformidade com o brilho contra as partes. [110] O redondo dessa aparência deve-se ao facto de o intervalo de todos os lados, segundo se vê, parece ser igual, ou [porque], recebe essa compressão dos <átomos> no ar; ou, tendo os átomos sido levados nas nuvens por esse mesmo ar {que se move em direção à lua}, conferem aquela compressão esférica.

O halo à volta da Lua surge {porque} o ar, em todos os lados, estende-se em direção à Lua; ou repele de forma igual os fluxos que ela emite, para tão longe, que cria um círculo nebuloso, mas não a separa de modo absoluto, ou porque, elevando o ar em volta simetricamente, de todos os lados, para um círculo em torno dela e provoca um denso círculo. [111] Ele surge por algumas partes ou pelo fluxo que constringe do exterior, ou pelo calor alcança poros adequados para ter este efeito.

Os cometas surgem ou porque, em algumas ocasiões, em certos lugares, o fogo se concentra em corpos celestes, surgida a circunstância, ou pela movimentação particular tida, por vezes, pelo céu sobre nós, de modo que tais astros aparecem; ou porque eles próprios, em algumas ocasiões, colocados em movimento através de alguma circunstância, vêm para as nossas zonas e mostram-se. E o seu desaparecimento deve-se às causas opostas a estas.

Determinados astros tornam ao mesmo ponto. [112] Acontece, não apenas porque está parte do mundo, à volta da qual gira o restante, permanece imóvel, como alguns referem, mas porque um remoinho de ar está em seu redor, ou ficam impedidos de girar como os outros; ou porque a seguir não há matéria suficiente, mas está disponível naquele local onde se vê. Mais ainda, há diversos outros modos de isto poder acontecer, se alguém conseguir raciocinar em harmonia com os fenómenos.

Alguns astros vagueiam, se assim se tomam tais movimentos, outros não {se movem} [113] É possível que, de início, movendo-se em círculo, foram obrigados a <mover-se> assim, de modo que uns são levados, tendo aquele remoinho regular, ao passo que outros, segundo aquele que apresenta simultaneamente irregularidades; é também possível que segundo os lugares onde andam haja extensões regulares de ar que os impelem para uma direção seguinte e a arderem com regularidade, ao passo que noutros irregularidades tais que produzem as mudanças observadas. Apresentar uma única causa disto, sendo muitas as vias que os fenómenos apresentam, é algo louco e não apropriado praticado pelos que desejam emular a vã astrologia¹⁶⁷ e que atribuem causas para o vazio, sempre que libertam a natureza divina de todos esses trabalhos.

¹⁶⁷ Ἀστρολογία. Cf. duas áreas do mesmo domínio hoje distintas, mas na Antiguidade Clássica não divergentes - astronomia (um dos ramos da matemática, juntamente com aritmética e música) e astrologia (arte mágica de procrastinação da sorte e do destino, com base na influência das posições de corpos celestiais sobre criaturas terrenas).

[114] Sucede verem-se alguns astros a serem deixados para trás de outros, porque se deslocam mais lentamente, embora sigam a mesma órbita, ou porque tenham um movimento contrário, sendo levados em direção oposta pela rotação dela; ou porque alguns percorram um espaço maior e outros um menor, ao completarem essa rotação. Mas apresentar uma única explicação sobre isso é próprio dos que procuram deslumbrar muitos com maravilhas.

As chamadas estrelas cadentes podem dever-se à fricção delas próprias; à queda de partes, onde há vento, como dissemos a respeito dos raios; [115] ou pelo encontro de átomos geradores de fogo, que, sendo parecidos, provocam isso, e pela movimentação que o impulso provoca, em conformidade com a reunião que existia aí, desde o início; ou pela recolha de ventos em massas tipo neblina, e conflagração disso através da compressão, seguida da rutura desde as coisas circundantes, e pelo [movimento] no local para onde o impulso as enviou. Além disso, existem outras maneiras de completar isto, sem recorrer a mitos.

As indicações [do tempo] surgem a partir de certos animais, fazem-se segundo a ocorrência da circunstância. Com efeito, os animais não apresentam nenhuma razão necessária para uma tempestade se produzir; nem nenhuma divindade se senta a observar a saída dos animais, cumprindo então os sinais que deram. [116] Na verdade, essa parvoíce <não> atingiria nenhum animal, ainda que pouco iluminado, menos ainda tendo a felicidade por completo.

Tudo isto, Pítocles, deverás ter na memória, pois então sairás bastante do mito, e conseguirás ver, coisas similares a estas. Mas acima de tudo entrega-te à contemplação dos princípios, ao infinito e assuntos afins, e depois aos padrões, às paixões e por que motivo consideramos essas coisas. Com efeito, principalmente estas coisas far-te-ão capaz de considerar com facilidade as causas de coisas particulares. E os que não tiverem aceitado isto, não contemplarão no essencial, nem numa boa proporção estas coisas, nem preservam a razão por que devem contemplar estas coisas."

[117] Tais coisas julga ele sobre fenômenos celestes.

Mas quanto ao relacionado com a vida, o que é necessário que nós escolhamos e evitemos, ele escreve as coisas, assim. Antes de abordar as coisas que ele pensa e também os [discípulos] dele acerca do sábio.

O dano pertencente aos homens surge devido ao ódio, à inveja, ao desdém, que o sábio supera pela razão. Mas, o que se tornou sábio uma vez, nunca mais se dispõe a apreender o oposto, nem

Em termos gerais, os astros visíveis eram utilizados para orientação (*Od.* 5.271-7) e para fins oraculares (*Od.* 20.350-5). Convergem assim diversos saberes e profissões, a exemplo de religião e sacerdócio, mitologia e etnografia, filosofia, geometria, matemática, física natural, sem delimitação estanque e absoluta dos diferentes domínios científicos

voluntariamente essa forma. Que estará muito mais suscetível a paixões; não tem impedimento à sabedoria. Que nem de todas as disposições do corpo se cria um sábio, nem em toda a nação. [118] Que até na dificuldade o sábio é feliz. Que o sábio apenas terá gratidão para com os amigos, tanto presentes como ausentes, e agem de igual maneira, pela forma correta, e se estiver em dificuldade, então lamentará e terá misericórdia. E que o sábio não se unirá à mulher que as leis proíbem, como refere Diógenes, no *Epítome dos Dogmas Morais de Epicuro*. Que nem punirá os servos, terá antes misericórdia e perdoará quem tiver bom carácter. Não julgam¹⁶⁸ que o sábio amará; nem que irá pensar no enterro; nem que o amor é uma dádiva divina, segundo Diógenes, no <...>¹⁶⁹; nem que discursará bem. Dizem que o relacionamento sexual nunca foi benéfico, e que há que contentar-se se não causou dano.

[119] E que o sábio não casará e terá filhos, conforme Epicuro, em *Problemas e Acerca da Natureza*. Por vezes, pelas circunstâncias da vida, casará. E algumas detê-lo-ão. Que também não falará parvoíces, na bebedeira, refere Epicuro, em *Simpósio*. Tampouco tomará parte na política, conforme [afirma] no primeiro livro *Da Vida*; nem será um tirano; nem viverá como um cínico, como no segundo livro *Da Vida*; nem mendigará. Mas mesmo que tenha perdido os olhos, não se retirará da vida, como refere no mesmo livro. E que o sábio também sofrerá, segundo Diógenes, no quinto livro de *Epilecta*. E que irá a tribunal; e deixará escritos; também que não fará panegíricos. [120a] Cuidará da sua propriedade e do futuro. Gostará do campo. Combaterá contra a sorte, nunca prejudicará um amigo. Cuidará da honra, para não ser desdenhado. Terá mais prazer do que os outros nas teorias.

[121b] Que se dedicará imagens; ter posses será indiferente. Apenas o sábio conversará corretamente sobre música e poesia; e ele próprio não escreverá ativamente poemas. Que um não é mais sábio do que outro. E, estando em dificuldade, fará negócio, mas apenas pela sabedoria. E estará ao serviço do suserano no tempo oportuno. Ficarà grato a alguém pela correção. Fundará uma escola, mas não de maneira a atrair uma multidão; e fará leituras na multidão, mas não de livre vontade; apresentará dogmas, mas não deixando dúvidas. Ainda que a dormir, será o mesmo; e a certa altura poderá morrer por um amigo.

[120b] {Depois} julga que as faltas são desiguais. E que a saúde, para uns, é um bem, ao passo que para outros, indiferente. Que a virilidade não tem origem na natureza, mas provém da razão. E que a amizade [se origina] através das necessidades; contudo, [um] há que começar (e, na realidade, semear a terra), mas firma-se segundo um conjunto, nos que estão cheios de prazeres.

¹⁶⁸ Entenda-se [os epicuristas].

¹⁶⁹ [no livro doze]?

[121a] Consideram-se dois tipos de felicidade: uma, a maior possível, como a que existe para a divindade, que não pode aumentada; e a que admite acrescento e subtração de prazeres.

Deve passar-se então para a carta.

"Epicuro a Meneceu, saudações.

[122] Que ninguém, sendo jovem, adie filosofar, nem, sendo velho, comece a cansar-se do estudo. De facto, nenhuma idade é prematura ou tardia para a saúde da alma. Quem afirma que a altura para estudar filosofia ainda não chegou, ou que passou, é o mesmo que dizer que a altura para a felicidade ainda não chegou ou já não existe agora. Por conseguinte, tanto no jovem como no velho, deve procurar-se a sabedoria: num, para que, à medida a que vai envelhecendo, seja jovem nas coisas boas, em virtude da grata recordação do que passou; ao passo que o outro, para que possa ser simultaneamente jovem e velho, porquanto não é temeroso das coisas que estão para vir. Então, deve cuidar-se das coisas que fazem a felicidade, uma vez que, se tal estiver presente, possuímos tudo dela, e, se ausente, fazemos tudo para tê-la.

[123] Todas as coisas a que te exortei continuamente, alcança-as e pratica-as, tomando-as como sendo rudimentos de bem viver. Primeiramente, considerando que a divindade é um ser vivo, imortal e bem-aventurado, conforme dita a noção comum de divindade, que ninguém lhe atribua nada alheio à imortalidade, nada não familiar à bem-aventurança; mas tenha em mente a respeito dela tudo o que se supõe sobre a sua imortalidade e bem-aventurança. Ora, na realidade, os deuses existem; e o conhecimento deles é evidente; mas como aqueles que muitos julgam, não existem; com efeito, não os preservam da mesma maneira que os julgam. É ímpio, não aquele que não celebra os deuses da multidão, mas aquele que atribui as conjeturas da multidão aos deuses. [124] Na realidade, não são pressuposições, mas suposições falsas, as opiniões da multidão sobre os deuses; por conseguinte, as maiores †causas† maléficas advêm a partir dos deuses e prestam-se os maus. Porém, os que estão familiarizados com essas peculiaridades de excelência através de tudo, fazem-nos similares, julgando tudo o que não for assim como alheio.

Acostuma-te a considerar que a morte não é nada para nós; pois todo o bem e mal está na sensação, e a morte é a perda de sensação. Como tal, um correto entendimento de que a morte não é nada para nós torna a efemeridade da vida agradável, não atribuindo um tempo infinito, mas retirando o desejo de imortalidade. [125] Na realidade, não há terror na vida, para quem apreendeu genuinamente que nada de terrível tem início ao não haver vida; então é néscio aquele que diz temer a morte, pois não sofrerá quando chegar, mas sofre com o futuro. Ora, o que não atormenta no presente, causa sofrimento vão ao ser esperado. Então a morte, o mais terrível dos males, não é nada para nós, uma vez que, quando existimos, a morte não está presente; e, quando a morte está presente, nós não existimos. Por conseguinte, não é nada, tanto para os vivos como para os mortos, pois no

respeitante àqueles [vivos], não existe, e aos outros [mortos], já não existem. Mas a multidão, ora evita a morte como o maior dos males, ora como o descanso dos [males] na vida <...> [126] [O sábio] não teme o viver, nem o não viver; na realidade, viver não lhe pesa, nem tampouco pensa que não viver é um mal, da mesma forma que quanto à comida não se escolhe sempre o maior, mas o mais agradável, assim [o sábio] goza o tempo, não o mais longo, mas o mais agradável. E quem recomenda o jovem a viver bem e o velho a ter um bom fim, é insano, não apenas porque a vida é bem-vinda, mas porque é a mesma a prática de viver bem e de morrer bem. Muito pior é aquele que diz "bom é não nascer,

mas, tendo nascido, então passar rapidamente as portas de Hades¹⁷⁰."

[127] Ora, se de facto acredita nisso que diz, porque é que não põe cobro à vida? Estaria preparado para isso, se estivesse firmemente determinado; se apenas fala por gozo, é frívolo em coisas que não admitem. Deve recordar-se que o futuro não é completamente nosso, nem completamente não-nosso, por isso não esperemos totalmente pelo que há de ser, nem desesperemos como se não viesse de todo.

Deve também refletir-se que dos desejos, uns são naturais, outros vãos. E dos naturais, uns são necessários, outros apenas naturais; dos necessários, uns são necessários para a felicidade, outros para a libertação de perturbação do corpo, alguns, para viver. [128] Uma contemplação reta dessas coisas conhece toda a escolha e rejeição para a saúde do corpo e tranquilidade <da alma>, uma vez que isso é o fim de uma vida feliz. Para bem disso, praticamos todas as coisas, de maneira a não termos dor, nem termos medo. Uma vez conseguido isso relativamente a nós, acalma-se toda a tempestade da alma, não tendo o ser vivo de andar como procurando algo e procurar outra coisa com a qual se completará o bem da alma e do corpo. Então, temos falta de prazer quando sentimos sofrimento pelo facto de o prazer não estar presente; <quando não soffremos,> já não necessitamos de prazer.

Por isso, dizemos que o prazer é o início e o fim de viver feliz; [129] entendemo-lo como bem primeiro e inerente, e a partir dele iniciamos toda a escolha e rejeição, e chegamos a ele, julgando todo o bem tendo o sentimento como regra. E uma vez que esse é o bem primeiro e congénito, por essa razão não escolhemos todo o prazer, mas passar sobre muitos prazeres quando nos sobrevém um aborrecimento maior a partir deles; e consideramos muitos sofrimentos melhores do que os prazeres, quando segue um grande prazer a um grande tempo a suportarmos dores. De facto, todo o prazer, porque tem uma natureza próxima, é um bem, todavia nem todo [ele] deve escolher-se; assim como toda a dor é um mal, mas nem toda [ela] é para evitar-se. [130] Portanto, devem discernir-se todas as coisas de modo apropriado, por comparação, utilidade e dano. Com efeito, usamos o bem, em algumas ocasiões, como um mal, e o mal, pelo contrário, como um bem.

¹⁷⁰ Cf. Thgn. 425, 427.

Outrossim, consideramos a autossuficiência um bem, não para, em todos os casos, nos servirmos de pouco, mas para nos servirmos de pouco, se não tivermos muitas coisas, verdadeiramente persuadidos de que os que têm menos necessidade desfrutam mais agradavelmente a abundância; e que tudo o que é natural é fácil de conseguir, ao passo que o vão é difícil de conseguir. Os sabores simples trazem igual prazer do que um modo de vida extravagante, quando se elimina todo o sofrimento pela falta; [131] e pão e água conferem o maior prazer possível, quando alguém necessitado os usa. De facto, habituar-se a modos de vida simples não dispendiosos é parte essencial da saúde e faz o homem resolutivo relativamente à prática das coisas necessárias da vida e colocando-nos numa melhor disposição, nos intervalos, para as coisas extravagantes e prepara para a sorte sem medos. Quando dizemos, então, que o prazer é o fim, não nos referimos aos prazeres dos perversos e à fruição do repouso, como entendem alguns por ignorância e os que não concordam ou os que julgam mal; mas não sofrer de dor no corpo nem de perturbação da alma. [132] Não são contínuas bebedeiras e farras, nem entretenimentos de rapazes e raparigas, nem com peixes e outras coisas¹⁷¹ que se trazem para uma mesa luxuosa, que tornam a vida agradável, mas o raciocínio sóbrio que examina as causas de toda a escolha e rejeição e bane as opiniões a partir de onde o tumulto se apodera da maior parte da alma.

De tudo isso, o princípio e o bem supremo é a prudência. De maneira que a prudência é a coisa mais preciosa da filosofia. A partir dela brotam todas as restantes virtudes, ao ensinar que não podemos levar uma vida de modo agradável, sem ser de modo prudente, belo e justo, <nem de modo prudente, belo e justo>, sem ser de modo prazeroso; na realidade, as virtudes despontam em alguém com um viver agradável e o viver agradável é inseparável delas.

[133] Então, quem julgas ser superior a ele¹⁷², que tem pensamentos respeitosos acerca dos deuses e é absolutamente destituído de medo a respeito da morte, e considera a finalidade da natureza, e marca o limite dos bens e como é facilmente alcançado e obtido, e quão curtas são, quer a duração, quer o sofrimento dos males? Quanto à [*moira*], que é introduzida por alguns como senhor †anunciador† de todas as coisas, algumas se devem à sorte, algumas a nós, porque a necessidade é algo incontrollável, vê que a sorte é instável, o que está em nós, sem senhor¹⁷³, com o que se permite formar-se culpa e o oposto [134] (era melhor ter em consideração o mito sobre os deuses, do que ser escravo face ao determinado, segundo os físicos; o que apresenta a esperança da intercessão dos deuses através da reverência, mas a [determinação/destino dos físicos] tem a necessidade como inexorável); nem que o acaso¹⁷⁴ é um deus, como muitos consideram, nem supõe (na realidade, não há desordem

¹⁷¹ [outras iguarias].

¹⁷² [sábio].

¹⁷³ [livre].

¹⁷⁴ Τύχη.

na prática divina) que é uma causa irreal (<não> julga que um bem ou um mal seja proporcionado a partir dela [*tyche*] aos homens para tornar a vida feliz; todavia, que as origens dos grandes bens ou males são ministradas por ela), [135] julgando que é melhor ser infeliz racionalmente, do que feliz irracionalmente; com efeito, o melhor nas ações que se julgam bem sucede através dela [razão] <as que não sucedem, não se julgam retamente>.

Considera estas coisas e afins das formas possíveis, dia e noite, quer por ti mesmo, e com um semelhante a ti, e nunca, tanto acordado ou a dormir, serás perturbado, mas irás viver como um deus entre os homens. É que o homem não tem nada semelhante ao ser mortal, ao viver no meio de bens imortais."

Noutros [livros], rejeita toda a adivinhação, como no *Epítome Pequeno*. E afirma: "A adivinhação é irreal, e se real, deve supor-se que as coisas que acontecem nada é para nós."

Estas são as coisas sobre a vida¹⁷⁵; e aborda mais vezes noutro lugar.

[136] Difere dos Cirenaicos, no tocante ao prazer; com efeito, eles não admitem o estado, mas apenas o que está em movimento. Ele¹⁷⁶ [admite] ambos, da alma e do corpo, como afirma em *Da Escolha e Rejeição* e em *Do Fim* e no primeiro livro de *Sobre a Vida* e na epístola aos seus amigos em Mitilene. De igual modo, Diógenes, no décimo sétimo livro de *Epilecta*, e Metrodoro, em *Timócrates*, dizem assim: "Concebe-se o prazer, tanto aquele relativo ao movimento, e também do estático." Epicuro, em *Da Escolha*, refere: "Impassividade¹⁷⁷ e ócio¹⁷⁸ são prazeres estáticos; a alegria e a felicidade vêm-se ativas em conformidade com o movimento."

[137] Também [discorda] dos Cirenaicos; eles [sustêm que] as dores corporais são superiores às da alma, em todo o caso, os fátosos são castigados no corpo; porém ele [menciona as] da alma. De toda a forma, apenas o presente agita a carne, a alma, o passado, o presente e o futuro. Assim, também, que os prazeres da alma são maiores <do que os do corpo>. Usa como prova de que o prazer é o fim o facto de os animais, logo que nascem, estarem contentes com ele¹⁷⁹ e estarem contra a dor, naturalmente e à margem da razão. De facto, instintivamente, evitamos a dor; assim como quando Hércules, consumido pela túnica, grita:

†mordendo, berrando; em redor, lamentam-se as pedras

¹⁷⁵ [ética].

¹⁷⁶ Entenda-se [Epicuro].

¹⁷⁷ ἀταραξία.

¹⁷⁸ ἄπνοια.

¹⁷⁹ [prazer].

dos Locros e as elevadas montanhas peninsulares de Eubeia.†¹⁸⁰

[138] E também se escolhem as virtudes pelo prazer e não por si mesmas, assim como a medicina pela saúde, conforme refere Diógenes¹⁸¹, no vigésimo livro de *Epilecta*, que também apelida a *agoge*¹⁸² de *diagoge*¹⁸³. Epicuro diz que [a virtude] é inseparável do prazer; mas as coisas separam-se, como a comida.

Ora, então, apresente-se agora o término, como alguém poderá referir, disponibilizamos o epítome de todo o escrito, e da vida do filósofo, facultando os seus pensamentos *Principais*, e encerrando todo o escrito com eles, fazendo uso do fim como o início da felicidade.

[139] (1) O ser feliz e eterno não tem perturbações¹⁸⁴ nem imputa a ninguém, por conseguinte, não existe para as iras, nem para os agradecimentos; na realidade, tudo isso [existe] no que é fraco. (Noutros sítios, refere que os deuses são visíveis com a razão, subsistindo alguns pelo número, ao passo que uns segundo a uniformidade, a partir do influxo contínuo de imagens similares aperfeiçoadas por uso com formas humanas.)¹⁸⁵

(2) A morte não é nada para nós; com efeito, o [corpo], ao aniquilar-se, perde percepção; e o que não tem percepção não é nada para nós.

(3) O limite da magnitude dos prazeres [é] a remoção de todo o sofrimento. Onde o prazer estiver presente, enquanto durar, não há dor, ou perturbação ou ambos juntos.

[140] (4) A dor contínua na carne não dura, mas, a grande está presente pouco tempo, e também a que apenas se equipara ao prazer através¹⁸⁶ da carne, não permanece por muitos dias. As doenças prolongadas têm um prazer maior na carne do que a dor.

(5) É impossível viver agradavelmente, sem prudência, correção e justiça, <nem prudentemente, com correção e justiça> sem prazer. Mas, para quem isso não existe, não †está pronto† a viver prudentemente, com correção e justiça; não é possível viver uma vida agradável.

(6) De modo a obter segurança a partir dos homens, a existência da origem e da soberania são bens, em conformidade com a natureza, sempre que a partir deles se esteja preparado quanto a isso.

[141] (7) Alguns procuraram tornar-se estimados e admirados, pensando que assim iriam manter-se seguros relativamente aos homens. Então, se a vida desses for segura, elas terão recebido o

¹⁸⁰ Cf. S. Tr. 787 sq.

¹⁸¹ [de Tarsos]

¹⁸² Cf. ἀγωγή: 'educação'.

¹⁸³ Cf. διαγωγή: 'curso da vida'.

¹⁸⁴ [atos].

¹⁸⁵ Entre [] será observação de um escólio. Dorandi coloca o texto em itálico e, em nota, remete para Cic. N. D. 1.49.

¹⁸⁶ Cf. κατά.

bem da natureza; contudo, se foi insegura, não têm o que, desde o princípio, segundo a administração da natureza, procuraram.

(8) Nenhum prazer é em si mesmo um mal; mas as coisas que produzem certos prazeres trazem muitas perturbações dos prazeres.

[142] (9) Se todo o prazer se consolidasse, de maneira a durar e existisse por todo o organismo ou pelas partes principais da natureza, os prazeres nunca se diferenciariam uns dos outros.

(10) Se as coisas que produzem prazeres para os perversos libertassem de medos do pensamento, os [medos] sobre fenômenos celestes, da morte, do sofrimento, e, além disso, ensinassem o limite dos desejos, não teríamos nunca o que lhes censurar, estando eles repletos de prazeres por todos os lados e nunca teriam dor, nem lamentação, que são o mal.

(11) Se as apreensões dos fenômenos celestes não nos perturbassem, e as apreensões sobre a morte não fossem algo para nós, e o não entender os limites das dores e dos desejos, não teríamos necessidade da Fisiologia.

[143] (12) Não seria possível banir o medo das coisas fundamentais, se alguém não entender a natureza do todo, mas tiver apreensões em conformidade com os mitos; assim, não seria possível receber os prazeres puros da natureza, sem a fisiologia.

(13) Não haveria nenhuma vantagem em instaurar a segurança face aos homens, suspeitando das coisas do alto e das coisas sob a terra e, numa palavra, das coisas no infinito.

(14) Surgida a segurança a partir dos homens, até um certo ponto, com resistência e facilidade, a segurança mais pura da generalidade surge a partir de tranquilidade e afastamento da multidão.

[144] (15) A riqueza da natureza é limitada e fácil de obter; porém, a das opiniões vazias estende-se até ao infinito.

(16) A sorte interfere pouco com o sábio, mas a razão administrou, ao longo do tempo, administra e administrará as coisas maiores e principais.

(17) O justo é o mais imperturbado, mas o injusto está coberto de perturbações.

(18) O prazer na carne não aumenta, uma vez removido o sofrimento do desejo, mas apenas varia. O limite do prazer na alma, alcança-se com a avaliação dessas coisas e suas congêneres, que provocam os maiores receios na mente.

[145] (19) O tempo infinito e o finito têm igual prazer, caso os limites dele sejam medidos com a razão.

(20) A carne recebe os limites do prazer como ilimitados, e o tempo para aprontá-lo é infinito. Porém, o pensamento, detendo a descrição do fim e do limite da carne e tendo banido os medos face à

eternidade, proporciona a vida inteira, e já não necessitamos do tempo infinito; mas não evita o prazer, nem quando as circunstâncias proporcionam o encaminhamento do [fim] da vida, como se, tendo abandonado o melhor da vida, morresse.

[146] (21) Quem conhece bem os limites da vida, [sabe] como é fácil extrair o sofrimento por força do desejo e estabelecer toda a vida por completo.

(22) Deve considerar-se o fim último e toda a clareza para referirmos as coisas pensadas; se não, as coisas estão cheias de confusão e desordem.

(23) Se lutares contra todas as sensações, não terás nenhuma delas para discernires o que classificas como enganador.

[147] (24) Se rejeitas absolutamente a sensação e não te definires quanto ao pensamento que aguarda [confirmação] e o que já está presente, quer em sensação, quer nos sentimentos, quer em toda a disposição fantástica da mente, confundirás os restantes sentidos com pensamento infundado, de forma que rejeitas todo o critério. Se confirmas tudo o que aguarda confirmação nos pensamentos opinados e não o corroborares <...>, não abandonarás o engano; pois, tendo cuidado, conservarás toda a ambiguidade, face a todo o julgamento do correto e do incorreto.

[148] (25) Se, para todas as coisas não referires cada um dos assuntos sobre o fim da natureza, mas te afastas, fazendo, ou a fuga ou a perseguição para outro fim, os teus atos não serão consistentes com as palavras.

(26) Dos desejos, os que não conduzem ao sofrimento, quando não são satisfeitos, não são necessários, mas o desejo é facilmente afastado, quando são difíceis de conseguir ou causadores de dano.

(27) Das coisas que a sabedoria proporciona para a felicidade pela vida toda, a aquisição de amizade é, de longe, a maior.

(28) A mesma sentença que dá coragem e faz com que não haja temor eterno, nem de grande duração, também nos permite ver mais, nos limites, a segurança da amizade.

[149] (29) Dos desejos, uns são naturais e <necessários; outros, naturais e> não necessários; outros, não são naturais nem necessários, mas surgem devido à opinião vazia. [Epicuro julga como naturais e necessários os que se libertam de sofrimento, como beber, para a sede; ao passo que por natural e não necessários apenas variam o prazer, sem retirar o sofrimento, como os alimentos dispendiosos; os não naturais nem necessários, como coroas e a ereção de estátuas.]

(30) No tocante aos desejos físicos, que não são seguidos de sofrimento, ainda que não se satisfaçam, são difíceis e violentos, surgem pela opinião vã e difundem-se, não em virtude da natureza deles próprios, mas por causa da vanidade do homem.

[150] (31) A justiça da natureza é um sinal de utilidade, para não prejudicar os outros, nem ser prejudicado.

(32) Os de entre os animais incapazes de estabelecer acordos, para não prejudicarem <outros>, nem serem prejudicados, relativamente a isso, não são justos nem injustos. De igual modo, aqueles dos povos que não podiam ou não queriam estabelecer pactos para não prejudicarem, nem serem prejudicados.

(33) A justiça nada é em si mesma, mas um acordo nas relações mútuas¹⁸⁷, em locais de qualquer dimensão, numa dada altura, sempre, para não prejudicar, nem ser prejudicado.

[151] (34) A injustiça não é, em si mesma, um mal, mas no medo, segundo¹⁸⁸ a apreensão, de não escapar dos designados para punir tais coisas.

(35) Não é possível que fazendo algo em segredo, contra um acordo mútuo para não prejudicar, nem ser prejudicado, acreditar que escapará, mesmo que tenha escapado a isso milhares de vezes. Na realidade, até ao fim da vida, se escapará despercebido.

(36) Na generalidade, a justiça é algo comum a todos, porquanto confere algo na relação entre os outros; mas, segundo as regiões e por vezes outros motivos, a justiça privada não segue isso para todos.

[152] (37) O que se declara ser justo pelas leis é útil nas necessidades da relação com os outros, tem, no local, o ser próprio do justo, seja a mesma [lei] para todos ou não. Se uma lei se definir e não se revelar adequada aos relacionamentos com os outros, então isto não tem natureza de justo. E se o que é útil em conformidade com o útil mudar, mas durante algum tempo corresponda à noção anterior, ainda assim, durante aquele tempo era justa, para os que não se perturbam a si mesmos com palavras vãs, mas olham para os factos.

[153] (38) Então, não existindo circunstâncias novas, declara-se que as coisas julgadas justas por esses feitos, não correspondendo à noção anterior [de justiça], não eram justas. Mas, existindo novas circunstâncias, essas mesmas coisas justas não se mostravam úteis, então, eram justas quando eram úteis para as relações mútuas dos cidadãos; depois deixaram de ser justas, quando não eram úteis.

[154] (39) Quem teve audácia de enfrentar melhor os [inimigos] externos, este equipou-se de coisas da mesma raça que pôde; e as que não pôde, não as considera estranhas; mas quando isso lhe foi impossível, evitou todas as relações e afastou-as, na medida em que lhe era conveniente.

¹⁸⁷ [relações recíprocas].

¹⁸⁸ [decorrente da].

(40) Aqueles que têm capacidade de proporcionar maior segurança face aos vizinhos, possuindo a mais firme garantia, passaram uma vida muito agradável entre outros, e, recebendo plena familiaridade, não lamentam quando um morre prematuramente, por comiseração da sua morte¹⁸⁹.

¹⁸⁹ Sobre a necessidade de existir contenção e moderação também nos lamentos, vd. Håland 2014 345.

Referências bibliográficas

- ALLEN, D. The Rehabilitation of Epicurus and His Theory of Pleasure in the Early Renaissance. **SPh**, v. 41, 1944, p. 1-15.
- ANSELL-PEARSON, K. Heroic-idyllic philosophizing: Nietzsche and the Epicurean tradition. **Royal Institute of Philosophy Supplement**, v. 74, 2014, p. 237-263.
- ARKINS, B. Epicurus and Lucretius on Sex, Love, and Marriage. **Apeiron**, v. 18, n. 2, 1984, p. 141-143
- ASMIS, E. Epicurean Poetics. In: OBBINK, D. (Ed.). **Philodemus and Poetry: Poetic Theory and Practice in Lucretius, Philodemus, and Horace**. New York, Oxford: Oxford University Press, 1995, p. 15-34.
- ASMIS, E. Epicurean empiricism. In: WARREN, J. (Ed.). **The Cambridge Companion to Epicureanism**. Cambridge: Cambridge University Press, 2009, p. 84 -104.
- AUNE, D.; BRENK, F. (Eds.). **Greco-Roman Culture and the New Testament: Studies Commemorating the Centennial of the Pontifical Biblical Institute**, Leiden: BRILL, 2012.
- BAILLY, C.; SÉCHEHAYE, A. (Eds.). **Saussure. Cours de linguistique générale**, Lausanne-Paris: Payot, 1916.
- BRADLEY, B. Why is Death Bad for the One who Dies? **Nous**, v. 38, 2004, p. 1-28.
- BROWN, E. Epicurus on the Value of Friendship ("Sententia Vaticana" 23). **CPh**, v. 97, n. 1, 2002, p. 68-80.
- BRUNSCHWIG, J.; NUSSBAUM, M. (Eds.). **Passions and Perceptions: Studies in Hellenistic Philosophy of Mind**. Cambridge: The Cambridge University Press, 1993.
- CASTNER, C. Epicurean Hetairai As Dedicants to Healing Deities? **GRBS**, v. 23, 1982, p. 52-57.
- CHILTON, C. Did Epicurus Approve of Marriage? A Study of Diogenes Laertius X, 119. **Phronesis**, v. 5, n. 1, 1960, p. 71-75.
- CHILTON, C. The Epicurean Theory of the Origin of Language: A Study of Diogenes of Oenoanda, Fragments X and XI (W). **AJPh**, v. 83, n. 2, 1962, p. 159-167.
- CLAY, B. **Paradosis and Survival: Three Chapters in the Epicurean Philosophy**. Ann Arbor: University of Michigan Press, 1988.
- CLAY, D. Epicurus in the Archives of Athens. **Hesperia Supplements**, v. 19, 1982, p. 17-26.
- CLAY, D. The Cults of Epicurus. **CronErc**, v. 16, 1986, p. 12-28.
- CLAY, D. A Lost Epicurean Community. **GRBS**, v. 30, 1989, p. 313-335.
- CLAY, D. Epicurus' Last Will and Testament. **AGPh**, v. 55, n. 3, 2009, p. 252-280.

- COLE, T. **Democritus and the Origins of Greek Anthropology**. Cleveland: Western Reserve UP, 1967.
- CURD, P.; GRAHAM, D. (Eds.). **The Oxford Handbook of Presocratic Philosophy**. New York: Oxford University Press, 2008.
- DARAKI, M.; ROMEYER-DHERBEY, G. **El mundo helenístico: cínicos, estoicos y epicúreo**. Madrid: Akal, 1996.
- DE WITT, N. The Epicurean Doctrine of Gratitude. **AJP**, v. 58, 1937, p. 324–327.
- DE WITT, N. Organization and Procedure in Epicurean Groups. **CPh**, v. 31, n. 3, 1936, p. 205–211.
- DE WITT, N. **Epicurus and his Philosophy**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1964.
- DORANDI, T. **Diogenes Laertius: Lives of Eminent Philosophers**. Cambridge: Cambridge University Press, 2013.
- EARLE, W. Epicurus: 'Live Hidden!'. **Philosophy**, v. 63, n. 243, 1988, p. 93–104 .
- EVANS, M. Can epicureans be friends? **AncPhil**, v. 24, 2004, p. 407–424.
- FEIT, N. The Time of Death's Misfortune. **Nous**, v. 36, n. 3, 2002, p. 359–383.
- FELDMAN, F. **Confrontations with the Reaper: A Philosophical Study of the Nature and Value of Death**. New York: Oxford University Press, 1992.
- FISCHER, J. Epicureanism about Death and Immortality. **The Journal of Ethics**, v. 10, n. 4, 2006, p. 355–381.
- FISH, J.; SANDERS, K. (Eds.). **Epicurus and the Epicurean Tradition**. Cambridge; New York: Cambridge University Press, 2011.
- FITZGERALD, J.; OBBINK, D.; HOLLAND, G. **Philodemus and the New Testament world**. Leiden: BRILL, 2004.
- FREEMAN, K. **The Pre-Socratic Philosophers: A Companion to Diels, Fragmente Der Vorsokratiker**. Oxford: UCP, 1959.
- FRICKER, M.; HORNSBY, J. **The Cambridge Companion to Feminism in Philosophy**. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.
- GILLIHAN, Y. **Civic Ideology, Organization, and Law in the Rule Scrolls: A Comparative Study of the Covenanters' Sect and Contemporary Voluntary Associations in Political Context**. Leiden; Boston: BRILL, 2011.
- GOMES, T. A Ética de Epicuro: um Estudo da Carta a Meneceu. **Μετανόια**, v. 5, 2003, p. 147–162.
- GORDON, P. **Epicurus in Lycia: The Second-century World of Diogenes of Oenoanda**. Ann Arbor: University of Michigan Press, 1996.

- GORDON, P. **The Invention and Gendering of Epicurus**. Ann Arbor: University of Michigan Press, 2012.
- GORDON, P. Remembering the Garden: the Trouble with Women in the School of Epicurus. In: FITZGERALD, J.; OBBINK, D.; HOLLAND, G. (Eds.). **Philodemus and the New Testament World**. Leiden; Boston, Brill, 2004, p. 221-44.
- GRAHAM D.; HINTZ, E. Anaxagoras and the Solar Eclipse of 478 BC. **Apeiron**, v. 40, 2007, p. 319-344.
- GREY, W. Epicurus and the Harm of Death. **Australasian Journal of Philosophy**, v. 77, n. 3, 1999, p. 358-364.
- GRILLI, A. Epicuro e il matrimonio (D.L. X, 119). **RSF**, v. 26, 1971, p. 51-56.
- HÄGG, T. **The Art of Biography in Antiquity**. Cambridge; New York: Cambridge University Press, 2012.
- HÅLAND, E. **Rituals of Death and Dying in Modern and Ancient Greece: Writing History from a Female Perspective**. Newcastle upon Tyne: Cambridge Scholars Publishing, 2014.
- HANKINSON, R. Lucretius, Epicurus, and the Logic of Multiple Explanations. In: LEHOUX, D.; MORRISON, A.; SHARROCK, A. (Eds.). **Lucretius: Poetry, Philosophy, Science**. Oxford; New York: Oxford University Press, 2013, p. 69-97.
- HAWLEY, R. The problem of women philosophers in ancient Greece. In: ARCHER, L.; FISCHLER, S.; WYKE, M. (Eds.). **Women in ancient societies: an illusion of the night**. Basingstoke: Macmillan, 1994, p. 70-87.
- HERSHENOV, D. A more palatable Epicureanism. **AphQ**, v. 44, 2007, p. 171-180.
- HICKS, R. Diogenes Laertius X. 60. **CR**, v. 37, n. 5/6, 1923, p. 108-110.
- HOLMES, B.; SHEARIN, W. (Eds.). **Dynamic Reading: Studies in the Reception of Epicureanism**. Oxford; New York: Oxford University Press, 2012.
- HOPE, R. **The Book of Diogenes Laertius: Its Spirit and Its Method**, New York: Columbia University Press, 1930.
- KAHN, C. Some Remarks on the Origins of Greek Science and Philosophy. In: BOWEN, A. (Ed.). **Science and Philosophy in Classical Greece**. New York; London: Garland, 1991, p. 1-10.
- KERFERD, G. Epicurus' Doctrine of the Soul. **Phronesis**, v. 16, n. 1, 1971, p. 80-96.
- KONSTAN, D. **A Life Worthy of the Gods: The Materialist Psychology of Epicurus**. Las Vegas; Zurich; Athens: Parmenides Publishing, 2008.

- KONSTAN, D. Epicurus on the gods. In: FISH, J.; SANDERS, K. (Eds.). **Epicurus and the Epicurean Tradition**. Cambridge: Cambridge University Press, 2011, p. 53-71.
- LANGE, F. **Geschichte des Materialismus und Kritik seiner Bedeutung in der Gegenwart**, J. Baedeker: Iserlohn, 1866.
- LONG, A. **From Epicurus to Epictetus: Studies in Hellenistic and Philosophy**. Oxford, New York: Oxford University Press, 2006.
- LONG, A.; SEDLEY, D. **The Hellenistic Philosophers** 1. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.
- LUPER-FOY, S. Annihilation. **PhilosQ**, v. 37, 1987, p. 233-252.
- LUPER-FOY, S. **The Philosophy of Death**. Cambridge: Cambridge University Press, 2009.
- LYNCH, J. **Aristotle's School; a Study of a Greek Educational Institution**. Berkeley: University of California Press, 1972.
- MACKEY, J. New Evidence for the Epicurean Theory of the Origin of Language: Philodemus, On Poems 5 (PHerc. 403, fr. 5, col. i). **CronErc**, v. 45, 2015, p. 67-84.
- MARKOSIAN, N. A Defense of Presentism. In: ZIMMERMAN, D. (Ed.). **Oxford Studies in Metaphysics**, 1, Oxford: Oxford University Press, 2004, p. 47-82.
- MARQUES, M. Platão, personagem de Diógenes Laércio. In: LEÃO, D.; CORNELLI, G.; PEIXOTO, M. (Eds.). **Dos homens e suas ideias: estudos sobre as vidas de Diógenes Laércio**. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra; Centro de Estudos Clássicos da FLUC, 2014, p. 109-124.
- MARTINET, A. **Éléments de linguistique générale**. Paris: Armand Colin, 1960.
- MARX, K. The Difference Between the Democritean and Epicurean Philosophy of Nature. In: **Marx and Engels Collected Works**. New York: International Publishers, 1902, 1975 redação: 1840-1841.
- MCMAHAN, J. **The Ethics of Killing: Problems at the Margins of Life**. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.
- MEJER, J. **Diogenes Laertius and his Hellenistic background**. Wiesbaden: Steiner, 1978.
- MILITELLO, C. **Filodemo: Memorie epicuree (PHerc. 1418 e 310)**. Napoli: Biblioteca Nazionale, 1997.
- MITTIS, P. Friendship and Altruism. In: **Epicurus' Ethical Theory: The Pleasures of Invulnerability**. Ithaca: Cornell University Press, 1989, p. 98 -128.
- MOMIGLIANO, A. Ancient biography and the study of religion in the Roman Empire. In: **On Pagans, Jews and Christians**. London: Wesleyan University Press, 1987, p. 159-177.
- MORAES, J. **Epicuro: as luzes da ética**. São Paulo: Moderna, 1998.

- MOSSÉ, C. **Atenas: A História de uma Democracia**. Brasília: Editora UNB, 1997.
- NIKOLSKY, B. Epicurus on Pleasure. **Phronesis**, v. 46, n. 4, 2001, p. 440-465.
- NUSSBAUM, M. Therapeutic Arguments: Epicurus and Aristotle. In: SCHOFIELD, M.; STRIKER, G. (Eds.). **The Norms of Nature**. Cambridge: Cambridge University Press, 1986, p. 31-74.
- NUSSBAUM, M. **The Therapy of Desire: Theory and Practice in Hellenistic Ethics**. Princeton: Princeton University Press, 2013.
- O'KEEFE, T. Is epicurean friendship altruistic? **Apeiron**, v. 34, 2001, p. 269-305.
- O'KEEFE, T. **Epicureanism**. London; New York: Routledge, 2010.
- OBBINK, D. All Gods are True in Epicurus. In: FREDE, D.; LAKS, A. (Eds.). **Traditions of Theology: Studies in Hellenistic Theology, Its Background and Aftermath**. Leiden: Brill, 2002, p. 183-221.
- OBBINK, D. The Atheism of Epicurus. **GRBS**, v. 30, 1988, p. 187-223.
- PEIXOTO, M. Rhusmos e o Movimento dos Átomos na Filosofia de Demócrito. **Kriterion**, v. 51, n. 122, 2010, p. 413-428.
- RIST, J. **Epicurus. An Introduction**. Cambridge: Cambridge University Press, 1972.
- RIST, J. Epicurus on Friendship. **CPh**, v. 75, n. 2, 1980, p. 121-29.
- ROSENBAUM, S. How to be dead and not care: a defence of Epicurus, **PhilosQ**, v. 23, n. 2, 1986, p. 217-225.
- ROSKAM, G. **Live unnoticed: On the Vicissitudes of an Epicurean doctrine**. Leiden: Brill, 2007.
- SEDLEY, D. Epicurus' theological innatism. In: FISH, J.; SANDERS, K. (Eds.). **Epicurus and the Epicurean Tradition**. Cambridge: Cambridge University Press, 2011, p. 29-52.
- SHEARIN, W. **The Language of Atoms: Performativity and Politics in Lucretius' De Rerum Natura**. New York: Oxford University Press, 2015.
- SORABJI, R. **Animal Minds and Human Morals: The Origins of the Western Debate**. Ithaca: Cornell University Press, 1995.
- SPINELLI, M. Considerações acerca da *prolepsis* de Epicuro. **Transformação**, v. 35, 2012, p. 3-22.
- STEARNS, J. Epicurus and Lucretius on Love. **CJ**, v. 31, n. 6, 1936, p. 343-351.
- STEELE, J.; STEPHENSON, F.; MORRISON, L. Thales's Prediction of a Solar Eclipse. **JHA**, v. 28, 1997, p. 279-282.
- STEPHENSON, F.; FATOOHI, L. The eclipses recorded by Thucydides, **Historia: Zeitschrift für Alte Geschichte**, v. 50, n. 2, 2001, p. 245-253.

- TANNERY, P. **Pour l'histoire de la science hellène**. Paris: F. Alcan, 1887.
- TIPTON, J. **Philosophical Biology in Aristotle's Parts of Animals**. Annapolis: Springer Science & Business Media, 2013.
- TROCA PEREIRA, R. **A DITADURA DE EROS - ASSIM COMO NO PRINCÍPIO, AGORA E SEMPRE ... Mi(s)tos de cruor: reflexão diacrónica** (tese Pós-Dout.). Coimbra: Universidade de Coimbra, 2013.
- TROCA PEREIRA, R. Blasphemy: are Prophets Crooks? An Analysis based on IA 956-958. **JGRS**, v. 54, n. 3, 2015, p. 19-40.
- VERLINSKY, A. Epicurus and his predecessors on the origin of language. In: FREDE, D.; INWOOD, B. (Eds.). **Language and Learning**. Cambridge: Cambridge University Press, 2005, p. 56-100.
- VON DER MUEHLL, P. (Ed.). **Epicurus: Epistulae Tres et Ratae Sententiae**. Stuttgart: Teubner, 1966.
- WARREN, J. **Epicurus and Democritean Ethics: An Archaeology of Ataraxia**. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.
- WARREN, J. **Facing Death: Epicurus and his Critics**. Oxford: Clarendon Press, 2004.
- WARREN, J. **The Cambridge Companion to Epicureanism**. Cambridge: Cambridge University Press, 2009.
- WIDER, K. Women Philosophers in the Ancient Greek World: Donning the Mantle. **Hyspatia**, v. 1, n. 1, 1986, p. 21-62.
- WURSTER, S. Changing Perceptions: Philodemus and Epicurean Philosophy. **Journal of the Classical Association of Victoria**, v. 28, 2016, p. 13-28.